

Litescape.pt

Lisboa nas narrativas Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea

Ana Isabel Queiroz (coord.),
Ana Catarina Ramos, Ângela Pardelha, Chiara Spadaro, Ida Alves,
Isabel Fernandes Alves, Isabel Vasconcelos Ferreira,
João Eduardo Ferreira, João Henrique Banha, João Pimentel,
Nuno Ivo e Sasha Lima



Ficha técnica

© 2012, FCSH/NOVA e autores

FCSH/NOVA, Editora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa

Título: Lisboa nas narrativas. Olhares exteriores sobre a cidade antiga e contemporânea.

Autores: Ana Isabel Queiroz (coord.), Ana Catarina Ramos, Ângela Pardelha, Chiara Spadaro, Ida Alves, Isabel Fernandes Alves, Isabel Vasconcelos Ferreira, João Eduardo Ferreira, João Henrique Banha, João Pimentel, Nuno Ivo e Sasha Lima.

ISBN: 978-972-9347-08-5

Capa e design gráfico: Paulo A. M. Oliveira

Fotos do miolo: Carlos Romão

Edição: Dezembro de 2012

Agradecimentos

Agradece-se à EGEAC, ao Institut Français, ao Palácio Belmonte e à Livraria *Fabula Urbis* todo o apoio dado à oficina internacional “Lisboa nas narrativas: olhares exteriores sobre a cidade antiga e contemporânea” (1-8 de Fevereiro de 2012, Palácio Belmonte e Livraria *Fabula Urbis*, Lisboa) e, pessoalmente, a Carmo Gregório, Cátia Miriam Costa, Daniel Alves e Frederic Coustouls.

Este trabalho, enquadrado no projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” e coordenado pelo IELT - FCSH, foi também financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/ELT/UIO657/2011.

Os textos são publicados no idioma e na ortografia escolhida pelos autores. Respeitam-se ainda a diversidade de formatos e as propostas de revisão.

**Lisboa nas narrativas
Olhares do exterior sobre a cidade antiga
e contemporânea**

Ana Isabel Queiroz (coord.),
Ana Catarina Ramos, Ângela Pardelha, Chiara Spadaro, Ida Alves,
Isabel Fernandes Alves, Isabel Vasconcelos Ferreira,
João Eduardo Ferreira, João Henrique Banha, João Pimentel,
Nuno Ivo e Sasha Lima

Índice

Introdução	6
Ensaaios	
Olisipografia e literatura – os textos de estrangeiros até ao século XIX, João Pimentel	14
Falha e fragilidade: uma leitura da paisagem em <i>A Ira de Deus: O Grande Terramoto de Lisboa de 1755</i> de Edward Paice, Isabel Fernandes Alves	27
Imagens de Lisboa setecentista nas narrativas de viajantes estrangeiros, Ana Catarina Ramos	39
Jardins cercados: deambulações por Lisboa e arredores de dois viajantes alemães na viragem do século XVIII para o século XIX, Sasha Lima	51
Construção múltipla da primeira Lisboa do século XX, João Henrique Banha	64
Amerika, Amerika, Nuno Ivo	68
Lisboa, sala de espera. Os refugiados em <i>Uma Noite em Lisboa</i> de Erich Maria Remarque, Isabel Vasconcelos Ferreira	85
<i>Requiem</i> . Paesaggi vagabondi nella città di Lisbona, tra sogno e realtà, Chiara Spadaro	100
Olhares brasileiros sobre Lisboa: cidade-paisagem em dois tempos, Ida Alves	106
Vivências cabo-verdianas de Lisboa, Ângela Pardelha	117
Lisboa de Rolin, Loude e Le Tellier, Ana Isabel Queiroz	124
Ficção	
A cidade está no bolso de um larápio, João Eduardo Ferreira	142

Introdução

Ana Isabel Queiroz

Reúne-se um conjunto de 12 textos sobre Lisboa: 11 ensaios e um conto. Estes partem de representações literárias produzidas por escritores estrangeiros, mas também de afinidades disciplinares e da experiência própria da paisagem da cidade, deixadas transparecer pelos que os assinam. A reflexão que lhes serviu de elo e catalisador gerou-se na oficina internacional “Lisboa nas narrativas: olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea” realizada em Lisboa, no Palácio Belmonte e na Livraria *Fabula Urbis*, entre 1 e 8 de Fevereiro de 2012. Aí, participantes de diferentes áreas académicas analisaram conjuntamente o passado, o presente e o futuro da paisagem de Lisboa, equacionando dimensões geográficas, históricas, antropológicas, arquitectónicas, económicas, ecológicas e artísticas.

Apresentam-se agora os resultados, explorando o imaginário sobre Lisboa e as respectivas geografias literárias, um manancial de imagens, ideias e conhecimentos que contribuem para gerar novas narrativas, visando a sua gestão. Em termos académicos, a oficina teve enquadramento no projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (<http://paisagensliterarias.ieltorg>), coordenado pelo IELT – FCSH, Universidade Nova de Lisboa, cujo objectivo principal assenta na ligação entre a literatura e o território, valorizando-os mutuamente.

A introdução apresenta este volume, capítulo a capítulo, seguindo um itinerário temático que reinventa a geografia e o calendário.

Abre com um texto de João Pimentel, para compreender o interesse dos relatos dos estrangeiros para o conhecimento da cidade. Área multidisciplinar de estudos sobre Lisboa, a Olisipografia bebe destas fontes, sobretudo quando se detém sobre “as imagens sensíveis da cidade”. Em virtude do distanciamento dos seus observadores, estes encerram importantes elementos críticos, ainda que o preconceito e as origens culturais presidam à sua classificação – defende o autor. Esta reflexão é complementada com uma valiosa compilação de referências, com ênfase nos textos produzidos nos profícuos séculos XVIII e XIX.

Entre muitos outros, surgem os textos de Arthur William Costigan (*Sketches of Society and Manners in Portugal: in a series of letters*, 1787), Giuseppe Gorani (*Memorie di Giovinezza e di Guerra*, 1764-1766) e Johann Heinrich Friedrich Link (*Bermerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, Kiel, 1801-1804), analisados nos capítulos seguintes.

São imagens da Lisboa setecentista que Ana Catarina Ramos vai buscar aos 3 viajantes acima citados. Imagens distintas mas complementares, que trazem à análise a multiplicidade de condicionantes pessoais espelhadas nos textos: Costigan, é pseudónimo de um militar escocês destacado em Portugal entre 1762 e 1778, de onde sai após uma estadia ressentida; Gorani, descende de uma família milanesa e permanece no país entre 1765 e 1767, não sendo claro se nesse período trabalhou como espião ou se apenas se infiltrou na alta sociedade de Lisboa para tentar obter relevo e posição; Link é um naturalista, professor na Universidade de Rostock, de onde se ausenta por dois anos para acompanhar o projecto de outro botânico, o Conde Johann Hoffmannsegg, num estudo sistemático da flora portuguesa. Conhecimento, percepção e motivação diferentes, os seus textos trazem-nos uma visão ampla sobre a Lisboa pós-terramoto, do edificado aos hábitos da população, incluindo higiene e alimentação.

“Jardins cercados”, de Sasha Lima, detém-se no texto assinado pelo naturalista Link e nas suas deambulações com Hoffmannsegg, na viragem do século XVIII para o século XIX. São detalhadas as descrições dos elementos naturais (e.g. geomorfologia, coberto vegetal, água) e dos usos agrícolas. A autora partilha com o conde alemão o interesse pela diversidade dos citrinos – laranjas, limões e cidrões – que, à época, a tradição judaica tinha ajudado a disseminar e a manter na Europa. Tal como a estrofe 56 do Canto IX de *Os Lusíadas*, todo seu texto é fragrante dos frutos citados!

Falha e fragilidade são as palavras-chave do capítulo assinado por Isabel Fernandes Alves para um olhar sobre a cidade arruinada pela sua mais icónica tragédia. O livro de Edward Paice, *A Ira de Deus: O Grande Terramoto de Lisboa de 1755* (2008), é o seu objecto de análise. Mas a autora cruza as descrições dos espaços, da sociedade e da cultura reflectidos nos relatos da época com a ideia de paisagem, que então ganhava vigor.

À Lisboa magnífica de meados do século XVIII, que reflecte o ouro do Brasil nos seus palácios, igrejas, praças e no Aqueduto das Águas Livres, segue-se a paisagem da ruína, com morte e destruição. E dos escombros que uma falha gerou – sabemos-la geológica, mas outros a consideraram moral e a merecer castigo sísmico –, nasce a consciência da fragilidade dos homens e das suas obras. No pós-terramoto, nasce também uma nova cidade, lida nos relatos de alguns estrangeiros que presenciaram a reconstrução e o seu devir. Uma urbe moderna, mais ordenada e regularizada, talvez menos frágil, todavia construída sobre a mesma falha. Isabel Fernandes Alves lembra também o Convento do Carmo, testemunho e símbolo, memória das interações entre a natureza e a cultura que constroem a paisagem.

Uma construção múltipla é o que João Henrique Banha reconhece na Lisboa do romance de Thomas Mann, *As confissões de Felix Krull, cavalheiro de indústria*. É um texto breve onde se defende que a identidade encenada da personagem e a paisagem literária apresentada se geram num mesmo processo de construção. A transcendência do espaço ficcional das suas ruas, jardins e monumentos advém de uma permanente contaminação entre o autêntico – de que nunca teve experiência própria – e o imaginado. Aos leitores do romance, o autor adverte que Mann lhes trará uma imagem distante da dos historiadores, pois embora pontuada de factos e topónimos da Lisboa do início do século XX, é imagem mascarada de existência real.

Apesar de marcantes acontecimentos políticos e do desenvolvimento urbano realizado nas primeiras décadas do século XX, Lisboa chega a 1940, e ao crítico período da 2ª Guerra Mundial, guardando a fisionomia setecentista e oitocentista. Guarda também o seu carácter de porto de abrigo e lugar de passagem para viajantes com destino noutras partes do mundo. Nesse ano atormentado pela ocupação nazi e pela perseguição dos judeus, Lisboa recebe milhares de refugiados, entre os quais Alfred Döblin e a sua família. Como nos alerta Nuno Ivo, a cidade é apenas amparo temporário de uma fuga que tem destino noutra continente, um sítio onde se apanhava o barco para a América.

Os Döblin são acolhidos com luz, música e risos, elementos ausentes na hecatombe da guerra. Aqui recebem também notícias de familiares e amigos, através de cartas enviadas para a posta-restante, e levantadas na Estação Central dos Correios, no Terreiro do Paço. Nas ruas e praças do centro da cidade,

frequentando os cafés, os fugitivos do Reich esperam uma oportunidade para embarcar. “Amerika, Amerika” traz-nos Lisboa olhada pelo escritor de *Viagem ao Destino*, um relato de viagem, convocando e documentando também o contexto político do Estado Novo.

O capítulo subsequente, da autoria de Isabel Vasconcelos Ferreira, analisa o romance de Erich Maria Remarque, *Uma Noite em Lisboa*. Nesta obra, o escritor alemão homenageia os milhares de desterrados e proscritos do nacional-socialismo que, no período da 2ª Guerra Mundial, aportaram a Lisboa antes de seguirem para a viagem transatlântica, tal como os Döblin. Ele próprio, sem seguir essa rota, foi obrigado a emigrar para os Estados Unidos da América, em 1939. O seu conhecimento da cidade terá sido indirecto.

“Lisboa, sala de espera” detém-se sobre os acontecimentos mundiais e nacionais ocorridos em 1942, ano em que Remarque situa esta ficção: narrativa sobre uma personagem que, possuindo dois bilhetes para a liberdade, está disposto a dispensá-los a um refugiado desconhecido e sem documentação, que seja capaz de escutar a sua história de vida. Neste enredo, a obra aprofunda a existência de dois tipos de refugiados: os que eram bem acolhidos pelo regime de Salazar, por entrarem legalmente no país e pretenderem pôr a salvo as suas economias, e os indesejados, judeus ou refugiados políticos, tidos como uma ameaça.

Sem ter conhecido a Lisboa dos refugiados, Pessoa morreu em 1935. Mas depois dela, ainda e sempre, Lisboa respirava sob o espectro da figura misteriosamente produtiva do poeta multiplicado. A literatura de escritores estrangeiros vai falar dele. Este volume, também.

Move-se então o leitor para uma Lisboa tórrida. Antonio Tabucchi viaja inquieto, num domingo de Julho, ao encontro do fantasma do grande poeta do século XX (como ele chama a Fernando Pessoa), numa experiência sensorial e afectiva de 12 horas pela cidade quase deserta. Narrativa de vagabundagem é o que Chiara Spadaro quer destacar, e para isso usa o italiano. Porque, se concorda com o escritor seu conterrâneo que a língua é lugar de afecto – este escreveu *Requiem* em português –, ela descansa literariamente no seu próprio idioma da Babel que viveu no Palácio Belmonte, durante a oficina internacional “Lisboa nas narrativas”. Aí, para falar da cidade, português, francês e inglês diversificaram-se em diferentes fluências e sotaques.

“Requiem. Paesaggi vagabondi nella città di Lisbona, tra sogno e realtà” é também um texto onde ser estrangeiro num lugar se desliga do país de nascimento e da sua língua – a personagem do romance diz ter Portugal inscrito na sua bagagem genética – para criar um verdadeiro sentimento de pertença. A afeição de Tabucchi, pelo país, pela cidade e pela sua identidade cultural – feita língua, literatura, artes plásticas, património, etc. –, partilhada por Chiara Spadaro, valoriza uma paisagem de vistas, cheiros e sabores, encontro subjectivo e singular entre o real e a fantasia, capaz de fundir o passado e o presente, e assim reinventar um futuro.

Três dos escritores franceses em residência artística no Palácio Belmonte no início de Fevereiro de 2012 - Olivier Rolin, Jean-Yves Loude e Hervé Le Tellier -, partilham com o saudoso italiano uma relação que vincula o seu imaginário sobre Lisboa à figura de Fernando Pessoa. Esse é, aliás, o primeiro dos lugares comuns que Olivier Rolin associa à cidade vivida e imaginada, lugares-comuns que servem de roteiro para a leitura das obras deste escritor, *O Bar da Ressaca* (*Bar des flots noirs* 1987, 1ª edição) e “Lisbon revisited” (texto originalmente publicado no *Le Monde*, Fevereiro de 1989), de *Lisboa na cidade negra* (*Lisbonne dans la ville noir* 2003, 1ª edição) de Jean-Yves Loude, e de *Eléctrico W* (2011) de Hervé Le Tellier. Em que locais estes textos encontram o poeta, o fado, as sardinhas e o bacalhau, o terramoto de 1755, os azulejos, e os eléctricos?

A autora de “Lisboas de Rolin, Loude e Le Tellier”, que é também a desta introdução, confessa aqui e agora que tem dificuldade em apresentar a causa própria. Sobretudo porque o seu texto não se confinou ao já exigente desafio da análise, e se lançou perigosamente na materialização de uma narrativa reconfigurada. Com o Tejo à vista, navegado, e de permeio, deixou que o ensaio comparatista, ilustrado com uma representação geográfica das obras, escorregasse timidamente para o domínio de uma certa ficção(zinha), e se reinventasse num diálogo plausível entre os três escritores. No final, a despedida em francês: *Au revoir! À bientôt, mes amis!*

A cidade atlântica ergueu pontes robustas para a lusofonia de outras partes do Mundo.

Ida Alves traz-nos duas imagens da cidade de Lisboa, resultado da percepção de dois escritores brasileiros que, em momentos diferentes e a partir de contextos e interesses diversos, se cruzam com a sua geografia. A sua “cidade-

paisagem em dois tempos” é a de Cecília Meireles (*Crônicas de viagem 3*), encantamento na primeira metade do século XX, e a de Luiz Ruffato (*Estive em Lisboa e lembrei de você*), destino de um mineiro de Cataguases, à procura de uma vida melhor, datada do final do mesmo século.

Na primeira, a dimensão afetiva marca as descrições sensoriais, as evocações de memórias e histórias. É sobretudo na parte mais antiga da cidade que a escritora detém o seu olhar. Olhar lírico e romântico sobre, como nos lembra Ida Alves, uma cidade estagnada no tempo pela ditadura salazarista quando no Brasil se vivia a ideia de transformação do país. Na segunda, a autora destaca “o linguajar mineiro interiorano do dia a dia” que dá corpo ao relato de memórias e experiências de *Serginho*, um imigrante pobre que, ao contrário de um turista, não tem com Lisboa a mesma relação de imediata descoberta de beleza e monumentalidade. Ele desvenda Lisboa aos poucos, na banalidade quotidiana que partilha, mesmo quando se tratam de “sítios bestiais” (a expressão é de Ruffato), tais como o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa, Belém, o Padrão dos Descobrimentos ou a Gare do Oriente.

Ensaia-se uma leitura comparativa das obras *Dona Pura e os Camaradas de Abril* de Germano Almeida e *A Verdade de Chindo Luz* de Joaquim Arena, escritores cabo-verdianos com vivências demoradas em Lisboa. Nestas obras, Ângela Pardelha não encontra descrições demoradas mas a cidade que é cenário das histórias emerge em momentos de contemplação. Os dias em torno do 25 de Abril de 1974, vividos por um estudante universitário deslocado da sua ilha natal, são centrais no primeiro destes livros. Este deambula pelo centro de Lisboa – Rossio, Restauradores, Largo do Rato, Príncipe Real, Praça do Comércio – e por uma zona mais ocidental – Campo de Ourique e Jardim da Estrela. Já Joaquim Arena representa a Lisboa do período pós-colonial, a vida das comunidades imigrantes de Cabo Verde nos bairros pobres e esquecidos da periferia oriental.

“Aproxima-os o diálogo permanente que estabelecem entre Lisboa e Cabo Verde”, escreve Ângela Pardelha, referindo-se a reflexões que, ainda de modo distinto, abordam a questão da nacionalidade, da construção da identidade pessoal como algo indissociável de um património cultural específico.

Por fim, quando a recriação ensaística da cidade já demonstrou o viço que os demais lhe foram imprimindo, chegamos ao conto: texto assumidamente ficcional que parte da experiência de João Eduardo Ferreira e de uma Lisboa

literária que se posiciona no século XVI, representada em *O último cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler. Um livro furtado e o bairro de Alfama estão lá, a unir a teia da imaginação e a construir uma narrativa na primeira pessoa, ora à procura de uma bica e de um pastel, ora reencontrando, no silêncio do passado, o elo perdido entre os livros e os anjos.

A personagem da história vem do Porto a Lisboa (como Richard Zimler) para moderar uma sessão da Comunidade de Leitores de Paisagens Literárias de Lisboa, na *Fabula Urbis* (como João Eduardo Ferreira), na qual, evocando-se o romance, se reconstruirá uma geografia pré-terramoto, e se falará da Cabala e da perseguição dos judeus quinhentistas.

Multidimensional no tratamento do espaço, para ler “A cidade está no bolso de um larápio”, o leitor acompanha a narrativa com um esforço de posicionamento geográfico, recorrendo ao mapa inventado por Richard Zimler (ou a um qualquer mapa-roteiro que lhe sirva de referente), e com um empenho necessário nos itinerários íngremes e sinuosos. Multidimensional no tratamento do tempo, este conto traz ao leitor a verdadeira natureza da paisagem urbana actual, palimpsesto de intervenções, memória ricamente preenchida de séculos de vivências.

A ambição de quem organizou a oficina internacional “Lisboa nas narrativas: olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea” é que fechando-se este trabalho com a publicação dos seus resultados, se mantenha aberto o mesmo caminho de reflexão sobre a cidade. Íngreme e sinuoso como as suas artérias, ao caminho que funde a literatura e o território associa-se o desejo de ver concretizar, aqui e acolá, com a participação de muitos, as práticas de conservação ou de mudança que a urbe cultural exige.



Ensaio

Olisipografia e literatura – os textos de estrangeiros até ao século XIX

João Pimentel

A Olisipografia – do topónimo olisipo + grafia – começou por ser um conjunto de escritos eruditos, ou simplesmente literários, sobre a história e a descrição de Lisboa. Actualmente, é uma área multidisciplinar de estudos sobre Lisboa, centrada nas ciências sociais e humanas que incide, fundamentalmente, em aspectos arqueológicos, históricos, sociológicos, urbanísticos, etnográficos, antropológicos e literários.

Para o olisipógrafo, tudo se pode converter em fonte. Basta um tema e uma pergunta formulada a partir de conceitos que o problematizem e construam como objecto. Toda a descrição – reconstituição ou reinvenção – escrita do passado, remoto ou recente, é literária, mesmo se fundamentada em fontes tratadas sistemática e metodologicamente de forma rigorosa. Com o desenvolvimento do positivismo estabeleceu-se uma fronteira entre ciências sociais e literatura; a concepção dos fundamentos das ciências sociais, dentro de uma orientação científica ou de uma hermenêutica, implicou o afastamento entre a obra científica e a literária.

No século XX verificou-se uma complexa relação de antagonismo entre ciências sociais e literatura, estabelecendo-se, todavia, uma distinção entre a literatura ficcional e as narrativas fundamentadas.

Nas últimas décadas, os cientistas sociais passaram a admitir que a literatura oferece uma importante contribuição para a compreensão do mundo sócio-cultural.

A literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, uma narrativa que fala do mundo de forma indirecta, metafórica e alegórica. Para a Olisipografia, é uma fonte que permite um acesso particular ao imaginário. A coerência de sentido de um texto literário permite a orientação da investigação para aspectos relacionados com as imagens sensíveis da cidade. A utilização da literatura como fonte da Olisipografia é tanto mais profícua quanto mais próxima estiver de uma descrição do real.

Sendo o texto literário um modo de organização de uma experiência simbólica, não descreve a realidade, mas as representações da realidade do seu autor. O sentido dos textos deve ser considerado como o resultado de um compromisso entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social, que

envolvem, simultaneamente, os materiais e matrizes da criação estética e as condições da sua possível compreensão.

Uma relação contemporânea com as obras e os géneros literários não pode ser considerada nem como definitiva nem como universal. Literatura e História são narrativas que têm o real como referente, representações que se aplicam à vida e que a explicam. Partilham a forma de construir a temporalidade e a mesma concepção de causalidade.

Na reconfiguração de um tempo histórico reconstruído pela narrativa, face à impossibilidade de repetir a experiência real, os historiadores elaboram versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que se terá passado um dia. O historiador atinge pois a verosimilhança, não a veracidade. O verosímil não é a verdade, é o provável, o que poderia ter sido ou que é tomado como tal, passível de aceitação. A invenção do passado, pela História, é uma ficção controlada, pelo tratamento e interpretação das fontes.

A literatura é uma imitação da realidade, constituindo-se através da verosimilhança; não sendo a verdade nem a realidade, expressa semelhanças com elas. A ficção relata o que poderia acontecer, é imaginada dentro das possibilidades reais. Tanto a realidade exterior como a interior ao texto exigem verosimilhança, pois um texto ficcional deve ser coerente na acção dos personagens e no desenrolar da história. Ao construir uma representação social da realidade, o imaginário substitui-se-lhe. O mundo passa a ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos.

A ficção literária permite o acesso a sensibilidades e formas de ver a realidade de um outro tempo, ao resgate de possibilidades verosímeis sobre a forma como as pessoas agiam, pensavam, os seus temores, ânsias e expectativas.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e factos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa dada temporalidade. Para o olisipógrafo, o que conta na leitura do texto literário não é só o seu valor como documento, testemunho de verdade ou autenticidade dos factos, mas o seu valor de problema.

O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de factos criados pela ficção. É a expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Os factos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância.

Pensar a literatura como um recorrente testemunho do seu tempo – a reconfiguração temporal – é uma das dimensões de análise da literatura como fonte.

A literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registo, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens num certo momento da história. É um registo de impressões de vida, constituindo uma realidade que é, para todos os efeitos, verdadeira, mas não no sentido literal.

A literatura que reinstala o tempo de um passado remoto ou a que projecta, ficcionalmente, a narrativa para o futuro são, também, testemunhos do seu tempo. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está hoje presente numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjectivas de homens e mulheres. Inserida no movimento da sociedade, tem sido abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas redes de interlocução, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Em grande parte, esses estudos colocam uma questão central: a relação que pode ser estabelecida entre realidade e ficção.

Como documento de uma cultura, mas também limitada por esta, a literatura, como toda a produção artística embora sendo uma actividade livre e criadora, tem a sua matéria fundada na realidade mundana. Mais do que uma relação directa ou óbvia, deve ser considerada como uma complexa problemática que, para o olisipógrafo, significa, igualmente, pensar a construção do seu conhecimento.

De entre as diversas fontes que contribuem para os estudos olisipográficos, as obras literárias de estrangeiros – estudos históricos, epistolografia, memorialismo, ou descrição de viagens – constituem um corpus diferenciado, que exige uma abordagem metodológica específica, uma sistematização crítica rigorosa, sobretudo nos géneros de viagens, muito frequentes nos séculos XVIII e XIX.

Os relatos de estrangeiros são uma contribuição importante para o conhecimento da sociedade portuguesa, porque para os nacionais os costumes e as justificações da vida diária banalizam as circunstâncias quotidianas e isentam-nas de um exame crítico. O conhecimento do quotidiano não contribui para o interesse em o registar.

Uma das condições para o conhecimento de uma sociedade é não lhe pertencer. É impossível, por diversas razões, incluindo as de ordem política e social internas, viver numa sociedade e conhecê-la totalmente. O distanciamento contribui para a compreensão, embora não a garanta, pois a aprendizagem por observação dos elementos sociais e a forma de os classificar baseia-se no

preconceito. A relação com o outro é mediada pela representação significativa do contexto em que é obtida, pela reflexão derivada da percepção e julgamentos e pela subjectividade dos factores organizadores da experiência: significados, símbolos, valores e crenças. Todos os relatos, por estrangeiros, da paisagem e da vida portuguesa, são resultado desse distanciamento, reflectindo hábitos e preconceitos dos autores. A sua origem social, ideias religiosas e políticas, para além da forma como foram recebidos em Portugal, devem ser consideradas de forma rigorosa.

Assim, devem ser avaliadas as condições subjectivas propiciadoras de erros de percepção (estereótipos) e, conseqüentemente, estimuladoras de julgamentos errados.

Entre os autores estrangeiros que escreveram sobre Portugal, encontram-se soldados (sobretudo nos períodos da Guerra Peninsular e das Guerras Liberais), diplomatas, cientistas e simples viajantes. Como o tempo de estadia era, geralmente, curto, verifica-se, muitas vezes o recurso a descrições de outros autores. O facto de se constituírem como um testemunho coevo releva a sua importância, não obstante o cuidado necessário na utilização das informações. A mais antiga referência à região de Lisboa encontra-se no Périplo *Massaliota* [séc. VI a.C.] citado na *Ora Marítima*, do poeta latino Rufus Avienus Festus [séc. IV]. Embora não mencionando qualquer povoado, refere as condições de navegabilidade do estuário do Tejo e uma estrada que ligaria a Tartessus, no sul da Ibéria.

Ainda na Antiguidade, conhecemos uma curiosa referência de Marcus Terentius Varro [116 - 27 a.C.] na obra *Rerum Rusticarum libri III*: «na Lusitânia, à beira do Oceano, na região onde se situa a cidade de Olisipo, algumas éguas no Monte Tagrus, em certa época, concebem do vento».

Na Idade Média, são referências a obra do cartógrafo Muhammad Al-Idrisi [1110-1166] e a carta do cruzado inglês que descreve a cidade e a sua conquista pelos cristãos.

No século XV, de entre os relatos de viajantes com referências e notícias sobre Lisboa, destaca-se Hieronimus Münzer. No século seguinte, distinguem-se os depoimentos, divulgados por Alexandre Herculano, de Giovanni Battista Venturini (*Del viaggio del Cardinale Alessandrino legato alli serenissimi Rè di Francia, Spagna et Portogallo*, 1571) e o do relator anónimo da viagem dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani, enviados a Lisboa em 1580, logo após a integração filipina.

Quanto ao século XVII, entre os mais significativos textos sobre Lisboa,

assinalam-se os comentários de Joannes de Laet [1593-1649] (*Portugallia : sive, De regis Portugalliae, regnis et opibus commentarius*, Lugd. Batavor [Leyden] 1641), os relatos da viagem de Cosimo de Medicis, em 1669, por Lorenzo Magalotti, [1637-1712], o texto de John Stevens (*The Ancient and Present State of Portugal*) que, embora publicado em 1705, se refere à Lisboa seiscentista, o *Journal de Voyages*, de Balthasar de Monconys [1611-1665] (*Journal des voyages de Monsieur de Monconys, Conseiller du Roy en ses Conseils d'Etat & Privé, & Lieutenant Criminel au Siège Presidial de Lyon*, 2 vols., Lyon, 1665-1666) e a descrição de Lisboa por Charles Dellon (*Histoire de l'Inquisition de Goa*, 1687). Os séculos XVIII e XIX foram muito mais profícuos. Segue-se uma lista, naturalmente incompleta, com algumas das obras mais interessantes. Algumas destas obras têm várias edições em diferentes línguas. Assim, optou-se por referir, quando possível, a primeira edição na língua original do autor.

Século XVIII

ANÓNIMO. *Authentic memoirs concerning the Portuguese Inquisition*. - London : Printed for W. Sandby, 1761.

ANÓNIMO. *Description de la ville de Lisbonne où l'on trait de la Cour, de Portugal, & des Mœurs des Habitans; du gouvernement, des revenus du Roi, & de les forces par mer e par terre; des Colonies Portugaises & du commerce de cette capitale* - A Paris - Chez Pierre Prault, Quay de Gesfres, au Paradis - 1730

ANÓNIMO. *The Lisbon guide : containing directions to invalids who visit Lisbon : with a description of the city and tables of the coin, weights and measures of Portugal*. London : Printed for J. Johnson by J. Crowder, 1800.

BARETTI, Giuseppe Marco Antonio [1719-1789]. *Lettere Familiari di Giuseppe Baretti a suoi tre Fratelli Filippo, Giovanni e Amadeo*, 1.º vol., Milão, 1762; 2.º vol., Veneza, 1763

BECKFORD, William Thomas [1760-1844]. *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaca and Batalha / by the author of "Vathek"*. - London : Richard Bentley... publisher : printed by Samuel Bentley, 1835.

- BECKFORD, William Thomas [1760-1844]. *Italy : with sketches of Spain and Portugal*, London : Richard Bentley, 1834. - 2 vol.
- BECKFORD, William Thomas [1760-1844]. *The journal of William Beckford in Portugal and Spain, 1787-1788*. Edited with an introd. and notes by Boyd Alexander ,New York, J. Day Co., 1955
- BEBRINSAEZ, Anastasio Franco y, *Viage topografico desde Granada a Lisboa :* 1774. Granada: Imprenta Real, 1774.
- BLANKETT, John [17...? -1801]. *Letters from Portugal on the late and present state of that kingdom*, London : Printed for J. Almon, 1777
- BOMBELLES, Marc Marie, marquis de, [1744-1822]. *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788 / marquis de Bombelles ; publie avec l'autorisation du comte Georg Clam-Martinic ; ed. etablie, annotee et precedee d'une introd. par Roger Kann*, Paris : Presses universitaires de France, 1979.
- BOURGOING, Jean-François [1748-1811]. *Voyage du ci-devant duc du Chatelet en Portugal, ou se trouvent des détails intéressans sur ses colonies, sur le tremblement de terre de Lisbonne, sur M. de Pombal et la cour*; Paris, F. Buisson, 1798
- CARRÈRE, Joseph-Barthélemy-François [1740-1802]. *Tableau de Lisbonne en 1796 suivi de lettres écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce Royaume*, Paris, 1797
- CARRÈRE, Joseph-Barthélemy-François [1740-1802]. *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne ou Tableau Moral, Civil, Politique, Physique et Religieux de cette capitale*, Paris, 1798
- COSTIGAN, Arthur William, pseudónimo de James Ferrier [1734-????]. *Sketches of Society and Manners in Portugal : in a series of letters / from Arthur William Costigan*. - London : printed for T. Vernor, Birchinn-Lane, Cornhill, 1787

COUSTOS, John [1703 - 1746]. *The sufferings of John Coustos, for free-masonry, and for his refusing to turn Roman Catholic, in the inquisition at Lisbon; where he was sentenc'd, during four years, to the galley; and afterwards releas'd ... : To which is annex'd, The origin of the inquisition, with its establishment in various countries. ... / Extracted from a great variety of the most approved authors. Enrich'd with sculptures, design'd by Mr. Boitard. London : printed by W. Strahan, for the author, 1746*

COX, Thomas [????- 1763]. *Relação do Reino de Portugal, 1701 / Thomas Cox, Cox Macro ; coord. Maria Leonor Machado de Sousa ; trad. Maria João da Rocha Afonso ; [ed.] Biblioteca Nacional. - Lisboa : BN, 2007*

DALRYMPLE, William [1723-1814]. *Travels through Spain and Portugal, in 1774; with a short account of the Spanish expedition against Algiers, in 1775 / by Major William Dalrymple, Londres 1777*

D'ARCE, Louis Armand de Lom [1666-1715?]. *Suite du voyage de l'Amerique, ou, Dialogues des Monsieur le baron de Lahontan et d'un sauvage de l'Amerique : contenant une description exacte des moeurs & des coutumes des ces peuples sauvages : avec les voiajes du meme en Portugal & en Danemarck, dans lesquels on trouve des particularitez tres-curieuses, & qu'on n'avoit point encore remarquees : le tout enrichi des cartes et de figures. Amsterdam : Chez la veuve de Boeteman, 1728*

DUMOURIEZ, Charles François du Perier [1739-1823]. *État présent du Royaume de Portugal en l'année MDCCLXVI, Lausanne : Chez Francois Grasset & comp., 1775*

FARMER [???]. *Two very circumstantial accounts of the late dreadful earthquake at Lisbon, giving a more particular relation of that event than any hither to published. The first drawn up by Mr. Farmer, a merchant, of undoubted veracity, who came over from the ruined city in the Expedition packet-boat, just arrived at Falmouth. The second related by another gentleman, who came over also in the above*

packet, and taken in writing from his mouth. Now published from a principle of benevolence, to satisfy the curiosity of the public. To which is added, an account of the antiquity, grandeur, beauty, and extent of the famous city of Lisbon before the earthquake, lately publish'd in London, and came in the last ship. Exeter, printed. Boston, re-printed and sold by D. Fowle in Ann-Street, and Z. Fowle in Middle-Street, 1756

GORANI, Conde Giuseppe, *Memorie di Giovinezza e di Guerra* [1764-1766],
Pubblicate da Alessandro Casati, Milão: A. Mondadori, 1936.

LINK, Johann Heinrich Friedrich [1767-1851]. *Bermerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, Kiel, 1801-1804, conhecido em Portugal, especialmente, através da tradução francesa, *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799, contenant une foule de détails neufs et intéressans sur la situation actuelle de ce royaume, sur l'histoire naturelle et civile, la géographie, le gouvernement, les habitans, les moeurs, usages, productions, commerce et colonies du Portugal, spécialement le Brésil / par M. Link et le Comte de Hoffmansegg... traduit de l'Allemand.* - Paris : Dentu, Imprimeur-Libraire, 1808

MARVEILLEUX, Charles Frédéric de [????-1749]. *Memoires instructifs pour un voyageur dans les divers etats de l'Europe, contenant des anecdotes curieuses tres propres a eclaircir l'histoire du tems* . Amsterdam : H. du Sauzet, 1738

MURPHY, James Cavanah [1760-1814]. *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790 : Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom / by James Murphy, Architect.* London : A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795.

MURPHY, James Cavanah [1760-1814]. *A general view of the state of Portugal : containing a topographical description thereof : in which are*

included, an account of the physical and moral state of the kingdom : together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies : the whole compiled from the best Portuguese writers, and from notices obtained in the country / by James Murphy, London : Printed for T. Cadell and W. Davies, 1798

PITT, Thomas, *Observações de uma Viagem a Portugal e Espanha (1760) / Observations in a Tour to Portugal and Spain (1760)*, Introdução e Direcção Científica de Maria João Neto, IPPAR, Lisboa, 2006.

RUDERS, Carl Israel[1761-1837]. *Portugisisk Resa, Beskrifven i Breftill Vänner*, Estocolmo, 1805; *Viagem em Portugal 1798-1802 / Carl Israel Ruders* ; trad. de António Feijó ; pref. e notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981

SALVADOR, Joan [1683-1725]. *Viatge d'Espanya i Portugal, [1716-1717] a cura de Ramon Folch i Guillen*, Barcelona, Edicions 62, 1972

SCHAW, Janet [1731- 1801]. *Journal of a Lady of Quality; Being the Narrative of a Journey from Scotland to the West Indies, North Carolina, and Portugal, in the Years 1774 to 1776*: Oxford University Press, 1921

SOUTHEY, Robert [1774-1843]. *Letters writen during a short Residence in Spain and Portugal*, Bristol, 1797.

SOUTHEY, Robert [1774-1843]. *Journals of a residence in Portugal, 1800-1801 and a visit to France, 1838 : supplemented by extracts from his correspondence / Robert Southey*, Oxford, 1960

TWISS, Richard [1747-1821]. *Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773 : by Richard Twiss, Esq. F.R.S. With an appendix. In two volumes*, Dublin : printed for Messrs. Exshaw, Whitestone, Potts, Chamberlaine, Williams, J. Hoey, Wilson, W. Colles, Walker, Moncrieffe, Jenkins, Burnett, Mills, and J. Colles, 1775

WHITEFIELD, George, *A Brief Account of some Lent and other Extraordinary Processions and Ecclesiastical Entertainments. Seen last year at*

Lisbon (...), Londres: 1755.

WHITTINGTON, George Downing [1780-1807]. *A tour through the principal provinces of Spain and Portugal performed in the year 1803*, Londres, 1806

WHITTINGTON, George Downing [1780-1807]. *Travels, through Spain and part of Portugal : with commercial, statistical and geographical details*, Boston : White, Burditt and Co., 1808

Século XIX

A. P. D. G., *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character : illustrated by twenty coloured plates / by A. P. D. G.*, London : printed for Geo. B. Whittaker : printed by R. Gilbert, St. John's Square, 1826.

ANDERSEN, Hans Christian [1805-1875]. *A visit to Portugal, 1866 [by] Hans Christian Andersen*. Translated from the Danish with an introduction, notes and appendices by Grace Thornton. Uniform title: *Besog i Portugal 1866*

ANÓNIMO. *Essai statistique sur le Portugal*, Bordeaux : de l'Imprimerie de Pierre Beaume, 1810

BAILLIE, Marianne [1795-1830]. *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823 / by Marianne Baillie*. - London : John Murray, 1824.

BALBI, Adriano [1782-1848]. *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'État actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hémishères / par Adrien Balbi*. - Paris : chez Reyck Gravier, libraires,, 1822

BORROW, George [1803-1881]. *The Bible in Spain, or, the journeys, adventures, and imprisonments of an Englishman in an attempt to circulate the scriptures in the peninsula / by George Borrow ; with the notes and glossary of Ulick Ralph Burke*, London, 1843

BROUGHTON, Samuel Daniel, [1787-1837], *Letters from Portugal, Spain, and France, written during the campaigns of 1812, 1813, & 1814, addressed to a friend in England : describing the leading features of the provinces passed through, and the state of society, manners, habits of the people / by S. D. Broughton.* - London : Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster Row, 1815.

CRAWFURD, Oswald [1834-1909]. *Portugal : old and new / by Crawford, Oswald,* London : Kegan Paul, Trench, 1882

CRAWFURD, Oswald [1834-1909]. *Round the calendar in Portugal / by Oswald Crawford,* London : Chapman and Hall, 1890

FIELDING, Henry 1707-1754 *The journal of a voyage to Lisbon / by Henry Fielding ; with introduction and notes by Austin Dobson,* London : Oxford University Press, 1907

FISHER, Richard Barnard [17...?-18...?], *A sketch of the City of Lisbon, and its environs, with some observations on the manners, disposition, and character of the Portuguese nation, by R. B. Fisher,* London, Printed for J. Ridgway, 1811

FONDEYRE, J. Pourret de [????-????]. *Lisbonne et le Portugal,* Paris, 1846

HARRISON, William Henry [1795-1878]. *The tourist in Portugal / by W.H. Harrison ; illustrated from paintings by James Holland,* London : Robert Jennings, 1839

HAUTEFORT, Ch[arles]-V[ictor] d', *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814; suivi d'un mémoire politique concernant la constitution promulguée par les Cortès à Cadiz; et d'une notice sur l'état moderne des sciences mathématiques et physiques en Espagne,* , Paris: Delaunay, 1820.

HERBERT, Henry John George [1800-1849]. *Portugall and Galicia, with a review of the social and political state of the Basque Provinces / By the*

Earl of Carnarvon, London : John Murray, 1848

JUNOT, Laure, [1784-1838] *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 à 1811*; Bruxelles, Hauman, Cattoir et comp., 1838.

KINSEY, William Morgan [1788-1851]. *Portugal illustrated / by the Rev. W.M. Kinsey*, London : Treuttel, Wurz, and Richter, 1828

MARTINIÈRE, Jean Baptiste Joseph Breton de La [1777-1852]. *L'Espagne et le Portugal ou Moeurs, usages et costumes des habitans de ces royaumes : précédé d'un précis historique / par M. Breton*, Paris : A. Nepveu, 1815

RATTAZZI, Marie, [1833-1902]. *Le Portugal à vol d'oiseau*, , Paris, A. Degorce-Cadot, 1879

SMITH, Alfred Charles [1822-1898]. *Narrative of a spring tour in Portugal / by Rev. Alfred Charles Smith*. - London : Longmans, Green, and Co., 1870

STOTHERT, William [17...?-18...?]. *A narrative of the principal events of the campaigns of 1809, 1810, & 1811, in Spain and Portugal; interspersed with remarks on local scenery and manners. In a series of letters. By Captain William Stothert*, London, Printed for P. Martin [etc.] by W. Smith and co., 1812

TOLLENARE, Louis François de [1780-1853]. *Notes dominicales: prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, ms. 3434 de la Bibliothèque Sainte-Geneviève. Edição com comentários de Leon Bourdon, Presses Universitaires de France, 1971

WILLKOMM, Moritz [1821-1895]. *Zwei Jahre in Spanien und Portugal : Reifeerinnerungen / von Moritz Willkomm*, Dresden : Arnoldische Buchhandlung, 1847

João Pimentel é licenciado em História e professor do Ensino Secundário. Vive em Lisboa, onde é co-proprietário de uma livraria especializada em Olisipografia.

Falha e fragilidade: uma leitura da paisagem em *A Ira de Deus: O Grande Terramoto de Lisboa de 1755* de Edward Paice
Isabel Fernandes Alves

Este texto tem como objectivo sublinhar a imagem de Lisboa por altura do Grande Terramoto veiculada pelo olhar estrangeiro. Nesse sentido, relaciona a leitura de *A Ira de Deus: O Grande Terramoto de Lisboa 1755* de Edward Paice (2008) com algumas das ideias em redor do conceito de paisagem. Embora esta seja uma obra de pendor mais histórico do que literário, a perspectiva veiculada permite ao leitor aceder à representação da paisagem de Lisboa construída pelos relatos de várias pessoas, grande parte delas inglesas. Mais factual do que imaginária, esta viagem pela narrativa de Lisboa permite testemunhar uma deslocação não só pelos espaços de Lisboa, mas também pela sociedade e cultura de então. A este olhar sobre a Lisboa de 1755, junta-se o facto de a categoria 'paisagem' ganhar dimensão e espessura precisamente no século XVIII, decorrente da expansão e desumanização das grandes metrópoles. Nessa época, a paisagem apresenta-se como alternativa ao mundo mais materialista que então nascia, proporcionando um espaço de redenção e espiritualidade. Expulso do Jardim do Éden, ao homem era ainda concedida uma ligação harmoniosa ao cosmos através de um olhar e de um sentir a paisagem. Numa brevíssima e contundente reflexão, Viriato Soromenho-Marques sintetiza a força da relação do homem com a paisagem: esta tanto conduz ao autoconhecimento, como ilumina o destino dos povos e da humanidade no seu conjunto (150). Neste sentido, a leitura do Terramoto de Lisboa que aqui se propõe acentua aspectos geográficos e paisagísticos tal como surgem na obra de Paice, a tomada de consciência de como a queda e renascimento de Lisboa foi relevante para o modo como Portugal se diz ainda hoje e, em última instância, o que acerca de nós mesmos, enquanto povo, absorvemos dessa sucessão de acontecimentos. Desejavelmente, a leitura de *A Ira de Deus* originará, em cada leitor, um sismo de reconhecimento, nomeadamente um reconhecimento da falha e fragilidade do mundo.

A leitura que fizemos da obra *A Ira de Deus* considera não só os elementos da paisagem física - a topografia, as cores, os sons -, mas também os elementos antropológicos, ou seja, a dimensão humana dessa paisagem.

Esse é um dos aspectos enunciados pelo autor quando, na introdução, lança a pergunta: «quantas mais pessoas jazem sob a cidade?» (26). Que mundo humano era o de Lisboa em 1755? Assim, na nossa abordagem atentaremos nos elementos que constituem a paisagem real, aquela que contempla os factos, as especificidades e diferenciações do espaço terrestre, os aspectos visíveis da paisagem de Lisboa de então. Teremos igualmente em atenção a ideia de que a noção de paisagem pressupõe uma maneira de observar e perspectivar e, por isso, salientamos que em *A Ira de Deus*, estamos perante uma ‘imagem’ da paisagem de Lisboa oferecida pelo olhar de Paice. Relativamente a este segundo aspecto, e porque seleccionamos o território histórico oferecido pelo autor inglês, pressupõe-se a atribuição de um sentido a essa escolha. Veja-se o que diz Maria Lúcia Lepecki:

Pensada desta maneira, a paisagem resulta do exercício da inteligência enquanto discriminação: separamos coisas de coisas, águas de águas se for preciso, como se conta ter acontecido na criação do mundo. E o Deus do *Génese* terá sido quem primeiro fixou ‘moral e materialmente’ a potencialidade infinita do caos inicial, imagem por excelência, no mito fundador que nos rege, da força naturante da natureza. Aprendendo com o Deus do *Génese*, também nós nos tornámos capazes de fazer luz, em sistema de corte e cola, sobre a totalidade do universo, sobre a variedade sem fim, sua pujança e potencialidade combinatória (147).

Este passo é também relevante porque nos arrasta até a uma outra vertente do texto de Edward Paice, aquela que sublinhando o caos associado ao Terramoto, deixa implícito um qualquer sentido, uma capacidade de ‘fazer luz’ sobre o acontecido, sobre o próprio homem. Quase no fim da obra, e no capítulo intitulado «O fim do optimismo, o nascimento de uma ciência», Paice escreve sobre o facto de o terramoto, em si um fenómeno de morte, estar na origem de um nascimento: o de uma nova era no pensamento ocidental. O Terramoto de Lisboa encontra-se ligado ao desenvolvimento da sismografia e da teoria das falhas geológicas; foi, como refere Paice, o «primeiro terramoto que foi investigado segundo linhas científicas modernas» (264). Ou seja, a crise sísmica real, com origem numa falha geológica instável, originou uma crise sísmica das mentalidades, a maior das quais começou a desenhar-se com a resposta de Voltaire ao terramoto de Lisboa, questionando a ideia de que a catástrofe tinha tido uma origem providencial e não natural.

Lisboa, meados do século XVIII

Edward Paice convida o leitor a entrar em Lisboa com os viajantes ingleses que chegavam à cidade em meados do século XVIII; os primeiros ecos de Lisboa são sentidos ainda dentro dos navios:

O avistar o cabo da Roca, a 'Rocha de Lisboa', era a primeira indicação de que a viagem estava perto do fim. Os penhascos, a 150 metros acima do nível das águas do Atlântico, marcavam o ponto mais ocidental da Europa (...). Lá longe ficavam as encostas arborizadas das montanhas de Sintra, que depressa ganharam uma reputação elegíaca entre uma mão-cheia de estrangeiros que a visitaram. (32)

Depois de passarem o Cabo Raso e se "o vento e a maré fossem favoráveis, os comandantes podiam virar para leste para entrar em Lisboa (32).

Os navios seguiriam «em direcção ao espaço entre o forte de São Julião da Barra (...) e São Lourenço do Bugio» (*ibid*), e depois do forte de São João das Maias e o de São Bruno, surgia Belém ou, para os Ingleses, Bellisle, e logo o espectáculo «lindo e raro da Torre de Belém, com as suas 17 canhoiras esculpidas nas muralhas do baluarte, com a espessura de 3,3 metros» (33), que com ornamentação intrincada – esferas armilares, cordas e nós, embarcações portuguesas e cúpulas de gomos nas guaritas dos cantos – combinava as características mouriscas, orientais e góticas, lembrando que «Portugal não fazia parte nem da Europa Setentrional nem do mundo mediterrânico, e que o Tejo era uma fronteira entre o Norte e o Sul, a Europa e a Ásia, os europeus e os mouros» (34).

Depois de deixar Belém, a última parte da viagem oferecia uma vista

esplêndida de uma sucessão de mansões e quintas nobres – o Palácio da Ribeira Grande, o Palácio dos Patriarcas e o Palácio Sabugosa, o Palácio das Águias, e o Palácio Ega – misturadas com as muitas casas brancas de janelas verdes de mortais menos importantes e moinhos. As rosas pareciam brotar mesmo no inverno a par dos caramanchões menos familiares e ubíquos de buganvília (36).

Ainda dentro dos navios, os viajantes avistavam o Palácio das Necessidades, o de Francisco de Assis de Távora, o Convento de São Francisco, a Casa da Moeda e a Igreja de São Paulo, o Tronco, a cadeia local, e o Palácio dos Corte Real. Igualmente digno de nota, o Paço da Ribeira, ou o palácio

ribeirinho, que albergava a Casa da Índia e uma soberba Casa de Ópera, e uma sumptuosa igreja patriarcal. Sugere-se que do Paço da Ribeira o rei poderia observar o Mar da Palha, um mar interior, e «um dos ancoradouros com maior capacidade e mais espectaculares do mundo» (39). De destacar que o elemento totalizador e diferenciador de Lisboa era, no entanto, a luz: «A luminosidade, a bela luz de Lisboa, realçava a beleza da paisagem», uma paisagem feita não só de um céu azul límpido, mas de um ar que, ao entardecer, se enchia com o som dos barqueiros a entoarem as orações e, à noite, da imagem de um rio que cintilava como se estivesse ‘cheio de diamantes brilhantes’ (*ibid*).

Vista do barco, Lisboa apresenta-se como uma das cidades «mais grandiosas da Europa» e «uma das mais belas paisagens do mundo» (40). Já quando se trata de descrever Lisboa por entre as ruas, e perante o mosaico humano diverso, a perspectiva é diferente: acentuam-se o grande número de negros, de padres, de pedintes, de homens sempre dispostos a lutar. As ruas, invadidas pelos maus cheiros, estão também repletas de cães sarnentos. Mas acima de tudo, Lisboa é uma paisagem de sons e movimento: no Terreiro do Paço, vendia-se carne e cereais e os mercadores encontravam-se para discutir negócio; na Praça da Ribeira, havia os gritos das regateiras e vendedeiras de peixe, dos vendedores das melhores castanhas assadas do mundo, das queijadas de Sintra, dos comerciantes de fruta e legumes com o dobro do tamanho dos que chegavam do Norte da Europa (43-44). Também o Rossio era um local de encontro: «era aqui que os alfacinhas se encontravam para trocarem notícias, pedirem favores, lamentarem as suas dores, assistirem a paradas, procissões e touradas, e irem a feiras e aos grandes mercados de terça-feira» (45).

A fim de corresponder ao título «Um Império Dourado», e tendo como referência os reinados de D. João V e D. José, Paice descreve imagens de ostentação e riqueza, como as que decorrem da ambição «faraónica» de D. João relativamente à construção do complexo de Mafra. A descoberta de ouro no Brasil mudou a paisagem de Lisboa: do ponto de vista arquitetónico, embelezou-a com novas igrejas, uma Casa de Ópera, um aqueduto; do ponto de vista social, proporcionou uma contínua entrada de novas gentes. Os relatos, citados por Paice, davam do povo de Lisboa uma imagem de alguma passividade e superstição, medo e suspeição (56). Mas Lisboa era um centro comercial importante e, por isso, lugar de passagem de muitos mercadores; além disso, a cidade conservava ainda ecos do facto de ter sido, nos inícios do século XVI, o centro do império mais rico do mundo, a capital maior e

mais cosmopolita (62). Os ingleses mantinham com Portugal uma particular relação – aliás, a Inglaterra fora durante longos períodos o actor estrangeiro mais proeminente no palco de Portugal (63) –, mas nem por isso tinham do país uma imagem favorável: o interior tinha a fama de ser uma terra incógnita perigosa e o «reino dos Algarves» um mundo diferente, mais ligado ao Norte de África ‘bárbaro’ do que à Europa (62). Mas tanto portugueses como ingleses tinham em comum a vivência do mar, e muitos eram os navios que, repletos de ouro brasileiro, partiam de Lisboa com destino a Inglaterra. Por outro lado, o clima da cidade portuguesa era aclamado, sobretudo por aqueles que sofriam de doenças pulmonares, e por isso ali chegavam muitos ingleses com o intuito de se curarem, o mais famoso dos quais terá sido Henry Fielding, que chega a Lisboa em Junho de 1754.

O terramoto

No Outono de 1755, com D. José I como rei de Portugal, Lisboa é uma cidade caracterizada pela grande azáfama do rio Tejo:

[R]aramente havia menos do que 150 embarcações do Norte da Europa e do Mediterrâneo ancoradas no rio, dois terços dos quais ingleses, carregamentos de trigo, centeio, cevada, manteiga, carne, queijo, pão, bacalhau salgado, linho, alcatrão, carvão, madeira e ferro eram descarregados e os de vinho, sal, fruta, tabaco, açúcar e madeira do Brasil continuavam a bordo até outros portos no estrangeiro” (80-1).

Depreende-se desta descrição, bem como da ideia de que Lisboa vivia um momento de abundância e tranquilidade, que esta cidade se apresentava despreocupada e desprevenida perante a ameaça natural que sobre ela pairava.

A manhã do dia 1 de Novembro de 1755 surgira «bela e clara» (100), e os sinos das igrejas conferiam uma atmosfera de festa à cidade. As pessoas movimentavam-se sobretudo em redor das igrejas e fazia-se sentir a paz que define um dia de Outono. Através de diferentes vozes inglesas, somos confrontados com o momento da perturbação, aquele em que as casas começaram a tremer e uma «espécie de barulho subterrâneo, parecendo o estrondo distante de um trovão» (102) se fez ouvir. Um capitão inglês que tinha atracado ao largo da Ribeira das Naus registou o que viu: «Ao longo da orla ribeirinha, desde São Paulo para a sua esquerda até lá acima ao Bairro Alto, e para nascente (...) e para norte até ao Rossio, todos os edifícios pareciam

‘ruir com grandes fendas e barulhos’» (*ibid*). Os minutos seguintes foram de uma enorme devastação: casas a desabarem, um convento a cair ao rio, as pessoas, «tal como formigas perturbadas e confusas» (105) fugiam e, na sua aflição, enfiavam-se no rio. O pó encobriu o sol. Era o terramoto (*ibid*). Lisboa já tinha sido assolada por terremotos – 1531, 1724, 1750 –, mas nenhum tão devastador como o de 1755. Os que conseguiram sobreviver e andavam pela cidade, testemunhavam um pesadelo: os passos eram dados sobre entulho... aqui e acolá apareciam membros e até cabeças ensanguentadas dos vivos e dos mortos (109).

O solo por baixo de Lisboa continuou a tremer e a rugir durante uma hora, e a cidade transformou-se numa paisagem de ruínas: casas desapareciam, pilhas de entulho da altura de um segundo andar (110) dificultavam a fuga dos sobreviventes, corpos espalhados pelas ruas e sobreviventes desorientados: «O Palácio da Inquisição encontrava-se em ruínas, tal como o Convento de São Domingos e a sua igreja (...) O amplo edifício do Hospital Real de Todos-os-Santos, o Convento do Carmo e o da Trindade e todos os outros edifícios nas zonas mais baixas do Bairro Alto apresentavam graus diversos de ruína» (129). Mas o pior ainda não tinha terminado, pelo menos para aqueles que tinham procurado refúgio junto ao rio, na esperança de passarem para a outra margem. É que o mar retrocedeu cerca de cinco quilómetros e, pouco depois, com uma velocidade de 650 quilómetros por hora, «um muro de água lançou-se sobre a cidade» (132). O relato é dado através do olhar do mercador Braddock:

O Tejo tinha a largura de 6500 metros desde onde ele se encontrava até ao Barreiro, na margem sul, e toda a superfície da água estava a erguer-se e a avolumar-se de uma forma inenarrável, apesar da ausência de vento. (...) A terra foi inundada três vezes ao todo, com as ondas a chegarem às ruas, praças e jardins a 180 metros da orla marítima e a deixarem uma grande quantidade de pedaços de madeira, restos de barcos destruídos, espalhados por todo o lado (133-4).

O Cais da Pedra, em frente à Alfândega, desaparecera, bem como todos aqueles que ali esperavam os barcos que os salvariam. Uma segunda réplica e os incêndios que se lhe seguiram mergulharam a cidade no desespero; com a noite, surgia a anarquia.

A dimensão do terramoto foi tão grande que se fez sentir em outros pontos do globo: em Espanha, claro, mas também em Inglaterra, na Noruega, na Irlanda, na Suíça. As ondas de choque provocadas pelo terramoto manifestaram-se tão longe quanto as Caraíbas. O sismo foi sentido a uma

distância de 2400 quilómetros e os seus efeitos foram visíveis numa área que compreendeu não menos de 15, 5 milhões de quilómetros quadrados (125). Por cá, as repercussões eram devastadoras: corpos e ruínas povoando uma Lisboa que, no dizer de alguns, deixara de existir. O cenário de destruição foi imediato:

[A]penas 2000 ou 3000 das 20 000 casas da cidade tinham sobrevivido sem qualquer dano e 15 000 ficaram completamente destruídas ou seriamente danificadas. Todas as principais representações físicas da autoridade no centro da cidade – reais, aristocráticas, eclesiásticas e governamentais – desapareceram. Toda a infra-estrutura que permitiria às pessoas comer, beber, comprar roupas, entreter-se e rezar deixou de existir (176).

Não se perderam apenas vidas e haveres. Embora as consequências tivessem demorado mais a ser sentidas, muito do acervo cultural da cidade desapareceu também. Assim, Lisboa ficava mais despida da sua história: manuscritos e mapas, cartas e inventários que davam conta de 250 anos de comércio com o Oriente, os 9000 volumes da biblioteca do Convento de São Francisco, e os 10 000 livros e os 5600 volumes de manuscritos raros das bibliotecas do Convento de São Domingos foram destruídos; a Trindade perde também a sua biblioteca.

No dia 8 de Novembro, deu-se outra réplica, e outras houve ainda durante esse mês e no seguinte. A corte tentava encorajar os mercadores a prosseguirem os seus negócios e a expectativa relativamente ao comércio com o Brasil servia de alento. Depois de uma catástrofe que, segundo Paice, é sobretudo demográfica, por terem morrido entre 30 000 e 40 000 pessoas em Lisboa (210), Carvalho e Melo tomou as rédeas do poder e procurou estruturar a topografia e a vida diária da população de Lisboa: pediu um levantamento pormenorizado de todas as áreas em ruínas da cidade, proibiu a construção de edifícios fora das muralhas da mesma e interditou toda a actividade construtora até serem ouvidas as sugestões de Manuel da Maia para a concepção da nova Baixa (211). A persistência de alguns e a continuação do comércio – por exemplo, no dia 8 de Novembro de 1756 chegaram ao Tejo 16 navios do Rio com um carregamento de 3000 caixas de açúcar, 46 000 peles ainda com pêlo, 1,5 milhões de cruzados de ouro para o rei e oito milhões de cruzados de ouro e prata para os mercadores (226) -, permitiu pensar que Lisboa poderia ser reconstruída.

Com origem no Terramoto de 1755, e paralelamente ao processo de reconstrução da cidade de Lisboa, algo de novo e importante estava a acontecer na Europa: «O efeito das ondas de choque de Lisboa sobre o pensamento

Europeu foi tão grande quanto o seu impacto na vida religiosa: o dia 1 de Novembro de 1755 viria a ser lembrado como 'uma das datas de referência da Idade Moderna' (230). A fúria dos elementos, tal como a tempestade do livro de Job, desencadeia uma alteração, uma transformação. Das cinzas dos espaços destruídos, surge uma nova cidade e uma nova medida para o pensamento europeu.

Do exposto, e da leitura da obra *A Ira de Deus* de Edward Paice, o Terramoto de 1755 não teve consequências apenas físicas, ou seja, a mera produção de uma paisagem de ruína. As ondas de choque despertadas pelo movimento da falha geológica Açores-Gibraltar, deram origem a um despertar intelectual e científico. Dos fenómenos naturais que foram o terramoto, o *tsunami* e o fogo surgiram duas leituras distintas; uma que lia o acontecido do ponto de vista da religião: a tragédia era uma resposta divina aos pecados dos portugueses ou, na visão de Gabriel Malagrida, era o amor pelas comédias e pelo teatro, as danças exuberantes nas ruas, o seu prazer de jogar às cartas, a sua licenciosidade (230). Contra esta visão, porém, emerge um pensamento mais científico, a procura de uma outra resposta para o acontecido, aquilo que se traduziria como o certificado do nascimento da sismologia moderna (212). O «Poème sur le desastre de Lisbonne» (1756) de Voltaire, é um dos exemplos. O escritor francês queria abalar a visão – passiva e optimista - que a sociedade mantinha acerca do destino humano. O mal existia e tinha diferentes fontes, daí o objectivo de Voltaire: «introduzir a dúvida, inquietar, destruir, para que algo de novo substituísse o optimismo fácil» (234). O que é importante acentuar, e que Paice torna claro, é que a partir do terramoto de Lisboa, Voltaire revoluciona o pensamento europeu, lembrando de forma exemplar a fragilidade da natureza humana. Mais do que enfatizar as falhas morais, o que aqui está em questão é que uma falha geológica concreta conduziu ao despertar não só do pensamento científico, mas também da consciência da falibilidade humana. Ou seja, despontava e crescia a paisagem científica que haveria de caracterizar o pensamento europeu doravante.

Edward Paice dá exemplos de como a sismologia foi crescendo em redor do espanto provocado pelo Terramoto de Lisboa, explicações que são um cruzamento de saberes aristotelianos com outros mais modernos: sobre os ventos e os fogos subterrâneos, sobre a expansão de vapores, a electricidade e as explosões. A estas perspectivas juntaram-se os relatos compilados pela Royal Society de um conjunto de testemunhos oculares, e ainda um conjunto de observações realizadas na Suíça, Madeira, Porto, Lisboa e Barbados. Immanuel

Kant escreveu e propôs que os terremotos eram provocados pela acção da água em depósitos sulfurosos e ferrosos nas cavernas subterrâneas, e que em seguida se espalhava através de passagens que corriam paralelamente a cadeias montanhosas e sistemas fluviais. Afirmou igualmente que as causas do terremoto de Lisboa se encontravam por baixo do mar e que fora a perturbação do fundo do oceano que originara o *tsunami* (262). A procura de uma explicação para o Terramoto de Lisboa caracteriza também o pensamento de John Mitchell, membro do Queen's College, em Cambridge. Segundo a abordagem de Paice, Mitchell terá sido quem mais cedo chegou ao entendimento do papel das 'falhas' geológicas, e o seu estudo sobre o terremoto de Lisboa foi o primeiro apurado segundo linhas científicas modernas (264).

Tendo por base a perspectiva de cidadãos ingleses, a reconstrução de Lisboa é descrita de forma pormenorizada; segundo Henry Hobart, comerciante que chega a Lisboa em 1767, e reconhecendo embora a rapidez da reconstrução, nota que «devido à falta de fundos, apenas foram concluídas 59 casas na Baixa, 31 das quais na Rua Augusta, e, nos subúrbios da cidade, as vilazinhas 'temporárias' em paróquias como a de Santa Isabel, para nordeste, tinham-se tornado permanentes (274). Em 1789, na perspectiva de James Murphy, um jovem pedreiro irlandês que se tornou num eminente arquitecto, Lisboa é ainda «magnificante e grandiosa e ainda um refúgio fiel de mercadores e viajantes de todas as partes do mundo» (281). Depois da intervenção de Carvalho e Melo, que entretanto adquirira o título de Marquês de Pombal, as novas ruas da baixa de Lisboa apresentavam-se «espaçosas, regulares e bem pavimentadas», e as «casas altas, uniformes e fortes» (282). Além disso, Murphy veicula a ideia de que se vive em Lisboa um ar democrático; o facto de existir uma rua destinada a caldeireiros é para este visitante um aspecto positivo, e que demonstra uma atmosfera social mais igualitária. Nessa altura, a Rua da Prata estava pronta e também alguns quarteirões na Baixa, entre a Rua Áurea e a Rua dos Sapateiros. Mas havia ainda muito a fazer: «nada a norte da nova igreja de São Nicolau, na Rua dos Douradores, fora terminado, a construção da Rua dos Correeiros mal começara e até o Rossio e a Praça do Comércio continuavam inacabados» (284).

A Ira de Deus termina com uma imagem de Lisboa nos inícios do século XIX que sublinha a mesma paisagem de sons e de movimento referida no início da obra (e do nosso texto). Lisboa é uma cidade cheia de vitalidade: barqueiros procurando negócio, galegos apregoando água, as correntes dos prisioneiros a retinir a caminho do Limoeiro, mulas carregadas de laranjas,

limões, figos e flores a arrastarem-se penosamente até ao mercado, procissões de padres, rapazes a assarem carne nas esquinas, vacas a serem mugidas à porta dos palácios, carroças e carrinhos com campainhas a passar, pessoas montadas em mulas, gatos vadios, cães sarnentos a vaguear (290). Como reforçaram William Thackeray e Charles Dickens aquando da sua passagem por Lisboa, «a vida nas ruas da cidade é feita de agitação e alvoroço, e esta era, sob muitos aspectos, ainda a velha Lisboa de Vasco da Gama, Cabral, D. Sebastião e Albuquerque» (*ibidem*). Lisboa era ainda respeitada por se ter erguido das cinzas e do caos, e pela sua localização impressionante. Era também um local de cor e de exuberância, onde deambulavam pessoas nem sempre alegres, e onde, nos anos oitenta do século dezanove, se espalhou um novo som: o do fado.

Paisagem, Lisboa, falha, fragilidade

No âmbito deste trabalho, e em relação à ideia de paisagem, afigura-se particularmente relevante a afirmação de Jean-Marc Besse: «a paisagem conta, sob a fruição estética, uma outra história, ela desenvolve um outro sentido» (62), ou essa outra onde diz que a paisagem é «uma indagação sobre as diferentes maneiras possíveis de falar deste mundo» (83). As palavras que constroem as paisagens literárias são pois um modo de conferir sentido ao mundo e uma manifestação da memória colectiva e da identidade de um povo; são, em suma, uma forma de compreensão da sua história e da sua inscrição no mundo.

Por outro lado, o estudo sobre a paisagem torna claro que cada espaço é único devido, também, à sua geologia. A combinação de um tipo de rochas debaixo da crosta terrestre com especificidades climatéricas conferem a um lugar a sua especificidade, a sua fisionomia. Na relação homem-paisagem, esse carácter singular da paisagem é o que mais profundamente o toca e influencia. Nesse sentido, entender-se-á melhor a Lisboa de Edward Paice se se entender que o autor, e à semelhança dos muitos viajantes ingleses que cita, é aquele que promove uma leitura particular sobre as relações entre o homem e a paisagem, num determinado território e num determinado tempo.

Embora *A Ira de Deus* não seja um livro ficcional, ele empresta à paisagem um papel de relevo. Lisboa, de paisagem magnífica, banhada por água e luz, transforma-se, em 1755, em paisagem de ruínas. No entanto, algumas dessas ruínas permanecerão como paisagens de memória, expressão de uma cidade que valoriza a sua história, convidando aqueles que as olham ao voo

imaginativo. Um caso exemplificativo é o das ruínas do Convento do Carmo, lugar que testemunha simultaneamente a destruição física dos espaços e a preservação simbólica da memória do acontecido. As ruínas do Convento do Carmo são a viva representação do que Helena Buescu refere como sendo a necessidade de a catástrofe ser sobrevivida e transformada em memória: «a morada dos homens são feitas de uma arquitectura que não só não se opõe à ausência de tecto e à presença de ruínas mas que, pelo contrário, as integra através do evento catastrófico» (58). Para Buescu, esse é um legado importante: «sobreviver sem tecto, entre ruínas – e entretanto sobreviver, para o que de uma habitação tornada precária se saiba falar com os que depois vierem» (59). Nesse sentido, mais do que ruínas, aquilo que restou, e que o tempo e a arte preservam, é, antes, um legado vivo e criativo. Se como refere Jean-Marc Besse, a paisagem é o mundo em redução (57), uma coincidência do universal e do particular (58), a paisagem de Lisboa, a sua beleza e a sua ruína, é símbolo da condição humana perante a tragédia e a fragilidade.

A obra de Edward Paice agarra o leitor moderno para o levar até ao século XVIII, mas é também uma obra que equaciona o mundo dos nossos dias. Sedimentando o nosso conhecimento acerca de paisagens do passado, e das perdas que ocorreram, sobretudo através do sismo, *A Ira de Deus* é uma construção literária que vivifica e questiona. Um dos aspectos mais interessantes está relacionado com uma intensificação da percepção geológica da paisagem: ou seja, levando-nos até às camadas do subsolo de Lisboa, procura-se uma realidade que está para além da superfície e do visível. Se a partir das ruínas do Terramoto a população de Portugal e do resto do mundo tomou uma maior consciência da sua mortalidade, também o aguçar da curiosidade científica ajudou a sedimentar uma outra paisagem: a do conhecimento. É interessante verificar que esta obra exemplifica uma abordagem da paisagem como um processo visível sobre a organização do território, mas também uma «indagação antropológica» (Besse 62). Aceita-se que a paisagem testemunha a passagem do homem sobre um determinado solo, nela confluindo «interacções e combinações entre um conjunto de condições e de constricções naturais (geológicas, morfológicas, botânicas, etc) e um conjunto de realidades humanas, económicas, sociais e culturais» (*idem* 66). Consequentemente, *A Ira de Deus* afigura-se como um território onde as palavras oferecem uma experiência que acrescenta saber e espessura ao conhecimento do mundo: o autor é aqui um geógrafo interessado no modo como a paisagem se escreve em determinado lugar e num tempo específico,,

chamando a atenção para a necessidade de a saber ler e interpretar.

Como já foi referido, esta breve reflexão pretende sublinhar, além de outros aspectos, a contribuição do sismo de Lisboa para o desenvolvimento do pensamento científico. Após o Grande Terramoto, surgiram opiniões que punham em causa a ira de Deus como justificação para a catástrofe, argumentando que era necessário encontrar explicações científicas para o desastre. Não por acaso, e como resultado da descoberta de novos mundos, essa é a época em que o conceito de paisagem ganha dimensão e espessura ontológica, contribuindo para a abertura do mundo ao mundo e do homem ao homem.

A obra de Edward Paice é símbolo da sobrevivência e da tentativa de ordenar o caos depois da catástrofe. Tal como outras obras, e através do corpo material da linguagem, esta é também uma outra visão que ilumina os acontecimentos de 1755, prolongando no tempo as consequências do terramoto. *A Ira de Deus*, ecoando o passado, tem, no presente, a missão de sublinhar a necessidade de atenção, no sentido de reduzirmos os malefícios das falhas – geológicas, morais - e atentarmos na fragilidade - da terra, do homem.

Bibliografia

Besse, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis Ensaios sobre a Paisagem e a Geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Buescu, Helena e Gonçalo Cordeiro (organização). *O Grande Terramoto de Lisboa. Ficar Diferente*. Lisboa: Gradiva, 2005.

Lepecki, M Lúcia. "A Mãe promíscua: sobre natureza e paisagem". In *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*. Volume XXXVI, Número 72: 141-147.

Paice, Edward. *A Ira de Deus. O Grande Terramoto de Lisboa de 1755*. Tradução Sofia Marques Mendes. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

Soromenho-Marques, Viriato. "Pensar a Paisagem. Da Aventura interior ao campo da História". In *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*. Volume XXXVI, Número 72: 149-156.

Isabel Fernandes Alves é Professora de estudos anglo-americanos na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Nos últimos anos, tem vindo a interessar-se pela relação entre literatura e paisagem, pela escrita sobre a natureza e ecocrítica.

Imagens de Lisboa setecentista nas narrativas de viajantes estrangeiros

Ana Catarina Ramos

A literatura e a história encontram-se muitas vezes unidas, sendo algumas obras literárias hoje assumidas como importantes registos para compreender a evolução histórico-cultural, a paisagem e o território, as mentalidades, e preciosos auxiliares na definição da identidade de uma região e de um país.

Breves considerações sobre a literatura de viagens

A literatura de viagens teve a sua origem na antiguidade greco-latina, sendo denominada pelos árabes como literatura de *ver e andar*. Em Portugal, ganha maior relevo na época dos descobrimentos, com a necessidade de registar rotas e novas descobertas, dando origem a descrições de naufrágios, aventuras, rotas e viagens marítimas.

Na segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX a literatura de viagens atinge o seu auge na Europa, particularmente em países como a França e a Inglaterra. A sede cultural de muitos europeus levou a que se começasse a viajar no interior da própria Europa, com o intuito de conhecer e ir ao encontro do novo e do exótico. Não era apenas um apanágio de diplomatas ou de nobres; viajavam também artistas, cientistas, filósofos, escritores, naturalistas, curiosos, etc. Por esta altura, os portugueses circulavam pouco pela Europa. A falta de proficiência em línguas que não o português ou o espanhol, devido ao sistema educativo seiscentista, poderia ser uma das razões que os limitava nessas rotas, privilegiando, todavia, as viagens às colónias (Brasil, África e Ásia).

Aos olhos dos viajantes estrangeiros, a viagem é, ao mesmo tempo, uma experiência única, distinta para aquele que a viveu, e um testemunho humano que se inscreve em dois contextos específicos: o do país visitado, e o de quem o visita e sobre ele escreve. Para o viajante-escritor, implica a selecção de um estilo e de uma forma literária que melhor se enquadre nos objectivos dos seus textos.

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é, ao mesmo tempo, produtor da narrativa e encenador da sua própria trama. Ele é narrador, experimentador

e também objecto de experiência, e ainda coreografo dos seus feitos e dos seus gestos. Ele é actor da história que redige perante o seu ponto de vista, testemunha singular em relação ao público leitor.

Estamos, frequentemente, perante uma escrita paraliterária, assente em grande parte em descrições nobres e estudiosos que registavam em cartas e diários o que o seu olhar vislumbrava. Na sua maioria, estes registos eram técnicos, com termos bastantes científicos, sem grande preocupação com o conteúdo literário ou com a estilística, algo considerado por eruditos como à margem da literatura.

Portugal e os portugueses na rota dos viajantes europeus

Desde o século XVII que Portugal tinha uma imagem pouco positiva no resto da Europa. Os portugueses eram vistos quase como os “bárbaros” da Europa, um país de néscios, cuja nobreza era de uma extrema e injustificada arrogância, um povo supersticioso e subjugado pelas torrentes dogmáticas do clero e da Inquisição. Porém, Portugal setecentista foi visitado por inúmeros viajantes, ingleses, esopanhóis, alemães, franceses e italianos.

Portugal ingressou na rota dos viajantes estrangeiros devido, sobretudo, ao terramoto de 1755, à forma como este abalou o país, nomeadamente Lisboa, e ao impacto que este acontecimento teve, também, na Europa. Inglaterra, que tinha sofrido um abalo pouco tempo antes, embora de inferior intensidade, mostrava-se sensibilizada, também porque alguns dos seus nacionais, comerciantes e militares, viviam em Portugal.

Apesar do terramoto de 1755 ter afectado grande parte do país, as atenções centraram-se em Lisboa. Daí ter ficado conhecido como o terramoto de Lisboa. Ocorreu a 1 de Novembro pelas nove horas e trinta, e durou cerca de sete minutos, deixando a cidade envolta numa nuvem de poeira densa que escureceu o dia e tornou o ar quase irrespirável. Por ser dia de Todos-os-Santos, muita gente encontrava-se no interior das igrejas que ruíram com a intensidade do abalo. Os incêndios e a subida do nível da água do rio que inundou a baixa da cidade fizeram o resto: pouco ficou da cidade de Lisboa tal como era, quase todos os edifícios foram danificados, incluindo a Alfândega, o Paço Real, e várias igrejas.

Se o terramoto de Lisboa desencadeou o interesse internacional a reconstrução de Lisboa e as reformas progressivas do Marquês de Pombal aguçaram a curiosidade destes viajantes estrangeiros que visitaram o nosso

país.

O destino de quem nos visitava, independentemente do motivo, visava quase sempre a cidade de Lisboa e seus arredores e, só em alguns casos Coimbra, Porto, e só excepcionalmente se viajava pelo resto do país com o intento de o conhecer e explorar.

Portugal e os viajantes estrangeiros

Entre os viajantes que nos visitaram no século XVIII e escreveram sobre o nosso país destacamos Artur William Costigan (James Ferrie), Guiseppe Gorani e Heinrich Friedric Link.

Arthur William Costigan (*Cartas sobre a sociedade e os costumes de Portugal 1778-1779, vol. I e II*), cujo verdadeiro nome se pensa ter sido James Ferrier, nascido em St. Andrew, Escócia, era Oficial de Infantaria e de Engenharia, com o posto de Brigadeiro, e esteve em serviço, em Portugal, entre 1762 e 1778. Surge-nos com uma obra extremamente crítica acerca da sociedade portuguesa, sobretudo, ao nível político, militar e social. Costigan entra em Portugal em Agosto de 1762, como capitão de infantaria, e aqui permanece até 1778. A partir de outros relatos, sabe-se que não teve uma estada tranquila, e que deixou o país com algum ressentimento. O seu pseudónimo poderá ter sido um disfarce para a sua dura escrita para com o país

É já no seu país que escreve a sua narrativa, em forma epistolar, endereçada ao seu irmão, de modo a conferir maior autenticidade ao relato. A narrativa desenrola-se com base numa viagem que dois ingleses fazem a Portugal, nas conversas tidas com as diversas personagens com quem se cruzam no percurso realizado.

Por sua vez, Giuseppe Gorani (*A Corte e o País nos anos de 1765 a 1767*), aventureiro e escritor, insere o relato da sua viagem a Portugal em função da sua vida enigmática de “actor” social em busca do “papel” da sua vida, um que conjugasse destreza, nobreza de carácter, ambição desmedida e uma posição que lhe permitisse influenciar o mundo de forma magnânima. Descendente de uma família nobre de Milão, Giuseppe Gorani considera-se mais um autodidacta. Alista-se no exército e segue como porta-bandeira para participar na Guerra dos Sete Anos¹, onde teve um desempenho louvável. No entanto, a sua carreira militar não singrou e aos 25 anos, desanimado e sem planos exequíveis para

¹ Conflito ocorrido no século XVIII entre 1756 a 1763 que se desencadeou devido à rivalidade económica e colonial entre a França e a Inglaterra, manifestada na América do Norte, na Índia e nas operações da Áustria para reaver o território da Silésia, em poder da Prússia desde 1745. Este confronto envolveu a Prússia e a Inglaterra, de um lado, e a Áustria e a França de outro. Após algumas batalhas este conflito teve o seu termo com o Tratado de Paris em 1763, in: Azevedo, António Carlos do Amaral, colaboração de Rodrigo Lacerda, Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1997, p.207.

satisfazer a sua ambição, partiu para Portugal.

As circunstâncias da sua estada em Portugal terão sido de natureza diplomática. É muito provável que aqui tivesse passado em missão de espionagem a mando de alguma corte estrangeira como podemos verificar neste excerto que deixou nas suas *Memórias*²: «O meu primeiro trabalho foi o de me inteirar com precisão acerca das forças, rendimentos, população e outros recursos do Reino, a fim de os utilizar em ocasião oportuna, pois contava libertar-me em breve e deixar este país onde não me encontrava à vontade». Em Portugal permaneceu de 1765 a 1767, em pleno reinado de D. José, quando Portugal se encontrava nas garras da autoritária reforma pombalina.

A obra de Gorani é extremamente rica em traços gerais e comentários socioculturais, mas carece, por vezes, de detalhe, talvez por ter sido redigido vários anos após a viagem, apenas de memória.

Heinrich Link, autor de *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Portugal*, terá nascido na Alemanha em 1767, filho de um prior que lhe ensinara desde cedo o seu próprio amor pela natureza e que o encorajou a coleccionar objectos naturais. Essa paixão levou a que se matriculasse na Universidade de Gottingen, pela qual se formou em Ciências Naturais em 1789, publicando a sua primeira tese sobre a flora nas regiões rochosas dessa região e passando a dar aulas particulares. Em 1792, foi professor do então recente Departamento de Química, Zoologia e Botânica na Universidade de Rostock. Mostrando-se, desde cedo, um entusiasta em diversas áreas pertencentes às ciências naturais, começou a publicar uma série de livros e artigos sobre botânica, zoologia, filosofia natural, ética, mineralogia, física, química, geologia e, até, estudos pré-históricos.

Em 1798, com 31 anos de idade, Link partiu com destino a Portugal, tirando uma licença de dois anos da sua docência universitária, sob a tutela e financiamento do Conde Johann Hoffmannsegg, um botânico e ornitólogo oriundo de Dresden, com quem viria a cultivar uma amizade duradoura. O intuito da viagem era realizar um estudo sistemático da flora portuguesa. Para Link, os dois anos passados em Portugal viriam a constituir um ponto de viragem na sua carreira, levando-o a especializar-se em botânica, mas constituíram também uma viagem sentimental, em que foi criado um afecto pelo país e pelas gentes que preenchiam os seus textos.

Após o seu regresso de Portugal, onde permaneceu dois anos, foi eleito para leccionar na prestigiada Academia Leopoldina, a escola europeia mais

2 Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie, Biblioteca da società Storica Lombarda, cap.XLI, na sua totalidade só foi entregue à estampa em Milão entre 1936 e 1939. Anteriormente, em 1884, o que se conhecia delas era por meio de Marc Monnier em Un Aventurier Italien du Siècle dernier.

antiga dedicada à história natural. Em 1808, ganhou um prémio da Academia de São Petersburgo pela sua monografia *Da Natureza e Características da Luz*, após o qual a sua reputação como cientista se cimentou definitivamente. Em 1811, tornou-se professor de química e botânica na Universidade de Breslau.

Mudando-se para Berlim, onde permaneceria até à sua morte, tornou-se Professor de História Natural, assim como Director do Ervanário e Jardim Botânico, podendo-se considerar o período mais frutífero da sua carreira académica. Eterno curioso e viajante, fornece um retrato que vai muito além da botânica, visto que os resultados do estudo que o trouxe a Portugal foram coligidos numa outra publicação exclusivamente sobre esse tema. O seu encanto por Portugal foi suficiente para que lhe dedicasse um livro inteiro, que constitui talvez a fonte de informação mais fiável dos três viajantes estrangeiros já mencionados. Para isso poderá ter contribuído o seu pendor de cientista, que ditava que registasse o mais objectivamente possível tudo aquilo que observava à sua volta, reftreando-se nos juízos mais pessoais que se encontram tanto na obra de Costigan como de Gorani.

Dado o elevado número de estrangeiros que visitaram Portugal e sobre ele escreveram, optámos pelos três autores que anteriormente apresentámos, não só porque os seus textos se complementam entre si, como também pela multiplicidade de motivos que os levaram a visitar e a escrever sobre Portugal, de modo a que possamos obter uma visão mais ampla da forma como o país e particularmente Lisboa eram vistos por outros europeus.

Lisboa nas narrativas de viajantes estrangeiros

A vista de Lisboa, quando se atravessa o rio vindo da aldeia Galega, da Moita ou de Cacilhas, é extraordinariamente bela. Não conheço nenhuma grande cidade que se exhiba tão majestosamente.³

Que imagens ressaltam de Lisboa nestes testemunhos? Em linhas gerais, Lisboa sobressai como uma cidade imponente, marcada pelas suas colinas e pelo rio Tejo, intimamente ligada ao comércio.

Lisboa era, como observámos, o local mais visitado dos viajantes estrangeiros e foi também através dela que se criaram alguns preconceitos sobre Portugal e sobre os portugueses. Todavia, como adverte Link ao longo da sua obra, não será Lisboa o melhor espelho do país.

³ Link, Heinrich F., *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005 (Tradução, introdução e notas de Fernando Clara), p.101.

A cidade surge como local a visitar por estrangeiros, principalmente, na sequência do terramoto de 1755, quer para observar com os próprios olhos as consequências da devastação, quer para aplaudirem os tremendos esforços de reconstrução e a nova arquitectura racionalista, traçada a régua e esquadro, implementada por Pombal. De facto, dada a situação de Lisboa como epicentro de comércio e influências estrangeiras, imaginamos que a cidade estivesse sempre em ebulição de actividade, nela convivendo diversas nacionalidades e onde, das suas sete colinas, se vislumbrava o Tejo, repleto de naus e fragatas imponentes. No entanto, há que considerar a desvantagem estética de uma visita posterior ao terramoto que implicaria a constatação de escombros e ruínas ainda por recuperar, assim como os problemas que daí advinham. Gorani refere que passados 10 anos do terramoto ainda há escombros pela cidade e inúmeros bairros por reconstruir, e estranha que se dê prioridade a palácios, a teatros e à Alfândega (que aliás é vítima de outro incêndio logo após a sua reconstrução). Refere ainda uma certa confusão de fortunas, que se gerou com estes acontecimentos: «os que estavam à beira da falência viram-se livres das suas dívidas, roubando os credores. Outros que tinham a sua fortuna em papéis viram-se a pedir esmola»⁴.

Porém, a primeira impressão era de uma cidade deslumbrante e marcada pelas suas colinas e pelo grandioso rio Tejo, imagem partilhada pelos três autores.

Gorani chega a Lisboa pelo rio Tejo e logo que avista Lisboa descreve-a:

Logo que me encontrei a meio do Tejo, pude ver a soberba capital do Reino de Portugal, que se me deparava ao longo da outra margem do rio, disposta em anfiteatro entre o levante e o poente. Do barco onde navegava, os passageiros meus companheiros mostravam-me as colinas onde está edificada: a de São Vicente de Fora, a de São Roque, a de Nossa Senhora das Chagas e a de Santa Catarina. Do rio se desfruta o panorama dos vales constituídos por estas colinas, onde se aconchegam ruas, praças e edifícios, entre os quais grande número de solares e palácios⁵.

Link também descreve Lisboa como uma das mais lindas cidades do mundo, referindo-se à beleza arquitectónica e altiva assim como à paisagem do rio e das sete colinas. É nestes termos que nos é encetada a sua descrição. Lisboa surge com um vínculo muito evidente ao mar, com o seu «[...] cais, os bandos de gente onde os barcos e os pequenos navios aportam, são

4 Gorani, Giuseppe, Portugal - A corte e o país nos anos de 1765 a 1767, Lisóptima, 1989 (trad., pref. e notas por Castelo-Branco Chaves), p.114.

5 Gorani, p.65.

esplêndidos e superam de longe os cais de Londres e Paris»⁶.

Para além da sua maravilhosa localização geográfica, aspecto testemunhado por muitos ao longo dos anos, Lisboa surge como uma cidade viva, de agitação fervilhante, onde a presença do comércio é imponente, repleta de cores e aromas, mesmo aos olhos críticos de Costigan,:

Imaginaí uma extensão marginal considerável ao longo de um rio espaçoso, capaz de conter toda a qualidade de navios, e que alcança as suas águas imediatamente no vasto Oceano Atlântico. Considerando a sua posição, bem melhor do que a de nenhuma outro do continente europeu, o seu extenso comércio com todo o continente americano, e ainda a salubridade do clima, a variedade infinita de frutas e de quase todas as espécies de produções naturais (que a terra pode dar em abundância, do momento que a cultivem), fica-se embaraçado sobre que mais se há-de admirar, se o muito que a natureza fez para tornar estes habitantes felizes ou o pouco cuidado que eles têm para o serem.⁷

Lisboa como principal meio «urbano lusitano» havia sido sempre mais propícia a doenças e peste, derivado ao elevado número de habitantes que se iam concentrando em busca de melhores condições de vida, muitos dos quais acabavam como mendigos, favorecendo assim a falta de higiene e a propagação de doenças. Costigan relata que, fosse Lisboa uma cidade mais funcional e bem organizada, não se verificaria a falta de saneamento básico. A urbe ainda mantinha um cariz medieval patente no arremesso dos dejectos pessoais e domésticos para a rua todas as noites, onde eram deixados em estado virulento de decomposição.

Gorani diz-nos que Lisboa é de uma sumptuosa aparência e que «[...] não existe porto mais vasto para albergar um grande número de barcos de todos os tamanhos, nem angra mais bem situada para o comércio universal»⁸. Porém, lamenta que «[...] a maior parte das suas ruas eram sujas, mal calçadas e que os frequentes declives tornam certas serventias extremamente desagradáveis. Eu não podia imediatamente aperceber-me destes inconvenientes porque, ao sair do rio, entro na soberba rua Augusta, que era nova e ainda estava incompleta.»⁹

Nos seus registos, para além desta crítica, que era alargada à maioria das estradas nacionais, Gorani também nos informa da grande vantagem que

⁶ Link, p.105.

⁷ Costigan Arthur William, Cartas sobre a sociedade e os costumes de Portugal, 1778-1779Vol. II, Lisóptima, 1989 (trad., pref. e notas por Augusto Reis Machado), p.18.

⁸ Gorani, Giuseppe, Portugal - À corte e o país nos anos de 1765 a 1767, Lisóptima, 1989 (trad., pref. e notas por Castelo-Branco Chaves), Gorani, p.66.

⁹ Gorani, p.68.

Lisboa levava com a construção das novas ruas:

[...] a pavimentação das ruas que estavam a ser construídas era muito boa e a cidade obtinha grande vantagem com a destruição das antigas ruelas e casa insalubres, porque agora se construíam novas ruas, largas, regulares, bem pavimentadas e ladeadas de passeios. Os novos prédios eram altos, uniformes e sólidos. O processo era tal que o carpinteiro era primeiro operário a entrar em funções. [...]¹⁰

De forma semelhante, Link adverte para as mesmas questões, salientando que, embora bela, Lisboa se encontrava suja, mal iluminada e com ruas que dificultavam a circulação; a estes factores menos agradáveis juntavam-se as hordas de ladrões dispersos pelas vielas e azinhagas, assim como uma alcateia de cães sem dono que percorrem a cidade «como lobos esfaimados». Atentemos ao seguinte excerto.

Depois de almoço, apesar de estar muito calor, saímos para ver a cidade, cuja situação romântica e posição irregular sobre várias colinas e vários vales, entre pomares e vinhas, estendendo-se nas margens do rio majestoso, e coberto de barcos proporciona ao curioso, a cada novo passo que dê, uma quantidade prodigiosa de pontos de vista interessantes. Lord Freeman observou com acerto que cada golpe de vista, a alguma distância do local onde estávamos, era tão belo, quanto sujo e nojento era o próprio local¹¹

Apesar do despotismo polémico de Pombal, Costigan não deixa de o louvar pelo tremendo esforço que implementou na reconstrução de Lisboa após o terramoto 1755, centrando na baixa a maior parte dos órgãos administrativos do país, representando a glória colonial, se bem que nesta altura já em fase de decadência, através de uma arquitectura imponente, mas sóbria. No entanto, as partes velhas da cidade, que não foram abaladas pelo terramoto, deixavam muito a desejar:

As ruas tinham pouca largura, eram contínuas as suas curvas, de cima a baixo e de baixo a cima, quase por toda a parte e em todas as direcções; era má a construção das casas, cujos andares de cima avançavam sobre os que estavam por baixo, de tal forma que os habitantes dos andares mais altos das casas, de um e outro lado, podiam-se dar as mãos. A total privação dos raios de sol fechava todo o acesso às correntes do ar.¹²

Lisboa apresentava, segundo Link, os maiores problemas no que dizia respeito à segurança pública, consequência do elevado número de escravos:

¹⁰ Gorani, p.115.

¹¹ Costigan, p.32.

¹² Costigan, p.23.

A primeira coisa que uma pessoa não pode deixar de notar em Lisboa é o mau policiamento. [...] Muitos se admiraram como nós tínhamos ousado, nestes tempos de guerra, viajar para Portugal por terra, eu garantia que esta não é de longe uma empresa tão audaz como ir de Belém a Marvila, no extremo oriental da cidade, por volta da meia-noite.¹³

Se bem que se aponte a sujidade, os precários acessos, a criminalidade e os escombros do terramoto de 1755, que ainda permaneciam em alguns bairros, o ar deveria ser bastante mais respirável do que em Londres. Entre os séculos XVIII e XIX, esta cidade tornou-se negra e cinzenta, com uma atmosfera praticamente irrespirável, devido às consequências da revolução industrial que aí se verificou. Conclui o autor que, não fora o terramoto e os escombros dele resultante, Lisboa não seria, certamente, mais imunda do que Londres ou Paris na mesma altura.

Ao povo lisboeta Gorani tece largos elogios, ao contrário da nobreza ou do clero:

[...] e como poderia este povo, particularmente o de Lisboa, ser o pior dos povos, como aliás o afirmam tantos viajantes, se ele está cercado de condições próprias a inspirar-lhe a bondade? (...). Bastava o panorama do Tejo para o tornar amável. Os barquinhos que continuamente cruzam o rio, faça bom ou mau tempo, o grande número de navios de todos os países, a chegada e partida das frotas do Brasil, de África e de Goa; o largo estuário do rio, o Castelo de Belém que fica à direita, o palácio real, a Torre de S. Julião que está à esquerda, os campos que circundam a bela capital, onde abundam as lindas quintas; as florestas de limoeiros e laranjeiras entremeadas com vinhas, de olival e de figueiras; as estradas bordadas de enormes loendros que deleitam a vista; os caminhos calçetados com grandes pedras; a passagem da barra, embora perigosíssima, quer à entrada quer à saída, por causa dos numerosos bancos de areia: todos estes espectáculos, enfim, que continuamente se lhe exibem aos olhos constituem um magnífico panorama que basta, só por si, se outros motivos não houvesse, para tornar os habitantes alegres e bons.¹⁴

Para além das descrições urbanísticas, da política e da segurança, estes textos reflectem uma série de acontecimentos e curiosidades, que nos ajudam a construir o quadro de como seria a vida de Lisboa. Por exemplo: a presença assídua de vendedoras de rua, que vendem fruta, sardinhas, castanhas ou tremoços, confere dinamismo a uma cidade que parece estar sempre agitada

¹³ Link, p.121.

¹⁴ Gorani, pp 134-135

«As gentes do povo comem tremoços (*Lupinus albus*) com uma frequência invulgar (...). Nos mercados, procissões, touradas e ocasiões semelhantes cozem-se mas são vendidos frios, as gentes do povo costumam então metê-los nos bolsos e vão-nos comendo»¹⁵.

Ainda sobre a alimentação em Lisboa, Link acrescenta que «[o] pão de Lisboa é mau em quase todo o lado, geralmente de farinha de trigo, mais raramente de milho, nunca de centeio»¹⁶. Ao contrário da carne que é excelente, destacando-se a carne de vaca, porco preto e o presunto. O carneiro já não é apreciado e a carne de caça escasseia: «[...] com a excepção dos coelhos e das perdizes rubras (*Tetrao rufus*) que são muito frequentes, mas não são tenras como as nossas perdizes cinzentas»¹⁷.

Link mostra-se admirado por não se fazer manteiga fresca e a escassez de leite dada a elevada quantidade de pastagens:

É estranho que não se faça em Portugal manteiga fresca, à excepção de umas poucas casas particulares no campo, usa-se muito simplesmente a manteiga irlandesa ou, mais raramente a holandesa das barricas. O queijo holandês é também o mais barato e o mais vulgar e, exceptuando as grandes cidades, não se encontra leite em lado nenhum, tendo de se beber leite de cabra em algumas serras.¹⁸

Dos peixes salientados por Link (o sável, o peixe-espada, a pescada, o linguado, o rodovalho) sobressai o bacalhau afirmando que os armazéns de Lisboa abarrotavam deste peixe, que era consumido por todas as classes. Link acentua a diferença entre o bacalhau consumido em Portugal, seco e salgado, e o utilizado na Alemanha, apenas seco.

A sardinha aparece como um dos grandes recursos para a classe mais baixa:

Um outro peixe que se apanha em grandes quantidades na cozinha portuguesa é a Sardinha [...] especiaria dos pobres e muitas vezes utilizada na engorda dos porcos. Pão, vinho e sardinhas são o jantar do soldado, do operário e das classes inferiores. Vi muitas vezes os mendigos esfregarem o pão dos filhos com uma sardinha, para lhe ganhar o gosto¹⁹.

Relativamente às frutas, Link adianta-nos que:

A fruta habitual são as laranjas e as uvas, os melões e as melancias são também extraordinariamente frequentes no Verão [...]. Os figos do lado sul do rio, especialmente

15 Link, p.118.

16 Link, p.180.

17 Link, p.119.

18 *Ibidem*.

19 *Ibidem*.

de Almada, são muito bons, os figos secos vêm do Algarve para Lisboa. Ameixas, cerejas, pêssegos são raros e maus, há maçãs e peras muito boas, são porém caras e raras²⁰.

Especialmente nas classes mais altas, o principal luxo de uma refeição portuguesa consiste na sobremesa, « [o] grande regalo, o grande luxo de todos os momentos, é uma quantidade enorme de doces que conservam para todas as ocasiões [...]; os doces levam-nos a beber grandes copos de água que os engordam de uma forma surpreendente»²¹.

Ao definir o carácter e temperamento dos habitantes de Lisboa, Link refere o termo «enfadonho» como a palavra que mais se adequa. Observando o autor que os portugueses são « [...] conversadores natos e, não raro, enfadonhos [...]», assim como a vida social em Lisboa é: «[...] triste e enfadonha [...]. Não se dão passeios nem se sai para passear, não há um Prado onde uma pessoa se possa diariamente mostrar em público, em geral nenhuns jardins ou casas públicas onde se possam arranjar partidos [...]»²².

Tão pouco gostam os portugueses de dança. No entanto, em termos de entretenimento, é-nos surpreendente que um povo de traços tão aparentemente soturnos tenha uma tendência para apreciar teatro satírico, sendo que a «[...] a nação tem em geral uma grande inclinação para a graça e para a sátira, a língua é muito bem moldada para exprimir o divertido e o engraçado»²³.

Este retrato de Lisboa aponta algumas fragilidades da capital portuguesa, a criminalidade, os mendigos na rua, a sujidade, uma corte pobre e inculta. Também existe por parte de muitos viajantes a ideia, criada a partir de Lisboa, que o povo português é preguiçoso, traiçoeiro, contrariamente à ideia deixada por Link e Gorani, que puderam verificar ao longo das suas viagens pelo país «[q]uanto ao povo, não me canso de o repetir, achei-o bom, generoso, especialmente a população rural»²⁴.

Estes olhares constituem valiosos testemunhos para melhor compreender e definir a identidade portuguesa, podendo também ser curiosos instrumentos de reflexão entre o passado e o presente.

Bibliografia

AA. VV., Dicionário Ilustrado da História de Portugal, Publicações Alfa, Navarra, 1985.

²⁰ Link, p.120.

²¹ Costigan, p.100.

²² Link, pp.128-131.

²³ Link, p.133.

²⁴ Gorani, p.63.

CARVALHO, João, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens. Estudo de processos retóricos e hermenêuticos*, Edições Colibri, Lisboa, 2003.

CARVALHO, João e Catarina Oliveira (coord.de), *Viajantes, Escritores e Poetas – Retratos do Algarve*, Edições Colibri, Lisboa, 2009.

CHAVES, Castelo Branco, *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, série «Literatura», Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1987, 2ª ed.

FONSECA, João Duarte, *1755- O terramoto de Lisboa*, Argumentum, Lisboa, 2005, 2ªed.

COSTIGAN, Arthur William, *Cartas sobre a sociedade e os costumes de Portugal, 1778-1779*, Vol. I e II, Lisóptima, Lisboa, 1989 (trad., pref. e notas por Augusto Reis Machado).

GORANI, Giuseppe, *Portugal - A corte e o país nos anos de 1765 a 1767*, Lisóptima, Lisboa, 1989 (trad., pref. e notas por Castelo-Branco Chaves).

LINK, Heinrich F., *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005 (Tradução, introdução e notas de Fernando Clara).

MARQUES, A. H. Oliveira, *Breve História de Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, 5ª edição

SARAIVA, António José e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 1978, 1ª edição corrigida e actualizada.

VELOSO, Carlos, *A alimentação em Portugal no século XVIII nos relatos de viajantes estrangeiros*, Livraria Minerva, Coimbra, 1992.

Ana Catarina Ramos é Mestre em Literatura Comparada pela FCHS da Universidade do Algarve. Trabalha no Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela/ Câmara de Vila Real de Santo António onde dinamiza desde 2006 projectos nas áreas da educação, interpretação e valorização do

Jardins cercados: deambulações por Lisboa e arredores de dois viajantes alemães na viragem do século XVIII para o século XIX

Sasha Lima

“Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira com os pesos amarelos;
Os formosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando”¹

Decorria o ano de 1797, e o conde de Hoffmannsegg entusiasmava-se, uma vez mais, com o iminente regresso a Portugal para continuar o projecto do estudo da flora e fauna portuguesas. Dois anos antes, ele já permanecera cinco meses no país e, em conjunto, com o naturalista Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau, tinha encetado uma listagem de espécies com belíssimas ilustrações desenhadas por este último. No entanto, a estadia fora demasiado breve para qualquer trabalho adequado. Agora o conde desejava regressar e debruçar-se laboriosamente sobre o assunto até criar uma listagem exaustiva e criteriosa. O próprio livro que tinha nas mãos, *Os Lusíadas* do poeta português quinhentista Luís de Camões, e a estrofe tão intensa, fragrante dos frutos citados que lhe dava a sensação que perfumava os dedos cada vez que tocava no papel, incitavam-no a partir para aquele país do sul.

No tempo que lá estivera, não se lembrava de ter visto muitas cidreiras. O seu fruto, o “cedrat” ou o “Judén-citronat” como lhe chamavam na Alemanha, tinha sempre cativado a imaginação do conde. A primeira vez que lhe tocara ficara espantado com a casca rugosa e com a sua leveza que não era proporcional ao seu tamanho. –“Mais leve do que um limão mas duas vezes maior que este” –, pensara o conde. Nos últimos anos, as comunidades judaicas tinham começado a importá-lo da ilha de Corfu, na Grécia, e a preferir a variedade tradicionalmente ligada a Génova, na Itália. As guerras geradas para dominar o mercado, bem como a variação das taxas exercidas sobre o fruto tinham criado um tal burburinho que o conde acabara também por se interessar pela relação

¹ Camões, Luís Vaz. *Os Lusíadas*, canto IX, estrofe 56, Parceria A.M. Pereira, Lda., Lisboa, 1971

do próprio cidrão no circuito dos judeus da sua área. O fruto era essencial no ritual da Festa dos Tabernáculos, e teria vindo com os Hebreus para Ocidente quando estes regressaram à Palestina após os anos de cativeiro na Babilónia. O conde não duvidava que a existência do cidrão na Europa tinha apenas a ver com a sua persistência na tradição judaica.

Eram já as cinco da tarde, a altura em que normalmente pedia ao seu criado para lhe servir um dos licores locais da herdade, mas, envolto naqueles pensamentos, pediu, em vez disso, o “kitron” que mantinha guardado para ocasiões muito especiais. Um dos amigos botânicos tinha-lhe oferecido aquele licor produzido numa pequena quinta da ilha de Naxos. Era preparado a partir dos cidrões locais e parecia quase não ter álcool, embora a intensidade cítrica fosse tão explosiva no palato, que o conde sentia arrepios por todo o corpo, convencendo-se de que não voltara a adoecer desde que tomava um cálice nos momentos em que imaginava que estava a ficar flácido e letárgico.

Desta feita, sentiu uma tal energia que saltou da cadeira e precipitou-se para o estúdio adjacente à sala onde estivera para observar, de novo, os mapas espalhados na secretária. No dia seguinte, chegava o jovem cientista Heinrich Friedrich Link que muito o tinha impressionado aquando da sua estadia na Universidade de Rostock. Juntos iriam estabelecer metas e organizar um método para o estudo sistemático da flora portuguesa.

O olhar de Link deixou de contemplar o rio e voltou-se para as janelas opostas de onde, longinquamente, se podiam observar os moinhos de vento. Em vez de uma asa, estes eram impulsionados por quatro velas triangulares esticadas, dando às colinas à volta de Lisboa um aspecto singular. “Mas nem por isso o pão é bom nesta cidade”, pensou o naturalista, “e sem variedade, feito geralmente de farinha de trigo, mais raramente de milho, nunca de centeio”.

Na descrição dos arredores da cidade, Link já tinha anotado o que mais o impressionara:

Lisboa que dá para o lado da terra é total e completamente constituída por colinas, do cimo destas vêem-se apenas os edifícios mais altos da cidade e é de repente que uma pessoa se encontra na cidade sem antes a ter visto. A maior parte dos arredores de Lisboa, especialmente a leste e nordeste, e até uma distância considerável da cidade, está coberta de grandes jardins cercados por muros altos. É insuportável ter de andar por entre estes altos muros, muitas vezes horas a fio, com a vista completamente obstruída, e onde facilmente uma pessoa corre o risco de se perder. O sombrio e oriental gosto pelos muros, o ciúme e sentimento análogos, são provavelmente os responsáveis por estes altos muros,

que parecem cercar fortalezas e não jardins. Um jardim deste tamanho chama-se em português quinta. Têm frequentemente uma grande área, estão mais equipados para deles se tirarem lucro e proveito do que para o lazer, têm habitualmente plantações de laranjeiras, oliveiras e por vezes mesmo searas e vinhas. Uma casa de Verão extremamente grande faz ainda parte de tudo isto porque a família costuma morar nestes jardins durante uma parte do Verão... As quintas são habitualmente muito agradáveis, justamente por aí se verem menos coisas artificiais, muitas vezes não há mais nada a não ser um ribeiro natural ou artificial ladeado de loendros que aqui se elevam elegantes a uma altura de 20 a 30 pés, ou também choupos e árvores semelhantes. Muito raramente se vêem quintas equipadas e preparadas para o lazer e nessas procurou-se imitar o novo estilo francês. Um dos melhores jardins deste género nos arredores de Lisboa pertence ao marquês de Abrantes e situa-se na vila de Benfica. Os jardins em redor de Lisboa agradam aos estrangeiros por causa das plantas, porque o que nos nossos países é penosa e dificilmente criado em estufas e vasos dispara aqui desenfreadamente em direcção ao céu. As magníficas magnólias, a tamareira, a bananeira são altas e estão cobertas de flores, os gerânios do Cabo, as variedades de cereus da América formam sebes, e Mesembryanthema pendem dos muros, que cobrem completamente com uma espessa teia.²

O olhar de Link tendia a voltar para os lados do rio. Tinham-lhe dito que antes do terramoto havia palácios com laranjais que desciam em socalcos das colinas até ao rio Tejo. Mas assim mesmo esta cidade era bela!

O primeiro apontamento que escrevera sobre Lisboa, tinha-o feito sem nenhuma reserva, totalmente imerso pela luz que o impedia de observar com olhar crítico, como um amante deleitado pela coisa amada.

A vista de Lisboa, quando se atravessa o rio vindo da Aldeia Galega, da Moita ou de Cacilhas, é extraordinariamente bela. Não conheço nenhuma grande cidade que se exhiba tão majestosamente. A grande superfície de água, um caudal que em alguns sítios tem uma largura superior a duas milhas alemãs, a quantidade de navios mesmo junto ao rio, a cidade grande que se estende pelas colinas como um anfiteatro, com uma série de igrejas, os cimos cultivados, cobertos de quintas, conventos, igrejas, jardins e oliveiras – tudo isto é por certo uma invulgar combinação de raras belezas. A uma distância maior, quase não se distinguindo a cidade propriamente dita porque toda a margem do rio é uma cidade, a majestosa, rochosa e pontiaguda serra de Sintra forma ao longe o pano de fundo deste quadro, depois de já a alta serra da Arrábida, do lado sul do rio nos ter surpreendido no meio das charnecas. À medida que uma pessoa se aproxima, começa-se finalmente a distinguir a cidade que ocupa as colinas até aos seus cimos, descobre-se a bela praça do

² Link, Heinrich Friedrich, *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, 109-110 Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005.

Comércio, as novas ruas, o Arsenal, o Terreiro do Trigo, vê-se como o rio se estreita junto à foz e, coberto de grandes navios, desagua no mar por entre colinas que aqui, do lado sul habitualmente plano, também se elevam, admiram-se estas colinas do lado norte com Belém, a Ajuda e a sua igreja resplandecente, com a Tapada Real, e do lado sul adornada com a vila de Almada, cuja igreja se encontra no cimo do primeiro cume. Poder-se-á levar a mal aos Portugueses, quando num passeio pelo rio eles dizem que Lisboa é a mais bela cidade do mundo? Cheio de razão diz a este respeito o provérbio: quem não tem visto Lisboa não tem visto coisa boa. Quem não viu Lisboa não viu nada. Porque uma vista destas não existe em nenhum outro lado.³

A luz do enorme espelho de água que era o rio encandeava tantas vezes e tornava ainda mais penoso aqueles passeios à beira-rio que Link fazia tanto a pé como a cavalo entre o lado oriental da cidade, onde as casas quase não findavam e as povoações se sucediam umas às outras, até ao lado oeste onde não se percebia bem onde Lisboa findava e Belém começava. A água encontrava-se por toda a parte, o rio Tejo banhava os alicerces das casas e aquando das grandes chuvadas a água corria pelas ruas abaixo com tal força que estas ficavam completamente intransitáveis. Em zonas inclinadas da cidade era mesmo comum que pessoas e cavalos fossem arrastados pelas águas e por pouco não eram precipitados no rio. “No entanto”, pensara Link, “essas torrentes de chuva tinham o grande mérito de levar consigo simultaneamente toda a lama e imundícies”.

O encaminhamento da água e a sua distribuição por muitas e várias condutas até aos chafarizes impressionara Link que se deleitava com a água vendida a copo por todo o lado, em praças e passeios públicos. O método de conservar a água e outras bebidas frescas que encontrara tanto em Espanha como em Portugal, e que era uso corrente na cidade levava-o a escrever várias vezes sobre os recipientes:

Cozem-se as vasilhas de barro e de uma argila calcária e ferrosa de forma a ficarem ainda muito porosas, sem lhes dar o vidrado. Chama-se a estes recipientes púcaros ou alcazazas. A humidade penetra na argila e surge na superfície exterior como uma fina camada de orvalho, que constantemente se evapora, produzindo assim frio segundo uma conhecida lei da física. No início, as bebidas ficam com um desagradável sabor a terra que com o uso se perde rapidamente.⁴

Comiam-se também laranjas que serviam para aliviar a sede, vendidas

³ Link, 101.

⁴ Link, 112.

demasiadamente caras em Lisboa, na opinião de Link, mesmo se nos arredores da cidade fossem a árvore de fruto mais comum:

As árvores que aqui se vêem nos arredores a norte de Lisboa são principalmente oliveiras e laranjeiras, árvores de fruto são raras e mesmo as amendoeiras não são de todo frequentes. Ciprestes, alfarrobeiras, olmos, choupos, vêem-se apenas aqui e ali, carvalhos, faias e tílias não se vêem e salgueiros são extremamente raros... A laranjeira é a que mais impressiona, apesar de não ser particularmente alta nos arredores de Lisboa. Existe uma série de plantações de laranjeiras, tanto nos campos como nas quintas, onde muitas vezes forma pequenos bosques. É uma árvore que precisa de muita água, água essa que é conduzida até às plantações através de condutas e aí distribuída por meio de noras. Amontoa-se a terra à volta da sua raiz e depois conduz-se a água por entre estes montes de terra. Das sementes facilmente crescem troncos novos e silvestres e posteriormente enxertam-se da forma habitual. Em Dezembro e Janeiro as laranjas começam a tomar cor, em fins de Janeiro e Fevereiro, quando ainda não estão completamente maduras e doces, colhem-se para enviar para o estrangeiro. Por volta dos fins de Março e em Abril, já estão muito boas, as pessoas delicadas não as comem antes do início de Maio, porque só então ficam verdadeiramente doces e saborosas. Mantém-se pelo Junho e Julho dentro, até Agosto, mas no final tornam-se muito raras e demasiado maduras. Em fins de Abril e em Maio aparecem as flores, o aroma espalha-se amplamente pelo ar em redor, a quantidade de frutos dourados debaixo da folhagem escura que as flores brancas ainda realçam mais suscitam sempre uma nova admiração, mesmo vendo-as todos os dias. Uma árvore dá muitas vezes 1500 frutos, há exemplos de uma árvore que deu 2000 e, mais raramente, 2500 frutos. As laranjas da vila do Lumiar, perto de Lisboa, são especialmente boas, Cavaleiros de Malta asseguraram-me que estas e as laranjas de Condeixa, perto de Coimbra, não ficam atrás das famosas laranjas maltesas. Também achei as pequenas laranjas da Vidigueira, no Alentejo, extraordinariamente delicadas. Em Lisboa não são propriamente baratas, mas nas províncias compram-se muitas vezes magníficas laranjas, cada uma a aproximadamente um tostão. As laranjas são vendidas por grosso ainda na árvore, existe gente singular que consegue estimar o seu número quando ainda estão na árvore, depois são colhidas, cuidadosamente empacotadas e assim expedidas. A maior parte vai daqui para Inglaterra ou é daqui levada por navios ingleses e depois vendida noutros portos.

Ricos comerciantes, que há muito estão neste negócio, asseguraram-nos que não traz grande lucro, e muitas vezes traz mesmo prejuízos. Outros citrinos, como por exemplo os limões, são mais raramente cultivados em Lisboa e mais frequentemente em regiões mais frias de Portugal.⁵

⁵ Link, 112-113.

O conde de Hoffmanssegg e Heinrich Link tinham marcado encontro ao fim da manhã na casa comercial de José Inocêncio Rodrigues que se situava na rua dos Fanqueiros. O conde fazia questão de manter os negócios à parte de qualquer relação estabelecida a nível pessoal. Assim, nunca recebia correio, a não ser o mais íntimo, nas casas dos amigos onde se hospedava.

Naquele dia de manhã cedo, tinha deixado o palácio da quinta do Street e ao contemplar os campos, observara que estavam menos verdes do que quando da sua estadia de 1795/1796. Os triguais estavam menos fortes, menos densos e principalmente nos terrenos altos, as searas nem sequer encobriam o chão. Por outro lado, as oliveiras e as vinhas apresentavam-se cheias de promessas o que alegrou o conde.

Quando ia por entre as latadas da quinta, opulentas de folhagem, na paisagem quieta de searas e olivedos, lá do sul, de além do severo maciço de Monsanto, veio o estrondo das salvas de grossa artilharia. Estavam no Tejo duas formidáveis esquadras, inglesa e alemã, com grandes navios de aço, maravilhas da construção naval, colossos de força, suprema expressão da energia dos arsenais. O som desafinava por completo da paisagem bucólica na qual estava imerso e, uma vez mais, naquela manhã sentiu-se pesaroso. Havia como um desajuste tão grande entre a antiga arte naval desta nação do sul que soubera ir beber às grandes tradições de engenharia náutica e que depois tinha ampliado o seu saber com a verificação pela experiência das grandes viagens, caldeado na sageza das mãos dos marujos, e este espantoso espectáculo bélico que parecia dar a entender que se avizinhavam terríveis conflagrações.

À frente do conde passaram carros de trabalho todos enfeitados com ramos de oliveira, espigas de trigo, papoulas vermelhas e malmequeres brancos. As cabeças dos animais também vinham enfeitadas de espigas e flores e atrás vinham ranchos animados de gente do povo, as raparigas com grandes ramos nas mãos e os rapazes com raminhos atados nos varapaus.

Tinha-se esquecido, era o dia da Espiga de quinta-feira de Ascensão.

Lembrou-se da sua infância católica em Dresden, e das festas agrícolas nas terras da família em Rammenau que sempre acabavam com desacato devido a um consumo excessivo da cerveja local.

Tinha que regressar para o pequeno-almoço com os Street. A omnipresença das laranjeiras, limoeiros e latadas plantadas quase que displicentemente ao sabor das condições geográficas, encantava o conde. A quinta também reflectia toda uma nova prática de experiências agrícolas, adubações, drenagens, empregos de maquinaria, fruto das novas teorias de jardinagem que grassavam na capital

após o terramoto.

Guilherme Street de Arriaga Brum da Silveira e Cunha teria à volta de quarenta anos e tinha um carácter jovial e empreendedor. Nascera na ilha do Faial, nos Açores, e as suas memórias de infância impeliam-no para o cultivo e hibridização de variedades de citrinos. Do Faial, terra da melhor laranja do mundo, dizia ele, tinha vindo a variedade que lá tinha originado e que ele plantara na quinta do palácio. As árvores eram muito produtivas com grande poder de adaptação às condições ambientais, tinham um grande porte e as folhas eram de um verde-claro. Os frutos eram extremamente sumarentos e faziam a delícia da casa naqueles dias de um sol primaveril mas já demasiadamente quente para o conde.

Não muito longe daquela quinta, havia uma outra que se acedia por azinhas naquela zona de Carnide. Passava-se pela Horta Nova para chegar a essa quinta, propriedade do barão de Mossâmedes. Guilherme Street e o conde tinham lá passado e feito uma breve visita de cortesia em homenagem ao visitante alemão. Não tinha havido tempo para um passeio nos jardins da quinta mas ainda levaram o conde a ver a maravilhosa cascata que majestosamente lançava as suas águas no meio dos mais complexos embrechados e sumptuosos nichos. Tinha parecido ao conde que Guilherme Street também tentava desenvolver no seio do barão o gosto pela agricultura e pela botânica.

Tinham mencionado e discutido calorosamente o valor de um professor de botânica, Dom Félix de Avelar Brotero e insistido com o conde para que lesse a *Introdução à Botânica* que esse professor tinha escrito na língua portuguesa sobre toda a flora de Portugal.

O conde de Hoffmannsegg desejava agora dar conhecimento a Link do nome deste notável pedagogo e cientista para que eventualmente se produzisse um encontro frutuoso entre ambos, e que o trabalho que Link tinha entre mãos fosse de algum modo acelerado.

Depois dos assuntos tratados na Rua dos Fanqueiros, os dois viajantes dirigiram-se à Praça do Comércio, obrigados a passar por vários troços de obras que pareciam paradas há já bastante tempo. Nas várias referências que Link fizera tanto nas cartas aos amigos como nas notas do diário, a praça tinha sempre sido descrita como bela e enorme: «O cais, os bandos de gente, onde os barcos e os pequenos navios aportam, são esplêndidos e superam de longe os cais de Londres e Paris. O lado oriental é fechado por um grande edifício com arcadas, que termina junto ao rio com um grande pavilhão onde está sediada a Bolsa.»⁶

⁶ Link, 105.

O lado ocidental mantinha-se inacabado.

Um barco do Reino de Tripoli tinha acabado de atracar com várias munições de guerra. As peças de artilharia, espingardas, balas, barras de ferro, todas as castas de madeira próprias para a construção de navios, pez, alcatrão, óleos, enxárcia, amarras, mastros, bigotas, âncoras, velas e todos os mais aprestos de guerra, tanto por mar como por terra, assim como sacos de provisões alimentícias, trigo, cevada, legumes e aveia, encontravam-se espalhados no pátio da Alfândega e os aduaneiros preparavam-se para calcular o pagamento de tributo ou a isenção do mesmo.

No edifício esperava-os o recém-nomeado Governador da Torre, D. João Carlos de Bragança de Sousa Ligne Tavares Mascarenhas da Silva, um antigo conhecimento do conde e a quem este devia todas as facilidades para a concretização das várias pesquisas de natureza científica que constantemente o assolavam. João Carlos de Bragança tinha fundado, juntamente com o seu mentor, o abade Correia da Serra, a Academia Real das Ciências, em Lisboa, no ano de 1779, de que fora o primeiro presidente.

Hoffmansegg tinha-lhe pedido relatórios dos artigos perecíveis que habitualmente eram exportados de Lisboa para o norte da Europa.

Bristol surgia como um dos portos mais importantes que recebia toda a produção de produtos portugueses. Dali as exportações seguiam para o resto da Europa, sendo os ingleses os intermediários e os que lucravam com todo o negócio.

As listagens consistiam em sacas de lã, caixas de laranjas, de uvas, de romãs, de ameixas e de cidrão, pipas de vinho de Lisboa, pipas de azeite doce, ceiras de figos, sacas de algodão, pipas de vinho do Porto, pipas de vinho da Madeira, caixas de cebolas, quintais de cortiça e mais barris de frutos e drogas não identificadas.

O cidrão era ainda exportado tanto de Lisboa como do Porto. Tinha sido para detectar ainda possíveis zonas de produção daquele fruto que o conde pedira ajuda, e não hesitara em incomodar, um homem que exercia agora um cargo de grande prestígio na capital, embora sem nenhum poder efectivo, como o próprio se queixava.

Saíram da Alfândega e entraram na carruagem de João Carlos de Bragança para se dirigirem a um retiro das hortas do lado oriental da cidade, perto do Convento da Madre de Deus, onde João dizia que o vinho era tão bom que deslizava suavemente pela goela abaixo, e a opulenta companheira do dono

cozinhava deliciosos pratos tanto de carne como de peixe.

Antes das cinco da tarde estariam de regresso porque todos temiam a noite e os perigos associados à malfeitoria disseminada pela cidade. Se, antigamente a cidade era iluminada, já não o era, escrevia Link:

Como as lojas fecham cedo nada alumia a escuridão das vielas estreitas e mal pavimentadas. Uma horda de cães sem dono que se alimentam à custa do público erra pela cidade como lobos esfaimados e, pior ainda do que estes, é a horda dos bandidos. Muitos se admiraram como nós tínhamos ousado, nestes tempos de guerra, viajar para Portugal por terra, eu garantia que esta não é de longe uma empresa tão audaz como ir de Belém a Marvila, no extremo oriental da cidade, por volta da meia-noite. Como pode um povo, entre o qual se encontram afinal homens esclarecidos, aguentar horrores deste género, que põe Lisboa ainda abaixo de Constantinopla?⁷

No dia seguinte de manhã cedo, Link dirigiu-se como já vinha sendo o seu hábito para os lados da Ribeira Nova a fim de relatar as espécies que se vendiam no mercado. As ruas estavam amontoadas de imundície e no estreito atalho, perto do rio, que serpenteava junto às casas e que levava directamente ao mercado, Link observou a dificuldade que os carregadores, na sua maioria galegos, tinham para levar a bom porto as suas enormes cargas de mercadoria, e como das janelas das casas eram atiradas às cegas para cima dos passantes, as imundícies da pior espécie.

No Carnaval que passara em Lisboa, Link tinha mesmo constatado que o gosto dominante da nação seria o atirar de imundícies uns aos outros: «Nobres e gente do povo divertem-se em atirar toda a espécie de sujidade e imundície aos passantes que, de acordo com o costume e para evitar maus encontros, aguentam pacientemente este tipo de coisas. Uma encantadora dama de condição despejou um bacio sobre mim, não me deixando qualquer consolo a não ser o de esperar que o bacio fosse o seu».⁸

O cheiro do peixe e ainda mais o da sua fritura já inundavam as artérias do mercado. O peixe rei da cozinha portuguesa, a sardinha, era o alimento revivificador e bálsamo das dores daquele povo:

Pão, vinho e uma sardinha constituem o almoço do soldado vulgar, do jornaleiro e de semelhantes gentes do povo. Vi muitas vezes mendigos que esfregavam o pão com uma sardinha para lhe dar algum gosto e davam-no aos filhos. Se a pesca fosse devida e convenientemente explorada, este peixe poderia substituir o bacalhau e Portugal podia, ainda por cima, lucrar extraindo óleo de peixe.⁹

7 Link, 121.

8 Link, 23.

9 Link, 119.

No que dizia respeito à agricultura, Link observava amiúde como era deficientemente explorada ao redor de Lisboa embora as condições atmosféricas fossem propícias a boas colheitas. E, com exceção das laranjas e das uvas, os frutos de pomar não eram de qualidade já que os campos não eram convenientemente adubados, não se usava o estrume ou então deixava-se para o solo plantas putrefactas.

A fruta habitual são as laranjas e as uvas, os melões e as melancias são também extraordinariamente frequentes no Verão. As últimas é raro serem muito grandes e os primeiros são habitualmente maus. Os figos do lado sul do rio, especialmente de Almada, são muito bons, os figos secos vêm do Algarve para Lisboa. Ameixas, cerejas, pêssegos são raros e maus, há maçãs e peras muito boas, são porém caras e raras, a maior parte das vezes chegam a Lisboa vindas de Colares, uma povoação que não fica muito longe de Sintra. Por todo o lado às esquinas das ruas são assadas e vendidas ainda quentes, por mulheres, umas castanhas magníficas. Seriam convidativas para um alemão se justamente ao lado não estivesse uma panela de sardinhas a fritar num azeite fedorento e as mulheres (chamadas frigideiras) também não cheirassem tão mal. As castanhas vêm também em parte de Colares, mas a maioria vem de Portalegre. A fruta seca do Norte de Portugal que aqui é vendida é muito má. Em Portugal, as azeitonas são pequenas e dão um azeite melhor que as espanholas, geralmente guardam-se demasiado maduras, ficando uma cor castanha horrível, ganhando um sabor repugnante muito desagradável.¹⁰

Uma das outras teorias de Link relativamente à falta de qualidade e carestia dos produtos na capital era a da falta de condições dos caminhos por todo o país. Por exemplo: «O Alto Alentejo venderia, e por conseguinte também produziria, muito mais cereal se existissem caminhos para o transportar».¹¹

Numa das raras visitas que fizera com Hoffmannsegg à quinta de um aristocrata, o conde de Óbidos, este queixou-se muito disso:

Que em virtude da falta de caminhos (a sua quinta estava a apenas sete léguas do rio) não tinha mercado para os seus produtos e o perigo da saída do porto de Setúbal e entrada no Tejo era muito grande. Deveria necessariamente ser feita a estrada real para Espanha, deveria haver uma outra para Beja e Mértola, a partir da qual as estradas em direcção a Setúbal, Monchique (passando pelo Campo de Ourique) e Algarve pudessem constituir ramificações. Na charneca encontra-se a serra da Arrábida, que poderia fornecer pedra em abundância, vantagem que outros países não têm.¹²

¹⁰ Link, 120.

¹¹ Link, 100.

¹² Link, 100.

Como a vasta maioria de estrangeiros que visitou Portugal, Link só raramente teve a possibilidade de visitar as famílias aristocratas, privilégio esse que ele tranquilamente deixava para o seu patrono, o conde de Hoffmanssegg. E quando este lhe falava em jardins de grande requinte, com paredes forradas a azulejo que matizavam tudo o que os rodeava e que criavam frescura para além dos verdes cambiantes dos bosquetes, ouvia mas não se impressionava. A ciência iluminista que o formara não lhe permitia os devaneios de carácter pessoal. Se observava um fenómeno, uma atitude, um costume, tinha que os classificar posteriormente e só podia classificar o que ele próprio via e não o que pudesse imaginar que visse. Desejava ser credível, factual e enaltecer alguns valores de um povo que nem sempre eram compreendidos. Os relatos de viagem que lera antes e depois da viagem a Portugal sempre o impressionaram pela ignorância dos relatores:

Descobri que nenhum de entre todos aqueles viajantes tinha visto tanto do país como nós, encontrei ainda, na maior parte deles, uma profunda ignorância da língua e uma série de notícias falsas, daquelas que só se aplicam aos habitantes da capital mas que erradamente se haviam generalizado a todo o país. Sobre os portugueses, preguiçosos, beatos e rapaces, encontrei apenas queixas, vi com indignação que ninguém tinha descrito os vales do Minho, onde a cultura portuguesa rivaliza com a inglesa, vi ainda que ninguém louvava a tolerância das gentes do povo, da qual conheci vários exemplos (não me refiro aos padres que se assemelham em todo o lado onde quer que um governo os apoie), vi também que ninguém elogiava a segurança num país onde, nas minhas excursões botânicas por regiões desconhecidas e cansado pelo calor, pude despreocupadamente adormecer à beira do caminho. Peguei na pena em defesa dos meus portugueses, queria descrever imparcialmente o carácter dos seus habitantes, o seu modo de vida, a sua agricultura, que em virtude das minhas ocupações eu também conhecia e, sem dar por isso uma apologia transformou-se num relato de viagem.¹³

Tal como Link, o conde não descurava uma minuciosa análise da maioria dos temas que abordava. No geral apresentava-se como um apaixonado observador da natureza e gostava de entender e discorrer sobre as observações através de uma pesquisa tentacular e entrosada em aspectos que poderiam parecer às vezes supérfluos para quem tivesse horizontes mais estreitos.

A cultura empírica de muitos dos seus congéneres portugueses no relacionamento com o mundo que os rodeava também não lhe era alheia e não encontrava qualquer dificuldade em manter discursos ligeiramente

¹³ Link, 4.

irracionais sobre assuntos que pertenciam ao domínio científico. Assim, os seus conhecimentos de entomologia levaram-no a interessar-se por colecções de pintura de natureza-morta onde em algumas obras conseguia detectar grande minúcia na representação de insectos e que o estimulava, uma vez no campo, a tentar realizar a observação e o estudo numa primeira abordagem sem imediatamente sujeitar o animal à sua morte iminente.

Devido ao seu gosto por esse género de pintura, fora-lhe apresentado, numa estadia em Londres, o então embaixador português nessa capital, D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, o 6º conde de Pombeiro, homem de rara cultura e grande conhecedor de arte.

Contrariamente à maioria das grandes famílias que após o terramoto de 1755 e durante várias décadas se tinham retirado da cidade para as suas casas e quintas de campo nos arredores de Lisboa, D. José Luís de Vasconcelos e Sousa tinha reedificado, vinte e cinco anos após o cataclismo, a ruína do palácio da família chamado a Bempostinha, situado no Paço da Rainha.

Na sua estadia em Lisboa, Hoffmanssegg vinha frequentemente à Bempostinha. Maravilhava-se com os azulejos que tinham sido recentemente colocados na escadaria principal e que invocavam o casamento de Catarina de Bragança, por procuração, em 1662, e a sua partida para Londres a bordo dum navio britânico. As conversas ao fim de tarde eram particularmente aliciantes, se com Link falava dos campos que tinham de percorrer para identificar novas espécies de fauna e flora, aqui, com D. José Luís, falava de casas, jardins, igrejas, e ruínas a visitar em Portugal.

D. José Luís ia viajar para Beja e insistira com Hoffmanssegg que o acompanhasse. Os dois poderiam visitar a colecção de pintura de D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, que, segundo informações fidedignas, tinha no seu acervo algumas raras e interessantes naturezas-mortas.

Hoffmanssegg aceitara o convite. A viagem impressionara-o e até fora divertida devido às várias peripécias que se sucederam ao longo do caminho. A carruagem onde seguiam ficou com as rodas presas num vasto atoleiro de areia de onde só conseguiram sair com a ajuda de uns porqueiros que andavam à trufa num nogueiral que crescia por entre os pinheiros. Que cheiro que vinha daquelas trufas! Com a unha o conde esfolou uma, apareceu um branco sujo, depois mais cor de pérola e a seguir cor de leite. Leite disfarçado da terra, assim solidificado em pequeninas bostas escuras. “O sul era portentoso em esconder os seus segredos naquilo que parecia a aridez de um deserto”, pensara o conde. D. Frei Manuel do Cenáculo tinha sido eleito Bispo de Beja no ano de 1770, e por

sua iniciativa vários aspectos relacionados com a cultura e a arte tinham sido apoiados naquela Diocese. No próprio paço episcopal, onde o conde estava agora hospedado, D. Frei Manuel mantinha um curso de humanidades. Era um septuagenário que não aparentava a idade que tinha, de carácter aparentemente seco e sisudo, entrecortado por iluminações refulgentes quando o discurso se inclinava para as suas devoções e colecções.

Tinha proclamado a Virgem Maria como protectora da Diocese e feito reviver antigas devoções ligadas ao culto mariano. Talvez por causa desse mesmo ascendente mariano, D. Frei Manuel tinha começado a coleccionar as pinturas de uma pintora de motivos religiosos e de naturezas-mortas, de nome Josefa de Óbidos.

O conde espantou-se com a calma e o bem-estar que emanavam daquelas pinturas joséficas, como se fosse um regresso a casa, do tempo quando ainda era menino, sujo de se esfregar na terra, e a avó o tivesse despido e limpo com uma toalha macia contrariamente às outras que as criadas ou a mãe usavam. Eram as mãos, talvez não fosse o material da toalha. Talvez não fosse o material da pintura, eram as mãos de Josefa que tão sabiamente tinham revelado os limões e as suas tetas, as ruivas laranjas e a rugosa presença do apolíneo cidrão.

Sasha Lima formou-se em biologia nos Estados Unidos da América. Investigou no domínio da ecologia evolutiva em desertos, viajando e trabalhando no Thar na Índia e no Sahel no Mali. Actualmente, vive em Lisboa e dedica-se à investigação histórica dos alimentos.

Construção múltipla da primeira Lisboa do século XX

João Henrique Banha

No princípio do século XX, ao mesmo tempo que em Lisboa, e no país, se preparava uma nova forma de governo, e se adivinhava o fim da monarquia em prol da República, a cidade atravessava uma mutação. Decisão de gente inteligente dita que, já que se muda, se aproveite o balanço. Se há um século para inaugurar, que se inaugure com ele outra realidade.

Com a mudança, e apesar da mudança, há braços que se dão ao trabalho, outros ao ócio, há que dormir e abandonar o sono, braços que se chegam às mesas e comem, se fazem gente a fazer a cidade. A cidade que se transforma e a que se mantém. Braços continuam persistindo na existência, acomodados ao meio contingente, construindo-o e desaparecendo nele. Entre quem se ocupa de uns e outros, a Literatura ocupa-se de todos e de nenhuns, conforme lhe convenha, emendando a realidade quando essa necessidade se torna premente.

Para a Lisboa em mudança, Thomas Mann envia o seu Felix Krull, cavalheiro de indústria. Aí o obriga a um imediato deslumbramento perante a estação do Rossio, de inspiração mourisca, e o carregador de malas e caixotes (e passageiros, são esses principalmente que se querem carregados), que lhe lê no rosto um quarto no Savoy Palace, «c'est exact», e lhe desvenda as maravilhas da Avenida da Liberdade, então com poucos anos de existência, posando para o visitante com «três corpos, tendo no meio uma larga via para carros e cavaleiros, bordada de cada lado por duas soberbas áleas bem calcetadas com canteiros floridos, estátuas e fontes.»² Felix Krull chega comprometido a ficar pouco tempo, compromisso mantido com a Lisboa-cais da América do Sul, mas decidido a gostar da cidade enquanto espaço literário imaginado, obra de Thomas Mann, seu criador.

Felix Krull responde em Lisboa pelo título de Marquês de Venosta e a sua presença é tão encenada como a cidade em que se encontra. Chega com um nome que não é o seu, satisfazendo a vontade de um marquês verdadeiro, preso a uma paixão inconveniente. Desdobra-se em planos que dividem o mundo entre o existente (real), o encenado e o local da encenação: a Lisboa que preparava a República, a farsa de Felix Krull e a Lisboa que Thomas Mann intuía ao longe. O deslumbramento de Felix Krull é tanto com a Lisboa de Thomas

1 Thomas Mann, *As confissões de Felix Krull, Cavalheiro de indústria*, p.310. Lisboa, Estúdios Cor, 1954.

2 *Idem*

Mann – a cidade dos catálogos, a que reproduziam os postais da época, convites à visita de locais com interesse potencial para gente de passagem –, como com a sua própria existência ficcionada, garantia de um respeito a que não estava habituado, mas ao qual rapidamente se afeiçoou. São representações simultâneas, construídas umas sobre as outras, umas causando as outras. Começam a imiscuir-se, criando a profundidade que possibilita o romance.

Encenando-se na figura do seu amigo, preso em Paris, já se disse, a razões passionais, encontra em Lisboa, para o novo Venosta, uma revisitação do mesmo constrangimento. A sua integração na vida portuguesa faz-se rodeada de pessoas, como ele, estrangeiras no país. Não por acaso. Um alemão radicado em Lisboa é quem se faz mentor dessa integração, o professor Kuckuck, responsável por um Museu de História Natural que, não tendo existido, talvez apareça como adulteração do Museu Bocage, museu de história natural existente à época, no edifício da Escola Politécnica. À Zaza de Paris, a paixão de Venosta, iguala-se Zouzou, filha de Kuckuck. Sai da para isto, só um novo desdobramento do Marquês que embarque, Atlântico fora, em direcção à Argentina onde é esperado.

As relações que Felix Krull estabelece em Lisboa restringem-se quase exclusivamente ao convívio com estrangeiros, permitindo a manutenção da credibilidade das imagens que o romance transmite da cidade. São imagens, não de quem aí cresceu, mas de quem chegou como visitante, mesmo que depois tenha feito dela a sua cidade. O equívoco da identidade encenada é o reforço dessa mesma ideia, corroborando a possibilidade de construção das várias existências sobre a mesma realidade.

Há no processo de formação das personagens algo que se pode equiparar ao da formação das paisagens literárias e ao da construção da memória. Thomas Mann procede à criação de algo já existente, recolhe elementos do real e do imaginário, contaminando um com o outro para dar vida um novo espaço ficcional que passa a ser aquele onde nos movemos e para onde se transpõe a nossa existência. É esse que conta as personagens e se torna a sua biografia. Quando Thomas Mann destaca a Avenida da Liberdade, a Praça do Comércio ou a Torre de Belém, apaixonadamente descrita por D. Miguel, um pretendente de Zouzou, está a recorrer a elementos que, para si, são o limite do conhecimento do espaço real, mas ao mesmo tempo utiliza elementos de identificação universal de Lisboa. Tal como Felix Krull começa definitivamente a fundir-se na sua encenação como Marquês de Venosta quando encontra Zouzou, a sua Zaza portuguesa, também a cidade de Thomas Mann se começa a tornar

Lisboa com a demonstração desses locais famosos. Reforça a ideia com a presença de mulheres, sempre acompanhadas de um homem responsável, na baixa da cidade, o que efectivamente começava a acontecer na Lisboa pré-republicana. No momento em que, quase chegado o fim do livro, Felix Krull assiste na Praça do Campo Pequeno a uma corrida de touros de morte, com todos os pormenores de um espectáculo à espanhola, que nunca aconteceu em Portugal, já está garantida a credibilidade, nada nos fazendo duvidar da possibilidade de tal acontecimento. Até a anterior viagem, percorrendo um ilógico caminho que, consecutivamente, passa pelo Rossio e pelo Campo Grande, para chegar à Praça de Touros, não é incongruência que destrua o decorrer da acção. Uma multidão ocupava nesse dia as ruas, um frenesi de gente. É uma multidão que além de justificada pela efectiva atracção que existia nas pessoas pelos espectáculos do Campo Pequeno, também pode ser confundida com os movimentos cívicos que no início do século XX começavam a tomar conta do espaço público:

De todos os cantos, de todas as vielas da cidade velha, dos arrabaldes e das aldeias em volta, gente da cidade e camponeses afluíam, a maior parte em trajes domingueiros, com os seus atavios usados unicamente nessa circunstância. Talvez por via disso, eles tinham os rostos altivos e o olhar vivo, mas cheio de dignidade e até de entusiasmo. Todos se dirigiam sem agitação excessiva, segundo me pareceu, sem ruídos nem gritos, conflitos ou querelas, para o Campo Pequeno, para o anfiteatro.³

A comparação entre um excerto da sua obra e outro de uma recente biografia da cidade, reforça as semelhanças entre a Lisboa de Mann e a Lisboa que realmente existiu:

A casa a que faço alusão (e acrescento isto a título de referência) pertence a um eminente sábio de Lisboa, o professor Kuckcuck. Queria ter o senhor a grande bondade de me indicar, de maneira breve, os meios de transporte de que posso dispor para uma pequena excursão até lá acima?

(...)

-Às suas ordens, senhor. Há diversos meios de acesso, mas nem todos igualmente recomendáveis, devo acrescentar imediatamente. Pode chamar uma tipóia, mas as ruas são muito escarpadas e a o viajante arriscar-se-á, em certos lugares, a estar na desagradável obrigação de marchar ao lado do carro. O trem puxado a mulas seria preferível; ele sobe facilmente as rampas. Mas o melhor meio de locomoção é o funicular. O senhor encontrará a entrada na Rua Augusta que, certamente, já conhece. Ele levará comodamente e imediatamente às paragens imediatas da Rua Castilho.⁴

³ *Ibidem*, p.409

⁴ *Ibidem*, p.322

Longe das utopias, a cidade teve no carro eléctrico o seu transporte moderno, aquele que ia a nove e em breve se tornou popular. A evolução do americano puxado por animais para o carro eléctrico teve lugar a partir de 1901. Os elevadores - da Glória de 1875, da Estrela de 1882, do Lavra de 1884, da Bica de 1888, da Graça de 1983, de São Sebastião de 1892, de Santa Justa de 1896, e do largo da Biblioteca de 1897 – ajudaram a galgar as colinas. No entanto, os animais continuaram numerosos nos transportes de alimentos, de mercadorias e pessoas entre o subúrbio e o Centro da cidade e mesmo dentro desta.⁵

A descrição dos transportes existentes em Lisboa, neste caso os que poderiam levar Felix Krull a casa de Kuckuck, junta-se aos monumentos e a alguns costumes das gentes da época para construir uma realidade composta que, tal como a memória, se mune do acontecido e do imaginado para chegar a uma imagem da Lisboa do princípio do século. Imagem construída através do conhecimento do real mas consciente da impregnação que este sofre e deve sofrer por parte do espaço imaginado, o espaço literário.

Quando Thomas Mann consulta os compêndios que anunciam viagens extraordinárias, mundo fora, depara-se com Lisboa e faz dela, sua. Conhece-a também de ouvido, como local de passagem, um caminho para o exílio. Por Lisboa passaram nessa condição os seus filhos e irmão, em fuga dos malefícios da guerra. Decide-se a um cruzamento temporal que junte as informações do seu tempo de escrita, já depois da Segunda Guerra Mundial, com a acção que decorre numa Lisboa pré-republicana. Decide usá-la como cenário sem que nunca a tenha conhecido por experiência física das suas ruas, jardins e monumentos, sem tomar contacto com as pessoas que a habitam. Por isso, no romance, tanto o espantam essas pessoas, que nasceram por acção do seu texto. Por isso, entrega o seu personagem a uma conversa fascinada com um rei que algum tempo depois acabaria assassinado. Por isso, as movimentações republicanas eram coisa pouco visível para quem viu Lisboa sem olhar para ela. Thomas Mann permite-se construir uma cidade que já existe, e consoma a sua função de romancista, diferente da de um historiador. Ao leitor cumpre imitar-lhe o gesto, formando uma outra imagem que permita a perpetuação da sua cidade: constituída das várias paisagens literárias que, pela sua existência, actuam sobre ela, bem como do conhecimento das topografias concretas.

João Banha é aluno do 3.º ano da licenciatura em Estudos Portugueses, da FCSH-Universidade Nova de Lisboa.

⁵ Magda Pinheiro, *Biografia de Lisboa*, p. 264. Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011.

Amerika, Amerika

Nuno Ivo

– O que é que há em Lisboa?

– O barco para a América.

Diálogo entre o Capitão Renault e Rick Blaine,
in Casablanca, Michael Curtis,
aliás Mihaly Kertész, 1942, Warner Bros

Percorre-se de uma ponta à outra a documentação do gabinete do ministro do Interior para o ano de 1940. E nada. É o ano desse mesmo Verão em que Alfred Döblin passou como refugiado por Portugal. Nos índices da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da P.I.D.E., igual silêncio. E, no entanto, na companhia da mulher e do filho mais novo, esteve em Lisboa entre o início de Agosto e o dia 5 de Setembro. Um mês, pouco mais, movido efectivamente por uma única causa: apanhar o barco para a América, destino final de muitos dos milhares de estrangeiros que durante a Segunda Guerra Mundial procuraram a capital portuguesa e o seu porto neutral.

Pertencente à geração de Kafka, de Rilke, Mann, Hesse, Alfred Döblin, nascido em 1878, em Stettin, hoje na Polónia, bem pode ser ainda «o mais desconhecido dos grandes escritores de língua alemã do século XX», como lhe chamou Teolinda Gersão na tese de doutoramento¹. Elogiado por Walter Benjamin², admirado por Günter Grass³, tem em *Berlim Alexanderplatz* a obra-prima consensual. Publicado em 1929, com primeira edição portuguesa de 1992, na *Dom Quixote*, andou, desde então, o mais do tempo, esgotado. E nem sequer se errará muito se se disser que, em Portugal, o autor é mais conhecido pelos seguidores de Rainer Werner Fassbinder, o cineasta alemão que condensou em quinze horas e meia de filme⁴ as desventuras e sofrimentos de Franz Biberkopf, ex-presidiário, maneta e herói do romance de Döblin. Quanto à passagem do escritor por Lisboa aproveitou-a, em 2010, João Canijo, em *Fantasia Lusitana*. Como um dos múltiplos pontos de partida do realizador «Portugal», capítulo de

1 T.M. Gersão, *Alfred Döblin – Individuo e Natureza*, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1979, p. 9;

2 Wolfgang Beutin et al., *História da Literatura Alemã das Origens à Actualidade*, Vol. 2, Edições Cosmos, Lisboa, 1994, p. 158;

3 T.M. Gersão, *Ibidem*;

4 O romance, *Berlin-Alexanderplatz – Die Geschichte Franz Biberkopfs*, fora adaptado ao cinema logo em 1931, num filme homónimo de Phil Jutzi (1896-1946), com argumento do próprio Döblin;

Viagem ao Destino, relato da viagem de Döblin e dos seus, em fuga dos nazis, após a ocupação de França onde o escritor vivia desde 1933.

Ao chegar a Portugal, no início de Agosto de 1940, Alfred Döblin ignora quase tudo sobre o país, sobre a sua principal cidade. Como as personagens de Michael Curtiz, dois anos mais tarde, em *Casablanca*, sabe que em Lisboa pode apanhar o barco para a América. Pouco mais. São os Estados Unidos que teleologicamente o guiam:

Lisboa é uma cidade da qual até então eu pouco mais sabia que duas coisas: a primeira, é que é capital de Portugal, a segunda, que foi aqui que em meados do século XVIII se deu um tremor de terra horrendo, terramoto esse na sequência do qual Voltaire produziu os seus mordazes comentários sobre o optimismo e o melhor de todos os mundos (*in Viagem ao Destino*, Alfred Döblin, Asa, 1995, p.238)⁵.

Neste primeiro embate, traz da cidade uma visão marcada pela erudição. O retrato que faz da cidade resulta obviamente da experiência pessoal, das condições concretas da fuga com a mulher Edna e com Etienne, o filho de treze anos. Médico de origem judaica, em trânsito para o catolicismo, o escritor não deixa de fixar uma certa ideia de Lisboa, uma falsa consciência onde os naturais se reconhecem e de onde as impressões instantâneas não estão ausentes. Não lugares comuns, mas mínimos denominadores que a posteridade e a cultura popular acabarão também por fixar.

Com os irmãos Mann, Bertolt Brecht, Hannah Arendt, Albert Einstein, Alfred Döblin foi dos mais célebres intelectuais e lutadores antinazis alemães⁶. No exílio em França, a partir de 1933, foi um daqueles de quem Brecht disse terem mudado «mais vezes de país que de sapatos»⁷, parte de um verso do poema *Aos que Virão a Nascer* que Hannah Arendt, nos *Homens em Tempos Sombrios*, aproveitou para vincar a definição brechtiana de refugiado, de exilado, «um arauto da desgraça»: «A mensagem de que o arauto é portador, obviamente, não diz respeito ao próprio arauto. Não eram apenas os seus próprios infortúnios que os refugiados levavam consigo de terra em terra, de continente em continente [...] mas também o grande infortúnio do mundo inteiro».⁸

E de cenário de catástrofe – Lisboa era o terramoto – a cidade converte-se,

⁵ Daqui em diante, as transcrições dos excertos de Alfred Döblin, *Viagem ao Destino*, Lisboa, Asa, 1995, serão indicadas pelas iniciais VD seguida do número de página;

⁶ Helen Watanabe-O'Kelley, *História da Literatura Alemã*, Verbo, Lisboa, 2003, p. 497;

⁷ Ideia que Jorge de Sena, outro exilado, usou no poema «Em Creta com o Minotauro», *in Peregrinação ad loca infecta*, 1969: «Colacionarei nacionalidades como camisas se despem»;

⁸ Hannah Arendt, *Homens em Tempos Sombrios*, Relógio d'Água, Lisboa, 1991, p. 263;

de certo modo, numa utopia, refúgio dos que escapam a nova hecatombe, a da Segunda Guerra Mundial:

Apanhámos um carro e fomos até à cidade. Eram duas da madrugada. Passámos ruas brilhantemente iluminadas, onde bandos de gente jovial se moviam de um lado para o outro. Foi assim, com luz, música e risos que Lisboa nos acolheu.

Não esqueceremos o abalo que isso nos deu. Em que estado tormentoso se debatia, não longe daqui, a grande França, eram cidades em trevas forçadas pela guerra, a região norte infestada de conquistadores. Passava-se fome, e aguardavam-se as disposições do vencedor. Sofria-se, a aflição era geral. Milhões de homens aprisionados, outros tantos tomados de pavor, dezenas de milhar levados à morte - E aqui, brilhava a luz. Fruía-se a paz.

Não conseguimos sentir alegria. Só pensávamos no que ficava para trás (VD 228).

«Defronte, na mesma canícula, ficava o edifício que havíamos de passar a visitar diariamente, e em torno do qual giravam, a todas a hora, os nossos pensamentos: a estação central dos Correios».⁹ Segundo Alfred Döblin,

[a] esquina da *poste* restante em Lisboa, Portugal nos mais remotos confins da Europa, tornou-se ponto de encontro trágico para muita gente nesse ano da desgraça de 1940, que trouxera a nu a frivolidade e irreflexão da pacatez da vida europeia. Eram povos inteiros lançados na servidão, famílias dispersas, a Europa expiava os seus pecados e omissões. Enquanto isso, nós, refugiados, pertencentes a essa Europa, ali estávamos em Lisboa à espera da bóia de salvação que nos havia de ser lançada do outro lado do oceano (VD 232).

As horas que Döblin descreve não são apenas dele. Naquele tempo, o tempo da guerra, aquele espaço, a estação central dos correios, seria o centro da vida dos refugiados em Lisboa – para um estrangeiro, complemento do célebre novo mundo das mulheres que fumavam na esplanada da Suíça. Pela descrição, são ainda as instalações do Terreiro do Paço, localizadas desde 1 de Março de 1881 num edifício contíguo ao do Arsenal¹⁰:

A estação central dos correios de Lisboa era baixa, sobre o comprido, caiada de amarelo e rodeada por uma arcada como os restantes edifícios do lugar. No interior, revelou-se moderna, perceptivelmente organizada e bem provida de guichés e funcionários. A nós interessavam-nos apenas os guichés da *poste* restante.

Eram recuados, ficavam numa galeria lateral, empurrados para a parede como nós próprios. Mas facilmente se localizavam, tanta era a gente que os procurava. Havia-os

⁹ Alfred Döblin, op. cit., p. 231;

¹⁰ Norberto de Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, Livro XII, Lisboa, Veja, 1993, p. 18;

aos montes, aqui postados, e, filas, refugiados, naufragados, todos eles inquirindo de cartas e telegramas. Eram na sua maioria, homens e mulheres bem vestidos, trazendo nos rostos e nos movimentos os sinais do seu destino: a inquietação acabrunhada, a tensão. Uns perguntavam já apáticos e apáticos abalavam, estão cansados de perguntar, e não lhes dão resposta. Outros recebem uma carta, e logo uns quantos se precipitam, a querer explicações. Vinha-se de manhã ou à tardinha, havia quem viesse de manhã e à tardinha (VD 231 e 232).

Alfred Döblin repara nos funcionários dos correios, de certo modo o representante estatal mais presente, o modesto interlocutor oficial. Para os refugiados, seriam possivelmente a face mais visível do Poder português:

Os funcionários, na sua maioria mulheres, mantinham-se silenciosos por trás dos seus guichés deixando passar a corrente. Com que excitação se lhes seguiam os movimentos: o estender da mão para as caixas com as iniciais desejadas, o ajeitar das cartas para logo começar a revistá-las. Passavam-nos a pente fino, um a um, postais, cartas, telegramas (VD 232).

Os receios de Alfred Döblin ao chegar a Lisboa acabavam, pelo menos no seu caso, por não se confirmar.

De Portugal, poucos ecos agradáveis nos tinham chegado: que mal puséssemos pé na gare nos haviam de deter, não nos iam deixar continuar até Lisboa, em Lisboa já viviam milhares de refugiados, a Polícia enxotava os recém-chegados para a província ou para campos. Assim sendo, foi armado de toda a coragem e instilados de tais rumores que descemos do comboio. Encaminhámo-nos para a barreira de saída por entre o tumulto dos passageiros. Apresentámos os nossos *billets* como pessoas normais. Não nos exigiram passaportes nenhuns. Ninguém nos deitou a mão. Com a mesma naturalidade com que nos acolheu, assim Lisboa nos havia de desapontar superlativamente (VD 228).

Mas se a presença do escritor alemão e da família parece não ter preocupado as autoridades portuguesas, os estrangeiros estavam longe de ser indiferentes ao poder. Com as atenções postas nas comemorações dos Centenários e na Exposição do Mundo Português, António Ferro, o homem forte do Secretariado de Propaganda Nacional, via nesta imensa mole de viajantes um público-alvo potencial para as acções de publicidade ao regime. Gente capaz de levar além-fronteiras uma ideia de Portugal. A bem da Nação, até hostilizava a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Pouco mais de meio ano antes da chegada de Döblin a Lisboa, Ferro fazia chegar os seus próprios

pontos de vista a Salazar, através dos circuitos institucionais:

Na sessão ordinária da Comissão Executiva, realizada em 21 do corrente [Dezembro], o secretário-geral, director da Secção de Propaganda e Recepção, sr. António Ferro, chamou a atenção da referida Comissão Nacional dos Centenários “para as dificuldades que, segundo parece, estão sendo criadas aos estrangeiros de visita ou em trânsito no nosso País, dificuldades estas que inevitavelmente se reflectirão na obra de propaganda das comemorações nacionais de 1940, afectando o movimento turístico que por motivo das mesmas comemorações se prevê, e podendo, pela formação de um ambiente menos propício, prejudicar de maneira sensível os trabalhos desta Comissão. (...)”

A Comissão Executiva, (...), resolveu, por unanimidade de votos, chamar para o assunto a benévola atenção de Sua Exa. o Presidente do Conselho. (...) pede licença (...) que se suscite, perante essas repartições e serviços [“que zelosamente exercem funções de fiscalização e de polícia no que respeita ao movimento e permanência de estrangeiros”] a conveniência de conciliar quanto possível os superiores interesses da sua função com a obra de atracção turística e de propaganda nacional.¹¹

Estreado em 1934, *Gado Bravo*, o terceiro fonofilme português, termo com que à época designavam os sonoros, fora quase todo feito por alemães, secundários da UFA, fugidos a Hitler¹². Em Agosto de 1940, René Clair a quem fora entregue a supervisão francesa de *A Severa*, primeira longa-metragem com som em Portugal, também andava por Lisboa¹³ em trânsito para os Estados Unidos da América. E enquanto aguardava na capital portuguesa, Döblin voltava a ser convocado para o mundo do cinema:

Já em Lisboa havíamos recebido um telegrama a anunciar-nos que uma grande empresa cinematográfica de Hollywood tinha um contrato aprontado para uma dúzia de nós, escritores refugiados. Cépticos como estávamos, não tínhamos acreditado naquilo. Mas veio a ser verdade. Em Hollywood, W. D¹⁴, um actor e realizador de grande sucesso e actividade, pessoa magnífica, lembrara-se de interessar a grande indústria por nós, deitados a perder em França (VD 251).

A disseminação da ideia de que Lisboa era um sítio onde se apanhava o barco para a América fazia o seu caminho. E talvez devesse mais à convergência de emigrantes e refugiados na Hollywood dessa época – os

¹¹ Resposta a ofício n° 2801, Proc° 130, enviado ao chefe do gabinete do Presidente do Conselho pela secretaria da Comissão dos Centenários a 27 de Dezembro de 1939, ANTT, *Gabinete do Ministro, Ministério do Interior*, Maço 515, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado/Distrito de Lisboa, Liv. 4-PV/L n° 1;

¹² João Bénard da Costa, *Histórias do Cinema*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991, p. 57.

¹³ ANTT, *Governo Civil de Lisboa, Livro de Registo de Passaportes*, 5 de Agosto de 1940, p. 17, registo 7929;

¹⁴ William Dieterl (1893-1972), cineasta de origem alemã, realizador de *Nossa Senhora de Paris* (1939), nomeado para o óscar de Melhor Realização com *A Vida de Émile Zola* (1937);

húngaros Michael Curtis (que chegara aos Estados Unidos antes do advento do nazismo), Peter Lorre e S.Z. Sakall; o alemão Conrad Veidt ou o austríaco Paul Henreid são alguns dos não-americanos na ficha técnica de *Casablanca* – do que à submissão às necessidades comerciais que levavam a não hipotecar as expectativas do público e a apostar numa determinada visão do mundo.

Mas, afinal, como é que Alfred Döblin viu os nativos com quem a família lidou durante quatro semanas? Após a passagem da fronteira,

[e]stivemos em longa conversa com um outro que falava francês. Entre outras coisas, indagou onde tencionávamos passar a noite em Lisboa. Quando, mais tarde, o comboio parou numa estação ampla, o dito senhor saiu por alguns minutos para, no regresso, nos comunicar que tinha estado a tratar do nosso alojamento: que telefonara para uma pensão que conhecia, boa e barata, e marcara dois quartos para nós. Ele próprio nos havia de levar lá. Parecia-nos quase impossível alguém preocupar-se desta maneira connosco sem algum “interesse” prático. (...) Agora, passadas as vivências da guerra, o tumulto da retirada e da fuga, havíamos de aprender que não era senão uma face da natureza humana que assim se revelava (VD 227).

O apoio do mesmo homem que os ajuda no comboio continuará de madrugada, ao conduzi-los à pensão onde ficarão alojados:

A certa altura, após nova batidela forte, apareceu, de um lado, um homem, seguramente de um serviço de vigilância. Trazia chaves, e abriu. E já pela escada vinha descendo uma mulher (...) e logo depois (...) chegou o segundo automóvel, com (...) o português que se tinha prestado a ajudar-nos no caminho. Tínhamos o problema linguístico resolvido, o motorista pôde ser pago, e empreendida a discussão com a senhora da escada. (...) Viemos a saber que o senhor era (...) hóspede assíduo da casa. Argumentava-se sobre a dormida e sobre o preço (VD 228).

E, numa consistência de gestos e atitudes, cujo cunho particular impede generalizações, o português que se disponibilizara para ajudar no primeiro dia, manterá os laços ao longo da estada dos Döblins: «O simpático senhor português que pelo caminho nos arranjava o quarto em Lisboa visitou- nos várias vezes, dando-nos conselho. Apareceu também, na manhã do nosso embarque, na Pensão Glória»¹⁵.

A hospitalidade surge como *topos* recorrente, quase uma questão identitária, quando se trata de apreciar os portugueses enquanto carácter colectivo e paisagem humana. Mas Döblin relativiza-a:

¹⁵ Alfred Döblin, op. cit., p. 249;

Agora, passadas as vivências da guerra, o tumulto da retirada e da fuga, havíamos de aprender que não era senão uma face da natureza humana que assim se revelava. A necessidade funciona como apelo à entreadjudada, move as pessoas.

Tínhamo-la visto em Toulouse, em Marselha, na viagem por Espanha e agora aqui (VD 228).

Noutro contexto, o da ficção literária, Döblin recusara «a configuração estética de um destino pessoal»¹⁶, em detrimento do género épico e do indivíduo transformado em voz das massas. Em *Viagem ao Destino*, os hábitos e as actividades dos lisboetas estão presentes, logo desde a noite em que, com a família, desembarcou na capital portuguesa para se instalar na Pensão Glória, «na rua dos Fanqueiros, defronte do mercado, algo mais abaixo, junto a uma esquina que os eléctricos dobravam».¹⁷

Parámos diante de um prédio fechado. O motorista bateu à porta e tocou. A casa dir-se-ia ser uma residência particular. O homem deu-nos qualquer informação, simplesmente, português para nós não deixava de ser português, mesmo quando acompanhado de gestos incisivos. Pretendia ele dizer que ninguém vinha abrir e que estranhava ... (VD 228)

A atenção do cidadão da *Mitteleuropa* apanhada no gesticular meridional, acaba também surpreendida pelos hábitos alimentares:

E quando, de manhã, por volta das dez, nos dirigimos à sala de jantar, um criadito bem-disposto pôs-nos na frente um café fraco, desfalecido, mesmo, mas ao mesmo tempo apresentou-se com um artefacto branco de padaria acto contínuo identificado como carcaças e, como tal, barrado de manteiga e consumido. Não desgostámos deste primeiro contacto com a cozinha lisboeta. O jantar e o almoço excederam as nossas expectativas. A abundância era fantástica: sopas espessas, nutritivas, peixe, carne e fruta, o triplo de uma refeição francesa, em envergadura. A quantidade parecia ser aqui o primordial; e nós andávamos de tal modo esfaimados que, de começo, pouco mais nos interessava (VD 229).

Por vezes, a imaginação surge estimulada por reminiscências ancestrais:

De vez em quando despontava, de uma travessa, um grupo de figuras bíblicas. Atrás umas das outras, em fila indiana, mulheres robustas e aprumadas subiam à cidade, bilhas e cestas à cabeça. As cestas traziam peixe ou fruta. Nessa rua havia um grande mercado, e que fatura de fruta, legumes, carne e peixe ali se via - um espectáculo incrível! (VD 230)!

¹⁶ Wolfgang Beutin *et al.*, *Ibidem*, p. 158;

¹⁷ Alfred Döblin, *op. cit.*, p. 237;

Noutras ocasiões, é a compaixão que se manifesta. Com o eléctrico [E]m movimento, garotos da rua saltam-lhe para cima, pés descalços, calças e casacos esfarrapados, ardinás. Numa das colinas pode ver-se a original estátua a um destes rapazes. E merecem um monumento – talvez um destes dias lhes pudessem comprar também casacos e calças... Ao saltar para os carros, os garotos soltam gritos – primeiro, porque lhes está na massa do sangue, depois porque também é próprio do ofício. Efectivamente gritam a anunciar o seu jornal. Uma vez vi um desses garotos desses a correr atrás de um carro de cigarro na mão, tinha topado um homem dentro do eléctrico que ia a fumar. De um pulo o garoto pôs-se lá em cima, ficou pendurado do lado de fora. O senhor deu-lhe lume, o miúdo agradeceu, gritou, saltou para baixo e continuou gritando. Assentava-lhe bem, o fumar (VD 239).

Um pedido: Não cometa o leitor o historiográfico pecado mortal do anacronismo.

As memórias de Döblin mostram as condições em que muitos milhares de refugiados viveram em Lisboa, nesses anos da guerra. A princípio «francamente sós»¹⁸ depois, a cada dia que passava, entre «novos companheiros de infortúnio»¹⁹, os fins de tarde passados nos cafés frescos²⁰; inteirando-se da evolução da guerra pelos jornais estrangeiros vendidos em Lisboa: o *Paris-soir*, uma tripa de duas, quatro páginas, o *France*, «jornal da “França livre”»²¹, publicado em Londres; «à noite, a partir das nove, um passeio quase sempre pela Avenida da Liberdade, um imponente boulevard, amplo e comprido, onde há cinemas, música»²², hospedados em sítios como a Pensão Glória:

Os quartos da pensão têm pelo menos duas portas, mas aquele onde durmo com o rapaz, a alcova, dispõe, para compensar a falta de janelas, de uma terceira porta. Duas delas comunicam com os vizinhos. A terceira dá para o corredor comum. E, vá-se lá saber porquê, os quartos todos eles têm vidraças na parte superior da parede, que de noite e madrugada dentro deixam entrar a claridade dos quartos adjacentes (VD 237).

Ou noutro ponto, descreve:

Deram-nos dois quartos com comunicação, um com janela para a rua, praticamente preenchido com uma cama imensa (ainda havia um armário, cadeira, espelhos, tudo ordenadamente disposto e acolhedor) -, a outra divisão era pequenina, sem janela, género alcova. Mas num e noutro havia cama e o preço era razoável (VD 228),

18 *Ibidem*, p. 238;

19 *Ibidem*;

20 *Ibidem*, p. 235-237;

21 *Ibidem*, p. 243-244;

22 *Ibidem*, p. 238;

E que pena faltar o quantitativo. É que as condições de vida estavam longe de ser fáceis e os refugiados têm de equacionar aquilo em que desperdiçam o seu dinheiro:

Não se sabendo quanto se tinha de esperar, claro está que não se ousava gastar dinheiro levemente. Deixávamo-nos ficar uma boa parte do tempo pela pensão escaldante, acanhada e barulhentas. O garoto andava com os sapatos rotos, não se ousava mandar-lhes pôr solas novas. Não tínhamos roupa. Ainda andávamos com as lãs de França, desadequadas à temperatura subtropical. Cinema ou outra diversão nem pensar (VD 232).

O deambular pela cidade «sobre colinas», junto «ao largo estuário do Tejo» dá origem a um equívoco:

Diante de nós abria-se uma praça larga quadrangular. Uma balaustrada de pedra isolava-a das águas vastas e reluzentes que, a princípio, tomámos pelo mar já que o nevoeiro nos ocultava a margem oposta. A água tremeluzia. Avistavam-se barcos imponentes e miúdos. Os grandiosos, pintados a cinzento, davam-se a conhecer, pela construção como navios de guerra. Mais próximo da margem vimos que ostentavam bandeiras, e eis que entre ela vemos ondular ao vento... as estrelas e riscas, insígnias dos Estados Unidos (VD 231).

Para já nada de espantoso. Os EUA, o mítico destino dos milhares de refugiados que demandam Lisboa, só entrarão na guerra em 1941, após Pearl Harbor, não há novidade nisso. No Cais do Sodré imagina-se que haverá rixas de marinheiros. Sempre as houve. E não muito longe da capital, ainda há pouco, cerca de mês e meio antes de os Döblins chegarem, não houve relatos de sarilhos com estrangeiros e rumores sobre uma estação rádio ilegal?

A 19 de Junho, pouco antes, fora confidencialmente enviado ao director da P.V.D.E, pelo Gabinete do Ministro do Interior, Mário Pais de Sousa²³, um ofício do Governo Civil de Lisboa «acerca da possível actuação perniciosa desenvolvida por alemães residente no concelho de Cascais²⁴».

Nele se relatava que, «em Setembro de 1939, o regedor de Carcavelos» comunicara ser «ali corrente que no *Club Alemão*, a que também chamam Casa de Repouso, dera entrada um volumoso caixote, tão grande que para ele entrar dentro do jardim, fora necessário alargar a porta de entrada.» E o alerta

²³ Advogado e político português. Ministro do Interior primeiro entre 1931 e 1932 e depois entre 1936 e 1944. Nascido em 1891, em Santa Comba Dão, era licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Católico, membro da União Liberal Republicana, de Cunha Leal, morreu em 1949;

²⁴ ANTT, *Gabinete do Ministro, Ministério do Interior*, Maço 515, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado/Lisboa, Liv. 4 - PV/L n.º 67;

continuava:

Recentemente volta a falar-se no caso, numa estação emissora clandestina em Carcavelos, uma cave misteriosa do *Club Alemão* onde se guarda armamento, entrada de bidons de óleo e gasolina em quantidades desproporcionadas para o Chalé Colónia em Cascais (Amoreira), e reuniões suspeitas de alemães. (...)

O número de estrangeiros aqui residentes, sobretudo no Estoril, aumenta dia a dia, muitos deles não vão para os hotéis, alugam casa e espalham-se pelo Estoril, Monte Estoril e sobretudo imediações do golfe, várias nacionalidades, diversas politicas, ociosidades, nervosismo, encontram-se e chocam-se, no casino, no Tamariz, no *Deck-Bar*, etc.

Um estado de nervosismo natural gera todos os conflitos, hoje um inglês e um alemão lutam no Tamariz em fato de banho, amanhã dois belgas e dois holandeses de política diferente agridem-se por causa da política do seu país, uma simples ligação de telefonia é a causa de um conflito e de uma agressão, as palmas a um filme de assuntos militares origina um protesto e justifica um agressão.

Depois os recursos de alguns vão-se acabando, surge o mal-estar, os calotes, as aventuras e até o roubo²⁵.

Embora sem grandes meios, mas com margem de manobra relativamente ampla, a direcção da P.V.D.E, a cargo do capitão Agostinho Lourenço, atribuía²⁶ grande importância ao controlo de estrangeiros e à fiscalização de fronteiras.

As solicitações de António Ferro tinham aliás sido recebidas com escasso entusiasmo na P.V.D.E. Em officio, apresentam-se números. «Desde 1 de Setembro a 31 de Dezembro de 1939, isto é, desde o começo da guerra na Europa, entraram em Portugal 8889 estrangeiros»²⁷. No mesmo officio, recusa-se ter posto dificuldades «à entrada de estrangeiros de visita ou em trânsito pelo país, simplesmente», alegando-se só se exigir «a satisfação de preceitos legais». Justificam-se com a guerra na Europa para terem adoptado «medidas de precaução» e matizam a actuação: «tamanho tem sido» a tolerância «que não poucos são os passaportes falsificados ou viciados que têm sido apreendidos e presos os seus portadores, que não devem ser pessoas de passado limpo.»

As justificações continuam:

Interessa à policia, tanto, pelo menos, como à Comissão dos Centenários, a vinda (...) de turistas e visitantes estrangeiros. Não se pode, porém, de ânimo leve abrir as fronteiras a toda a gente, pois se a entrada é fácil a saída é por vezes difficil (...). Assim, por exemplo,

²⁵ *Ibidem*;

²⁶ Maria da Conceição Ribeiro, *A Policia Política do Estado Novo*, Lisboa, Estampa, 1995, pp. 89-91;

²⁷ ANTT, Gabinete do Ministro, Gabinete do Ministro do Interior. Maço 515, Policia de Vigilancia e Defesa do Estado/Distrito Lisboa, Liv. 4 - PV/L. n° 1, Officio n° 1021, da P.V.D.E, de 20 do Janeiro de 1940;

tendo havido necessidade de fazer sair do país estrangeiros cujas actividades eram mais que suspeitas e que, para camuflarem a missão que os trouxera a Portugal, tinham obtido e viajavam com credenciais de organismos oficiais, não foi fácil tarefa consegui-lo²⁸.

E a sensibilidade para a situação dos refugiados é escassa:

Queixumes idênticos aos do Senhor ANTÓNIO FERRO chegaram a esta polícia por parte dos hoteleiros pela pouca frequência que notam nos estabelecimentos que dirigem. A resposta é fácil. Os estrangeiros até agora entrados no país não podem, como já disse, ser considerados turistas. São pessoas que por poderem, e por comodidade sua, procuram asilo em Portugal. Ocupam, portanto, transitoriamente lugares nos hotéis e depois, por economia, alugam casas onde habitam²⁹.

Em Lisboa, os Döblins's passam ao lado da atenção dada pela polícia política aos estrangeiros. A beira-rio desta cidade «cidade majestosa, com grande número de monumentos interessantes, lojas distintas e um comércio fervilhante» (VD 238) atrai a família:

Próxima como está do mar e de um rio volumoso, é cidade onde se vende e come peixe em quantidades extraordinárias. Íamos amiúde passear até à zona do porto de pesca, onde encontrávamos sempre centenas de homens e mulheres com cestas, à espera do regresso das traineiras. Carregavam o peixe para a cidade. Até aos mercados. Ver aquelas mulheres com cestas chatas à cabeça afastar-se de cabeça altivamente erguida, andadura uniforme e elástica, corpo ligeiramente inclinado para a frente, era um espectáculo soberbo. Algumas transportam figos acamados em largas folhas verdes num cesto de vime assente numa rodilha (VD 238).

As viagens à estação central dos correios dos Döblins têm um objectivo. A posta-restante é o serviço postal que permite receber cartas quando não se tem uma morada certa. Basta que o destinatário avise o remetente acerca da estação para a qual deseja que lhe seja enviada correspondência e depois visitar esta periodicamente para ver se há novidades. É lá que recebem um telegrama, enviado dos EUA pelo filho Peter, dando conta de ter reunido com a ajuda de amigos a «soma francamente vultuosa» (VD 233) para a viagem dos pais e do irmão. Nesse mesmo dia, «uma quinta-feira escaldante, paralisante» (VD 233), chega-lhes também a carta de uma organização judaico-americana.

Estranhamente conheciam a nossa morada, só poderia ser através de Nova Iorque. No próprio dia fomos ao hotel na praça principal da cidade, onde ficava o dito gabinete. O

²⁸ *Ibidem*;
²⁹ *Ibidem*;

responsável do escritório, um americano ainda jovem, deu-nos a nova de que um outro americano nos escrevera, sem obter resposta. Não nos tinha chegado nenhuma carta. (...)»

O responsável da instituição americana aqui supunha que o seu compatriota teria os bilhetes para nós. Ficámos espantados. (...) «O senhor foi para França. Presumo que deixou ficar os *billets* no Consulado Americano.» (VD 233)

A situação dos Döblins torna-se confusa. Dois dias depois, conclui-se que ninguém deixara bilhetes para eles. O telegrama de Peter dá a entender que os bilhetes teriam sido enviados por cabograma junto da Greek Line, em Lisboa. Infelizmente não é fácil dar com a companhia de navegação. Ninguém sabe onde fica:

Por sorte, deu-se de caras com um anúncio precisamente da Greek Line num diário lisboeta e o escritório ficava na nossa rua, mesmo junto ao porto. (...) O último edifício da longa artéria. Subimos a escada, escritório fechado (...) Ora, chegamos nós aos correios, de tarde, e não é que nos entregam uma carta da Greek Line em Lisboa (...) que tinham sido feitas reservas de *billets* para nós em Nova Iorque, que tivéssemos a gentileza de passar pelo escritórios (VD 234).

Só que a confusão não termina por aqui. Há um novo telegrama. Um outro amigo, o escritor Hermann Kesten, conselheiro honorário do Emergency Rescue Committee, a partir de Nova Iorque, informa-os de que trocara os bilhetes gregos por outros para uma companhia americana, para apenas daí a quatro dias. É domingo. Os escritórios da nova companhia estão fechados. Não faz mal. Chegam mais dois telegramas. Um deles de Peter. Sugere esperar por segunda-feira para esclarecer a situação.

Os topónimos que Döblin apresenta são quase todos da Baixa pombalina. As descrições que faz são maioritariamente das ruas paredes-meias com essa dos Douradores que o guarda-livros imortalizou:

À semelhança da nossa rua, uma rua de fanqueiros, havia diversas outras ligadas a ofícios, como por exemplo, larga e majestosa como não podia deixar de ser, a rua dos bancos, "Rua do Ouro" de seu nome. Mas nem tudo o que é papel é ouro. A nossa colorida Rua dos Fanqueiros apresentava-se mais animada, e todo este barulho, todos estes risos, gritos e chamamentos tinham personalidade (VD 230).

Depois há o comércio nas descrições de Döblin:

Morávamos, realmente, no coração da cidade, onde o trânsito era mais ruidoso. Uma casa

de peles ocupava a outra metade do nosso segundo piso, por baixo ficavam restaurantes, ao lado do consultório de um médico. *Parterre*, ao fundo da escada e no amplo corredor, um negociante de roupa de vestir e de casa tinha espreado o seu material. Havia que abrir caminho serpenteando por entre o balcão e os clientes para chegar à rua (VD 230).

Afinal, os Döblins estão instalados no epicentro da Lisboa lojista:

A maior parte dos estabelecimentos oferecia tecidos para vestuário e roupa de casa. Os comerciantes não se limitavam, a encher lojas e montras com as suas peças de fazenda, desenrolavam-nas também à porta, decorando com elas as entradas. De manhã viam-se os lojistas atarefados na exposição das suas preciosidades, ao fim da tarde voltavam a recolher tudo. Ao sábado, a zona inteira como que atrofiava. E ao domingo, na rua agora totalmente emudecida, eram já só os cinzentos prédios particulares que se defrontavam uns aos outros, baixando os olhos como que surpreendidos nalgum pecado. Mas secretamente, nem agora tiravam o sentido da sua rumorosa depravação, penas aguardando a manhã de segunda-feira para retomar o bulício de sempre (VD 230).

Não falta a Lisboa oficial, a Lisboa do Terreiro do Paço, numa descrição não isenta de falhas de memórias acerca do rei D. José e do seu cavalo da hirta pata esquerda:

Os edifícios governamentais, caiados de amarelo, eram blocos uniformemente baixos e e alongados. A praça era circundada a toda a volta por arcadas, de onde irradiavam amplas artérias que rumavam ao centro da cidade. Um ostentoso portal fora erguido aqui, verdadeiro Arco do Triunfo. A empena revestia-se de símbolos e inscrições. E a meio da extensa praça, agrestemente batida pelo sol, empinava-se, sobre pedestal raso, assente em plataforma visível de longe, um corcel, um cavalo de bronze. Empinava-se, diria acalorado, pela brasa tremenda, e transportava um monarca. O movimento era bravio, tempestuosa a disposição; mas inconsequente. Montada e cavaleiro mantinham-se desvairados, sim, mas estáticos e juntos. Sempre ali os encontrei, de todas as vezes que me vi no meio da praça (VD 231).

Na passagem pela Lisboa católica, Döblin confessa não ter assistido a nenhuma missa em Lisboa, ele que receberá o baptismo já na América³⁰. Tem, aliás, dificuldade em dar com as igrejas. Não admira. Na rua de São Julião, 140, bem perto da rua dos Fanqueiros onde habitou, até os que lá passam diariamente terão dificuldade em dar com a camuflada igreja de Nossa Senhora da Oliveira. Na quase vizinha rua da Alfândega, o esfusiante portal

30 A 30 de Novembro de 1941, na Igreja do Santo Sacramento, Sunset Boulevard, Hollywood. Cf. <http://www.en.alfred-doblin.com/biography/1940-1945-exile-in-usa/> Consultado em 2012.06.15, 18h52

manuelino da Conceição Velha integrou-se na uniformidade da grelha de artérias pombalinas. O Terramoto e a estética da Contra-Reforma terraplanaram veleidades de afirmação dos templos lisboetas:

...em Marselha rondei as igrejas. Em Lisboa devo ter passado por algumas, com certeza, só que não as reconheci. Um dia ocorreu-me a ideia de me informar onde é que afinal ficavam as igrejas. Nessa altura indicaram-me algumas. Disfarçaram-nas, e quem ande à procura delas não as encontra. O que não é mal pensado. São edifícios que, de fora e de longe, podemos confundir com ginásios. Não têm torre com campanário afilado, nem ostentam vitrais majestosos. Poderiam ser repartições administrativas, inclusivamente (VD 244).

O calor desse Agosto de 1940 não terá convidado a prospectores passeios na «cidade abrasadora» (VD 237). Ironiza:

O calor tornou-se insuportável. Obrigava-nos a ficar dentro de portas horas a fio e a bulirmos só à noite. (...) Tínhamos sistematicamente de atravessar em passo de corrida a grande e soalhenta praça principal, onde os pombos se acoitavam à sombra de um monumento. De vez em quando, um homem baixo de longos cabelos brancos alimentava-o, eles vinham pousar-lhe nos ombros e comiam-lhe da mão. Ficávamos a observá-lo, pasmados, e abalanchávamo-nos em fuga até ao café que prometia, numa tabuleta, 20 graus, e cumpria (...).

A temperatura mesmo para Lisboa era anormal, segundo constava. “Anormal”, assim se lhe chamava. Mas que coisa mais esquisita, este ano, isso da “anormalidade”. Pessoas e história natural andavam, de mãos dadas, a braços com o anormal, onde é que ainda existia alguma coisa de normal? Éramos nós a suspirar pelo normal, e o mundo entrando num estádio de experimentação (VD 237).

Quando a noite vai alta, o calor cede e escapule-se da cidade – ou pelo menos assim parece. É uma velha manobra de diversão do calor. Retira-se das ruas para se infiltrar nos prédios e divisões. De manhã acordamos alagados em suor, à sua conta. Enquanto aqui morámos, a temperatura subiu uma vez acima dos 36 graus, e de noite a sua boa vontade só nos concedeu uma recuperação até aos 31... (VD 237)

Mas, vinca Döblin, «Se há coisa entre todas elementar a referir sobre lisboa, para além daquele calor monstruoso, nunca antes experimentado, aquele bafo de fomalha, é o ruído.» (VD 238) O barulho da cidade não deixa aliás de prender a atenção do autor de *Berlim Alexanderplatz*, romance da moderna cidade, cruzada de máquinas ruidosas, que destrói os que nela tentam singrar.

Finalmente, estendidos na Pensão Glória «chegaram-nos aos ouvidos ecos de música de baile, algures na rua, em animado clangor. Os eléctricos tiniam e rangiam, automóveis faziam soar jovialmente as suas buzinas, havia gente a cantar». (VD 229)

Lisboa tem toques arcaicos - como as carroças puxadas por cavalos para as quais os lisboetas reservam «um grande número de ruas» (VD 240).

Os eléctricos, importa saber, circulam das seis da manhã às duas da madrugada. Noite alta julgam-se desobrigados de andar. Em contrapartida, rolam as carroças de legumes e fruta rumo ao mercado. Pouco mais ou menos por essa hora, certos hóspedes da nossa pensão, saciados da frescura da noite fazem-se a casa em passo vacilante, para pertinho de nós se atardarem um pouco em algazarra (VD 237).

(...)

Quando o veículo assim aparelhado dobra uma esquina tem-se a impressão de que está apostado em ceifar transeuntes. Os eléctricos em Lisboa gostam de dobrar esquinas, preferem mesmo circular em esquinas, daí que Lisboa esteja bem fornecida delas, já que a condução em esquinas proporciona uma abundância incalculável de ruídos (VD 239).

Lisboa, continua, mais à frente,

É, isso sim, uma cidade do sul dotada da ingenuidade, do ardor de temperamento e inclusivamente da sem-cerimónia de uma criatura sub-tropical. Para se nos apresentar e nos torturar, pouco recorre aos familiares e já brutalizados ruídos da natureza. É assim que, por exemplo, em lisboa não ouvi nem o trovejar o céu nem o murmurejar da chuva (...) Também não se ouviam pássaros a cantar. Os inúmeros peixes mudos transportados pelas ruas eram sinal de outra coisa: aparentemente, exibia-se os peixes para dar a entender que aqui também se conhecia o silêncio, pelo menos nesta forma, que todos o reconheciam e veneravam para depois o ingerir grelhado.

Em linguagem industrial, Lisboa é uma grande fábrica moderna de produção de barulho. À cabeça da série estão os eléctricos, circulam em fileira quase pegados uns aos outros com ou sem passageiros. Seguem aos solavancos calhas fora, matraqueiam sobre os carris até fazer tinir os vidros das janelas. O condutor tem pelo menos uma campainha, o mais certo duas, à disposição. Um motorista português consegue-as fazer ressoar como três ao tocar – e se toca, é um moto continuo, uma alegria sem igual. É um condutor de sinetas (VD 238 e 239).

Som e fúria que continuam nos automóveis transitando em «profusão pelas ruas» (VD 239), cada um com o seu ruído próprio, a condução «indescritivelmente intrincada» (VD 240). Que prosseguem nos «músicos,

cantores e cantoras joviais» que cruzam a cidade, na «música frenética de baile, das bandas do mercado», «nos apregoadores de jornais às sete da manhã» (VD 240-1); e que terminam numa curiosidade sociológica. Os escarros a que Döblin espantado dedica três parágrafos de escatologia:

Entre as coisas que recordamos ao evocar Lisboa, conta-se o escarrar. É um fenómeno natural. Comum a toda a gente (...) Portugal é um país neutro. Se tivesse sido invadido (...) seria levado a crer que se trata de uma forma de empenhamento político, um descarregar. (...) Há que encontrar uma explicação. E ei-la: o ruído. O escarrar anda de mãos dadas com o barulho. Como não se pode desatar a gritar sem mais nem menos e nem todos trazem chocalho consigo, cospe-se, assim dando prova, pelo menos, de bons intentos (VD 241).

A cidade suscita em paralelo a reflexão política sobre Pombal, tirano iluminado responsável pela esquadria ortogonal da Baixa e um velho conhecido de Döblin, que em tempos se dispusera a “retratar a república jesuítica do Paraguai” (VD 242) – à qual o ministro de D. José até terá dedicado um panfleto³¹.

Nos termos de um passeio largo encontra-se um monumento de uma vivacidade tremenda, cheio de arabescos alegóricos e excessos barrocos, próximo de um belo parque ainda inacabado. O homem que colocaram ao cimo, bem alto, num pedestal, é o marquês de Pombal, o autoritário estadista de finais do século XVIII. (...) Desenvolveu a indústria e por esse motivo, a juntar à eliminação dos jesuítas, lhe ergueram aqui um monumento.

Um monumento digno da sua época. Os déspotas da altura eram, realmente, iluminados. Os de hoje atêm-se a ideias místicas; o que pregam é a raça e o conceito de nação. (...) Agora, dois séculos depois, sai uma pessoa a passear pelas ruas de Lisboa e continua a ter um tirano às costas, pois não que se dá de caras em plena cidade, no meio da verdura, com pedestal de mármore ostentando uma inscrição laudatória, um tal marquês de Pombal, aquele mesmo marquês de Pombal que enquanto viveu desprezaram e baniram. Pombal, agora de novo, benfeitor da humanidade!

E para que se espantem e orientem quanto ao local onde de facto figura, pois preparem-se para estupefacção maior: na Avenida da Liberdade (VD 242 e 243).

Os dias lisboetas dos Döblins caminham para o fim. Ainda por lá recebem uma grossa carta do filho Claude, que não conseguira juntar-se aos pais e ao irmão. Passará toda a guerra em França, na Suíça e num campo de trabalho. Wolfgang, outro filho, os Döblins só o saberão muito mais tarde, no

³¹ Ver, por exemplo, Beatriz Helena Domingues, «As missões jesuíticas entre os guaranis no contexto da Ilustração», in *História*, São Paulo, v. 25, n. 1, 2006, pp.44-69;

princípio de 1945 (VD 275), morre nos Vosges a 21 de Junho de 1940. Ter-se-á suicidado³² num celeiro em Housseras para não cair na mão dos alemães. Kurt, irmão de Alfred, e a família, morrerão gaseados em Auschwitz. Já nos Estados Unidos, Döblin viverá os primeiros tempos como argumentista. Dispensado ao fim de um ano acabará por viver da *charity*. Nada do que fizera para o cinema ganhara as boas graças dos poderosos do ecrã (VD 256). *A Família Miniver*, de William Wyller, o oscarizado relato da vida de uma família inglesa durante a Segunda Grande Guerra, e *A Noiva Perdida*, de Mervyn LeRoy, ambos de 1942, contaram com o seu contributo³³.

O barco para a América, o *Nea Hellas*, apanhou-o ele, a 5 de Setembro, em Lisboa, na companhia de Edna e de Etienne. «Damo-nos ao luxo de uma digressão dominical pelo tejo até a um popular lugar de passeio, passando de caminho pela Exposição do Mundo Português» (VD 249). O navio levantará âncora na escuridão da noite. Lentamente virado e rebocado Tejo abaixo. «A exposição do Centenário resplandecia como num conto de fadas à nossa passagem. A sua mágica luminosidade foi a última imagem que tivemos da Europa, envolta em luto». (VD 249)

Dois linhas nos livros de registos de vistos do Governo Civil provam a passagem de Alfred Döblin por Lisboa nesse verão de 1940. Os vistos foram concedidos no dia 30 de Agosto, já quase no final do expediente desse dia³⁴.

Nuno Ivo é licenciado em Engenharia e Arquitectura Naval, pelo Instituto Superior Técnico, jornalista e co-autor (com Oscar Mascarenhas) do livro *Nuvem de Chumbo – O Processo Casa Pia na Imprensa*, Dom Quixote, 2003. Actualmente, frequenta a licenciatura em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

32 <http://www.en.alfred-doblin.com/biography/1940-1945-exile-in-usa/> Consultado em 2012.05.10, 03h36;

33 <http://harpers.org/archive/2009/03/hbc-90003923> consultado em 2012.06.15, 19h30;

34 ANTT, *Governo Civil de Lisboa, Livro de Registo de Passaportes*, 30 de Agosto de 1940, p. 79, registos 19026 e 19027.

Lisboa, sala de espera Os refugiados em *Uma Noite em Lisboa* de Erich Maria Remarque Isabel Vasconcelos Ferreira

Tinha os olhos pregados no navio. Fundeado no Tejo, a alguma distância do cais, iluminava-o um clarão vivíssimo. Se bem que estivesse havia já uma semana em Lisboa, ainda me não habituara à luminosidade extravagante da cidade. Nas terras de onde eu vinha, a noite fazia das cidades negros blocos de carvão, onde o foco de uma lanterna representava mais perigo do que a peste na Idade Média. Eu vinha da Europa do século XX. (Remarque 1964: 9)

Assim começa o romance *Uma Noite em Lisboa* de Erich Maria Remarque. No cais do porto de Lisboa, no ano de 1942, dois alemães olham um navio que partirá no dia seguinte para Nova Iorque. Não se conhecem, mas une-os a situação comum de refugiados da II Guerra Mundial. Um deles não tem meios para embarcar. O outro tem bilhetes, passaportes e vistos mas quer trocá-los por uma noite em que possa contar a sua vida.

Erich Maria Remarque é o pseudónimo do escritor alemão Erich Paul Remark (Osnabrück, 1898 - Locarno, 1970). Oriundo de uma família trabalhadora, viveu a experiência das duas grandes guerras o que marcará toda a sua obra literária. Aos dezoito anos foi mobilizado para o exército e combateu na I Guerra Mundial, sendo ferido por várias vezes, uma delas com gravidade. Em 1917 é enviado para a frente oeste. Em 1929, sob o pseudónimo de Erich Maria Remarque, publica *Im Westen nichts Neues* (*A Oeste Nada de Novo*) que alcança um enorme sucesso. Trata-se de um romance polémico, sobre o absurdo da guerra onde os soldados são apresentados como homens maltrapilhos, neuróticos e assustados, bem longe da imagem romântica e heroica que então era transmitida pela propaganda oficial.

Em 1933, as suas obras foram proibidas e queimadas na Alemanha de Hitler devido ao seu conteúdo. Pretexto: seria descendente de judeus franceses e o seu verdadeiro nome seria Kramer (o seu nome original lido de trás para a frente). Viajou para a Suíça, em 1931, e em 1939 emigrou para os Estados Unidos da América. Adquiriu a nacionalidade americana em 1947. Em 1948 regressou à Suíça onde viveu até morrer, aos 72 anos.

Toda a sua obra é marcada pelo absurdo da guerra e pela desumanização que provoca no homem; as suas personagens são vítimas de perseguição política, ideológica ou racial e, não raro, anti-heróis que perderam as suas convicções; o clima transmitido é o da melancolia, angústia ou medo vivido, muitas vezes, por refugiados desenraizados e em busca de uma identidade.

Algumas das suas obras foram adaptadas ao cinema como *A Oeste Nada de Novo*, *Arco do Triunfo*, de 1945, e *Tempo para Amar e Tempo para Morrer*, de 1954.

Enquanto *A Oeste Nada de Novo* encerra um registo autobiográfico em relação à I Guerra Mundial, *Uma Noite em Lisboa* aborda a situação dos refugiados que chegam a Lisboa, sobretudo a partir de Junho de 1940, oriundos da Europa ocupada, durante a II Guerra Mundial. Apesar de nunca ter estado em Lisboa, Remarque homenageia nesta obra, que situa no ano de 1942, os milhares de desterrados e proscritos do nacional-socialismo que fizeram de Lisboa a sua sala de espera, enquanto aguardavam o embarque para a América.

1942 - Um ano de viragem na II Guerra Mundial

Em 1942, a II Guerra Mundial atravessava uma fase de avanços e recuos. Até este ano, poucos pareciam duvidar da vitória de Hitler. Após dominar a Polónia, a Alemanha ocupara a Dinamarca, Países Baixos, Bélgica, Noruega e França, assim como parte do Norte de África. No entanto, o ano de 1942 marca o início de uma nova etapa (1942-1945), em que os Aliados lançam uma contra ofensiva que irá ser bem sucedida.

A 22 de Janeiro termina a Batalha de Moscovo, iniciada em Outubro de 1941, em que a chegada do “general Inverno” permite a vitória do exército soviético; a 18 de Abril, as tropas americanas bombardeiam Tóquio, Yokohama, Nagoya e Kobe, cidades japonesas, em resposta ao ataque a Pearl Harbor (7 de Dezembro de 1941); entre os dias 4 e 7 de Junho, é travada a Batalha de Midway, no Oceano Pacífico, entre as forças americanas e japonesas, que os americanos acabam por vencer; a 19 de Junho, Churchill e Roosevelt reúnem-se para discutir a abertura de uma segunda frente de guerra e a bomba atómica; a 22 de Agosto, o Brasil faz a sua entrada na Segunda Guerra Mundial, na sequência de vários ataques de submarinos alemães a navios brasileiros; a 17 de Julho inicia-se um feroz ataque dos nazis à cidade de Estalinegrado; mais uma vez aproveitando as condições do rigoroso Inverno daquela zona, os soviéticos acabam por ganhar esta batalha que terminou a 2 de Fevereiro de 1943, contando cerca 1 920 mil pessoas entre mortos, feridos ou desaparecidos,

dos quais 40 mil civis; em Julho e Agosto travam-se algumas importantes batalhas no Egito entre as forças aliadas, de um lado, e as do Eixo, do outro, nomeadamente a Batalha de El Alamein e a de Alam Halfa, ambas ganhas pelos Aliados.

1942 – Em Portugal

Portugal assumiu neste conflito uma posição de neutralidade, definida logo em Setembro de 1939, aquando do ataque da Alemanha à Polónia. Em 1942, a guerra, contudo, está presente no quotidiano dos portugueses.

O tema da guerra toma conta dos espaços: os muros clandestinamente pintados com V de vitória, os placards dos jornais, as montras das lojas, as janelas das casas, as paredes das repartições, dos escritórios, enchem-se de cartazes. As pessoas carregam emblemas, distribuem panfletos, compram revistas e jornais, subsidiados ou não pelos beligerantes, com artigos de propaganda de jornalistas que por convicção ou suborno aí escrevem, e que os censores locais, pelas mesmas razões, deixam “passar”.

O conflito ocupa também o próprio tempo: é o tema de conversa de café, das bichas às portas dos estabelecimentos; o assunto preferido nos filmes, sejam eles de longa-metragem, documentários ou noticiários exibidos nos cinemas ou nas salas improvisadas na província; é o motivo de encontro diário de grupos que ouvem as rádios estrangeiras. Nos jornais, queixa-se o Secretariado de Propaganda Nacional, teriam desaparecido os artigos de fundo, a guerra internacional ocuparia um espaço imenso nas suas páginas e os assuntos da política nacional seriam desprezados. As exposições, conferências e jantares com elementos das embaixadas multiplicam-se. Convites a jornalistas, cientistas e artistas para assistirem a exposições especiais de filmes ou para visitarem os países beligerantes denunciam uma estratégia voltada para a conquista das elites portuguesas. Os boletins das embaixadas são então entregues, sobretudo aos mais influentes, gratuitamente e ao domicílio. (Barros 1989: 106-107)

Para contrabalançar a simpatia dos portugueses pela causa dos Aliados, o Governo exerce a censura e a repressão, por forma a satisfazer Franco e Hitler.

A 8 de Fevereiro, Óscar Carmona é reeleito Presidente da República.

Em Março, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), antecessora da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), desmantela a chamada Conspiração da Shell (assim chamada devido à participação de vários funcionários dessa companhia). Tratava-se de uma rede de difusão de propaganda, sabotagens e resistência armada a uma possível invasão

alemã. Colaboram com esta rede muitos elementos da oposição a Salazar e membros do Partido Comunista Português. O regime reprime duramente esta colaboração. Entre os detidos, contam-se Cândido dos Reis, fundador de *A Bola*, e o médico oposicionista de Coimbra, Ferreira da Costa, que estiveram presos no Tarrafal (cf. Rosas 1994).

Ainda em Março, o governo português protesta em Londres contra o bloqueio económico de Portugal pelas potências aliadas, devido ao facto de o país manter relações económicas com as potências do Eixo.

A 19 Junho, num discurso radiodifundido, Salazar critica os regimes liberais e a sua aliança com a União Soviética.

A 15 de Outubro entra em funcionamento o Aeroporto da Portela.

Na segunda quinzena de Outubro regista-se, em Lisboa, um movimento grevista que se estende ao mês de Novembro. Iniciado pelos trabalhadores da Carris, da construção naval (Companhia Nacional de Navegação) e dos estivadores, alastra a outros sectores, nomeadamente à Companhia União Fabril (CUF) do Barreiro. Terão participado cerca de 20 000 trabalhadores. Registam-se igualmente protestos contra a carestia de vida e a falta de liberdade sindical, bem como contra a corrupção dos organismos corporativos. Desencadeia-se uma vaga de prisões de dirigentes comunistas, como Militão Ribeiro, Pires Jorge, Pedro Soares e Júlio Fogaça.

A 1 de Novembro realizam-se eleições para a Assembleia Nacional, tendo concorrido apenas uma lista única da União Nacional.

1942 – Lisboa, último refúgio

O navio de passageiros ali atracado recebia carga, e eu sabia que a partida estava marcada para a tarde do dia seguinte. À luz crua de uma fiada de lâmpadas eléctricas, iam-se acumulando fardos de carne, peixe, conservas, pão e legumes, os carregadores arrastavam para bordo caixotes imensos e um guindaste içava volumes e fardos com a despreocupada indiferença de quem lhes não sente o peso.

O navio preparava-se para a partida, qual arca em tempo de dilúvio. E era de facto a arca de Noé. Qualquer navio que naquele ano de 1942 abandonasse a Europa assemelhava-se a uma arca de salvação. A América era o monte Ararat e o dilúvio ia crescendo sempre. A enchente engolira há muito a Alemanha e a Áustria, atingindo proporções gigantescas na Polónia e em Praga. Amsterdão, Bruxelas, Copenhaga, Oslo e Paris estavam também submersas, as cidades da Itália ruíam e a própria Espanha deixara de ser segura. A costa de Portugal ficara sendo o último refúgio para os emigrantes que acima da pátria e da própria vida colocavam os seus ideais de liberdade, justiça e

tolerância. Quem a partir daí não conseguisse alcançar a terra bendita da América estava perdido. Ficaria condenado a uma morte lenta no labirinto de documentos sempre recusados, de impossíveis licenças de trabalho e autorização de permanência no país, de campos de internamento; envolvido nos complicados meandros da burocracia; reduzido à solidão irremediável de desconhecido em terra alheia e à indiferença geral e criminoso com que era olhado o destino de cada homem, consequência inevitável da guerra, do medo e da necessidade. Naquela altura o homem não valia nada: um passaporte válido era tudo. (Remarque 1964: 9-10)

Em *Uma Noite em Lisboa*, os dois refugiados alemães percorrem Alfama, de bar em bar. Um conta o drama da sua vida de refugiado judeu, o outro escuta e espera pelos documentos de identificação e bilhetes de embarque prometidos. Atracado no cais, o navio que o levará, junto com a mulher, até à América. Este navio é comparado à Arca de Noé, símbolo de salvação face ao dilúvio do nazismo. Com efeito, Lisboa representou para milhares e milhares de refugiados a única esperança de sobrevivência.

– Acredita na sobrevivência além da morte? – perguntou-me o estranho homem dos bilhetes.

Olhei para ele. Podia esperar tudo menos aquela pergunta.

– Não sei – respondi por fim. – Nestes últimos anos tenho andado demasiado ocupado com a sobrevivência aquém da morte. Quando estiver na América, hei-de meditar no assunto – acrescentei no intuito de lhe recordar a promessa das passagens. (Remarque 1964: 17)

Entre a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, e a rendição da Alemanha nazi, em 1945, mais de 340.000 judeus deixaram a Alemanha e a Áustria. Quase 100.000 deles encontraram refúgio em países que posteriormente foram conquistados pela Alemanha, e as autoridades daquele país deportaram e mataram a grande maioria daqueles que tentaram fugir.

Lisboa, longe da guerra, barata, apresentava-se então como o último refúgio, o único porto livre e neutral da Europa, a ponte ideal para o Novo Mundo, os Estados Unidos da América ou mesmo Brasil ou África.

Após a queda da França livre (Junho de 1940), “Lisboa tinha-se tornado o único porto do continente com ligações mais ou menos regulares para as Américas e para África (...) a capital portuguesa tornara-se assim a saída de emergência da Europa” (Afonso, 1995: 49).

Com efeito, segundo Pimentel 2006, só no ano de 1940, a PVDE, que controlava as fronteiras, regista que entraram em Portugal cerca de 43 540

refugiados (70,86% por via terrestre; 15,7% por via marítima; 13,4% por via aérea). No mesmo ano, terão saído 36 579 (38,7% por terra; 47,7% por mar; 14% por ar), o que indica que terão permanecido 6961 refugiados. A estes, há que acrescentar os que entraram em anos anteriores e os clandestinos. Em 1940, estavam alojados em hotéis portugueses cerca de 49 000 estrangeiros, refugiados ou não.

A entrada não era fácil. O Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) português, então dirigido por Salazar, e apesar da neutralidade do país, teve em relação aos refugiados uma política bem definida: a partir de 1938, estabeleceu o princípio de que só aceitava refugiados com visto para outro país, isto é, só aceitava refugiados em trânsito.

Logo a 13 de Novembro de 1939 fez chegar a todos os cônsules a “Circular 14”, que os obrigava a consultar o MNE na concessão de vistos a: indivíduos de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, portadores de passaportes Nansen, e russos; judeus (com o J no passaporte desde 1938) expulsos de países da sua nacionalidade ou de onde procedessem, e daqueles que não tivessem um visto consular para um país de destino, bilhetes de passagem ou garantia de embarque. Esta circular apenas vem reforçar e adequar a política já existente no que toca a refugiados. O autoritarismo do regime demonstrava assim o seu alinhamento com as posições da Alemanha a propósito do perigo que representavam, nomeadamente, russos, apátridas e judeus, associados às ideias comunistas e socialistas.

Estabelecem-se pois dois tipos de refugiados: os que possuíam documentos legais que lhes davam entrada em Portugal e que pretendiam pôr a salvo as suas economias; os indesejados, judeus ou refugiados políticos, tidos como uma ameaça. Muitos destes indesejados eram encaminhados para fora de Lisboa (Ericeira, Caldas da Rainha, Curia, Figueira da Foz, zonas que ofereciam capacidade de alojamento fora da época balnear), com residência fixa, para evitar o contacto com a população e um possível contágio de ideias contrárias ao regime.

Até chegarem a Portugal, os refugiados necessitavam de um visto de saída da Alemanha ou dos países ocupados, de um visto de entrada na “zona livre” francesa, de um visto de trânsito espanhol e de outro português do qual dependia a concessão dos anteriores. Este, por seu turno, só era dado em função da prévia obtenção de um visto de entrada num país de destino e de uma passagem num navio. Este complicado emaranhado burocrático levantava muitas vezes um problema de datas: quando os refugiados obtinham visto de

saída de França, e de trânsito por Espanha, podia já ter caducado o visto de entrada em Portugal. Com sorte, e algum dinheiro à mistura, conseguiam uma actualização de datas. Neste processo, não era raro ser o chefe da comunidade judia em Portugal a interferir: Moses Bensabat Amzalak era próximo de Salazar e tinha algum poder de intervir junto da PVDE.

Muitos vistos eram comprados, assim como os documentos de identificação.

Tinha comigo uma fotografia da minha mulher, tipo passe. Naquela altura andávamos sempre munidos de fotografias, a todo o momento exigidas para novos documentos.

Gregorius pôs-se ao trabalho. E eu não ardeei pé. Não tinha coragem de perder de vista os dois passaportes, com medo que desaparecessem.

Ao meio dia estavam prontos. Corri ao cubículo onde morávamos. Sentada à janela, Ruth observava os filhos dos pescadores que brincavam no pátio.

– Perdeste-te? – perguntou ao ver-me assomar à porta.

Mostrei-lhe os passaportes.

– Partimos amanhã – exclamei. – Com nomes diferentes – anunciei. – Com nomes diferentes, cada um com seu apelido. Voltaremos a casar na América. (Remarque 1964: 359)

Outros vistos eram passados à revelia das ordens do Estado Novo, como é o caso dos que foram assinados pelo cônsul em Bordéus, Aristides Sousa Mendes. “Daria vistos a todos os que deles necessitassem, a todos os que os pedissem. Não faria perguntas nem praticaria discriminações” (Afonso 1995:92), fundamentando que as ordens do Ministério dos Negócios Estrangeiros contrariavam o que estava consagrado na Constituição Portuguesa e que já era tempo de Portugal reparar a expulsão dos judeus dos séculos XV e XVI. Assim, terá emitido milhares de vistos, até ser punido por Salazar com a destituição de funções e a proibição de exercer advocacia, o que o atiraria para a miséria.

Lisboa não era um destino; era apenas um ponto de passagem, uma sala de espera. Proibidos de trabalhar a troco de um salário ou de requerer qualquer tipo de apoio, segundo a legislação da época, muito restritiva em relação a emigrantes, não lhes era permitido permanecer no país. O regime temia a perturbação nos costumes, nas mentalidades e no mercado de trabalho que a integração de refugiados vindos dos países mais desenvolvidos da Europa inevitavelmente traria. Por isso, ter um bilhete de embarque era condição de entrada em Portugal. Os que não o tinham viviam escondidos,

sujeitos a uma denúncia que os atiraria para Caxias ou para o Aljube ou, o que mais temiam, para a Europa dos nazis de onde tinham fugido. Entre 1936 e 1945, a PVDE deteve 329 estrangeiros, na sua maioria de nacionalidade alemã, austríaca, belga, francesa, italiana e polaca, precisamente os países onde ocorriam perseguições nazis (Pimentel 2006).

Era um desses dancings típicos, como se encontram tantos por toda a Europa, desde Berlim a Lisboa. Consequência da emigração russa, nascida com a revolução de 1917. Como característica comum e dominante, os criados aristocráticos, os coros constituídos por ex-oficiais da guarda, os preços exorbitantes e o ambiente melancólico.

Tal como era de esperar, a iluminação era frouxa. Quanto aos alemães a que Manuel se referira, nada tinham de emigrantes; tinham, sim, todo o ar de espíões, elementos vários da Embaixada e empregados de firmas alemãs.

– Os russos souberam estabelecer-se melhor do que nós – comentou Schwarz. – A verdade é que, no que respeita a emigração, nos levam um avanço de quinze anos. E quinze anos de infortúnio são longos e fornecem vasta experiência.

– Os russos constituíram a primeira vaga de emigrantes – disse. – Para eles ainda houve compaixão. Receberam licenças de trabalho e deram-lhes toda a papelada necessária. Quando nós chegámos, a compaixão do mundo havia muito que se tinha esgotado. Passámos a ser considerados uma praga incómoda e poucas foram as vozes que se levantaram em nosso favor. Ninguém nos dá papéis, recusam-nos licenças de trabalho... nem sequer temos licença para existir! (Remarque 1964: 46-47)

No fim da guerra, nem mil refugiados restavam em Lisboa. Salazar e o Estado Novo tiveram êxito na sua política de fazer de Portugal um país de trânsito, evitando contaminações ideológicas perigosas para o regime.

Roteiro dos refugiados

Após 1940, a capital fervilhava de refugiados. Em geral, confinavam-se à Baixa e à Avenida da Liberdade.

Os mais abastados instalavam-se em hotéis, como o Aviz, no nº 32 da Rua Duque de Palmela (onde Calouste Gulbenkian viveu 13 anos), o Vitória, na Avenida da Liberdade, ou o Metrópole, em plena Praça do Rossio; outros, em residenciais, como a Astória, no nº 10 da Rua Braamcamp, em pensões, casas de passe, partes de casa, quartos ou até em corredores e na rua.

Passeavam pela Avenida da Liberdade e pelo Rossio, as ruas circundantes estavam apinhadas, as esplanadas estavam cheias. Em cafés como o Chave d'Ouro ou o Nicola, O Gelo ou a Suíça, o Coimbra ou o Paraíso,

espões e agentes infiltrados circulavam entre os refugiados.

Uma *bica*, um *carioca* ou um *garoto* davam direito ao encosto de uma mesa para toda a tarde (Redol 1977: 76).

Perto do edifício do Diário de Notícias e na Rua da Emenda, estabeleceram-se delegações dos Estados Unidos da América (E.U.A.) e da Grã-Bretanha, às quais os refugiados recorriam para a obtenção de vistos, formando-se longas filas às suas portas. As filas eram também grandes à porta da estação dos Correios da Praça do Comércio.

Inaugurada em 1904, a Sinagoga de Lisboa, na Rua Alexandre Herculano, prestava apoio aos refugiados judeus. Na mesma rua, a Farmácia Vieira Borges fornecia medicamentos, nomeadamente para as insónias e calmantes, e na Travessa do Noronha funcionava a Cozinha Económica da Comunidade Israelita de Lisboa. O financiamento destas ajudas vinha de instituições que apoiavam os refugiados com poucas ou nenhuma posses, como a Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados (Comassis), na Rua Monte Olivete, que por sua vez era financiada por organizações judaicas americanas: a *Hicem* e o *American Joint Distribution Committee*. O dinheiro era gasto em pensões e quartos de aluguer, com a polícia, comida, roupa, medicamentos e, por fim, nas passagens dos navios.

Em finais de Junho de 1940, foi igualmente fundado o *Emergency Rescue Committee* em Nova Iorque. Esta organização tinha como objectivo organizar a fuga de escritores, cientistas, jornalistas e editores, bem como de artistas europeus ilustres e não-comunistas, das zonas ocupadas ou influenciadas pelos nazis, muitos dos quais vão passar por Portugal, nomeadamente pela linha do Estoril e Cascais, onde estavam os mais ricos: governantes depostos, banqueiros, industriais e comerciantes, escritores, actores, cineastas.

Varian Fry, jornalista americano, foi um dos mais activos na organização desta fuga de ilustres. Entre eles, contam-se: Heinrich Mann, Golo Mann, Erika Mann, irmão e filhos de Thomas Mann, Alfred Döblin, Friedrich Torberg, Karl Paetel, Eva Lewinski, Maximilian Scheer, Antoine de Saint-Éxupéry, Franz Schoenberner, Franz Werfel e a sua mulher, Alma Mahler-Werfel, Maximilian Scheer, Karl Paetel e Marta Feuchtwanger, mulher do autor alemão Lion Feuchtwanger, Lisa Fittko, Hans Sahl, Hannah Arendt.

A censura do Estado Novo encarregou-se de assegurar que os jornais da época apenas falassem destes refugiados ilustres.

O Casino era ponto de passagem frequente e mesmo alguns dos

menos abastados tentavam lá a sua sorte.

Antoine de Saint-Exupéry, que se alojou no Hotel Atlântico do Estoril em Dezembro de 1940, à espera do embarque para Nova York, para onde viajará na companhia do cineasta Jean Renoir, ao observar as fortunas que se gastavam na roleta, afirma que se sentiu angustiado, como se estivesse perante uma espécie em vias de extinção.

Passara a noite a jogar no Casino do Estoril. Tinha um fato ainda em bom estado, e por isso me deixaram entrar. Fora uma última e desesperada tentativa de subornar o destino. A licença que nos permitia residir em Portugal caducava dentro de poucos dias e nem Ruth nem eu possuíamos quaisquer outros documentos. O navio fundeado no Tejo era o último com o qual, ainda em França, acalentáramos a esperança de chegar a Nova Iorque; a lotação esgotara-se porém com meses de antecedência e, além do visto americano, faltavam-nos para cima de 300 dólares. Tinha tentado arranjar pelo menos o dinheiro e fizera-o pelo único processo ao meu alcance – o jogo. Uma tentativa absurda, bem sei, visto que, ainda que tivesse ganho, só por milagre conseguiríamos entrar a bordo. Vivendo paredes meias com o desespero e o perigo, aprendera a acreditar em milagres. Sem isso não poderia sobreviver.

Dos 62 dólares que ainda me restavam, perdi nessa tarde 56. (Remarque 1964: 10-11)

No cais de Alcântara, em Santa Apolónia ou na Rocha de Conde de Óbidos, a par de barcos e submarinos alemães, italianos, ingleses, estavam os navios que levavam os refugiados a atravessar o Atlântico, como o *Serpa Pinto*. A venda de bilhetes a refugiados tornou-se inclusivamente uma boa fonte de rendimento para a Companhia Nacional de Navegação e outras, tendo o preço das viagens atingido valores muito elevados, fruto da especulação.

A espera para o embarque era caótica e barulhenta. Alguns navios, apesar de cumprirem as formalidades exigidas para navegarem no Atlântico, foram mesmo afundados por submarinos alemães o que veio acentuar a simpatia da opinião pública portuguesa pelos Aliados. Em 1944, o *Serpa Pinto*, com refugiados a bordo, foi abalroado já depois de iniciada a viagem, e militares alemães fizeram sair toda a gente para botes salva-vidas, aguardando se era ou não dada ordem de afundar o navio. Depois deixaram-nos regressar, mas, para além do pânico e desespero que criaram, há registo de duas ou três mortes durante o regresso ao navio.

Uma outra via de saída estava reservada para os muito, muito ricos. Era o luxuoso Boeing 314 Clipper, da companhia PanAm, com um elevado preço por passageiro.

Os lisboetas e os refugiados

Os testemunhos de refugiados têm um traço comum: a distância entre eles e o país que os acolhe transitoriamente. Distância civilizacional e cultural.

Portugal era visto como um país pobre, rural, atrasado, machista, triste e em ditadura. As crianças pobres andavam descalças e eram escanzeladas, os homens cuspiam para o chão, as mulheres, muito vestidas, praticamente não saíam sozinhas. Portugal era um dos países mais miseráveis da Europa (a taxa de mortalidade infantil, 142%, é disso prova) e um dos mais estanques às ideias de progresso, fruto do isolamento que o Estado Novo impunha.

Eva Lewinski, refugiada judia alemã que chegou a Lisboa em 1940, mostrou-se revoltada ao ver as crianças esqueléticas «cobertas de vermes» e «embrulhadas em farrapos» que viu em Alfama. Alfred Döblin, que esteve em Lisboa pela mesma altura, ficou impressionado com o terrível hábito de cuspir para o chão e com os ardinados esfarrapados a quem fora dedicado um monumento em vez de lhes ser dada roupa ou sapatos.

A par desta miséria, e prova das enormes assimetrias sociais, é também notada a existência de “criadas”, fardadas.

Esta distanciação não impediu, contudo, que esta enorme sala de espera fosse também vista como um oásis: em paz; hospitaleira e com simpatia pelos aliados; sem antissemitismo aparente; onde se podiam comprar jornais em diferentes línguas e dos dois lados beligerantes; profusamente iluminada, quando a Europa se encontrava em *black out* para se defender dos bombardeamentos; com produtos à venda que rareavam ou não existiam no resto da Europa; com um clima ameno e praias à disposição.

Tal como os dois refugiados de *Uma Noite em Lisboa* se arrastam de bar em bar, também os refugiados se eternizavam nos cafés onde era muito notada a presença de mulheres, o que não sucedia com as portuguesas. Numa sociedade onde o homem dominava, as mulheres refugiadas davam nas vistas: de saias curtas, lábios pintados, sem mangas, nem chapéus, nem luvas, iam ao cinema sozinhas, fumavam e frequentavam as esplanadas. Foi nesta altura que a Pastelaria Suíça abriu a sua esplanada. Em *O Cavalo Espantado* de Alves Redol é referido que foi por volta de “1939 [...] que a pedido de estrangeiros sem sol para os aquecer na vida, se puseram mesas nos passeios [...] O gerente cedera, contrafeito, com receio de perder uma clientela que desconhecia os preços e não os regateava” (Redol 1977: 77).

A pastelaria Suíça era até conhecida pelo nome de “Bompernasse”, numa alusão clara ao efeito que as saias curtas das refugiadas causavam nos

lisboetas.

Talvez esta marca de emancipação da mulher tenha sido o mais visível vestígio da passagem dos refugiados por Portugal pois muitas mulheres, sobretudo em Lisboa, sobretudo as mais jovens, imitaram as refugiadas e os seus hábitos. No entanto pouco mais ficou como marca deste acolhimento.

Este deambular pela Baixa e pelas esplanadas, a par do seu aspecto de “ricos”, deu dos refugiados uma imagem enganadora de ociosidade e privilégio. A sua estadia foi de facto marcada pela melancolia e pelas dificuldades de quem está longe do seu país e pela passividade e inactividade de quem parece esperar uma catástrofe anunciada.

Não dei resposta. Para mim, a vida era o navio que o Tejo guardava lá em baixo e que, em vez de se perder na eternidade, me levaria à América. Estava cansado de aventuras; tinham desabado sobre mim como uma saraivada de ovos podres. Agora a maior das aventuras era um passaporte válido, um visto e uma passagem. O peregrino forçado concebe o dia a dia como irreabilidade inatingível e a aventura como o pior dos flagelos. (Remarque 1964: 159)

Propaganda

Os refugiados tinham fugido de uma ditadura sanguinária para serem acolhidos por uma ditadura “português suave”, mas igualmente nacionalista, anticomunista, antiliberal, antiparlamentar, autoritária; não cultivava, no entanto, o antisemitismo.

Segundo a filósofa judia alemã, Hannah Arendt, diferentemente das tiranias tradicionais – ou das ditaduras – que utilizam o seu aparelho repressivo para perseguir e calar os adversários políticos, o «totalitarismo» terrorista nazi não se contentou em destruir unicamente os inimigos do regime, mas quis, também, aniquilar, indiscriminada e arbitrariamente, toda a espécie de vítimas inocentes. Entre estas, contaram-se os judeus, massacrados apenas por o serem. Segundo essa diferença conceptual, deve-se afastar o Estado Novo do campo «totalitário» e caracterizá-lo como uma ditadura, cujo objectivo era amedrontar e calar os seus adversários políticos. Por outro lado, a ditadura salazarista não incluiu, na sua ideologia, o anti-judaísmo, e muito menos o elemento anti-semita racial e biológico. (PIMENTEL 2006: 34)

Em 1940, o Estado Novo comemorava o seu passado imperial com a Exposição do Mundo Português, um importante acontecimento político-cultural do Estado Novo. Juntamente com toda a propaganda da época, oferecia-se aquilo que João Canijo intitulou de *Fantasia Lusitana*: a ilusão de um grande

império, um país em paz, onde tudo vai bem, sob o guarda-chuva protector de um Salazar que afastava os portugueses da guerra. O objectivo era enaltecer o regime e a sua capacidade de manter o país longe dos graves problemas que assolavam a Europa e de o conduzir num aparente caminho de progresso e de prosperidade.

Na Alemanha, Leni Riefenstahl, em *O triunfo da vontade* estreado em 1935, retrata o 4º Congresso do Partido Nacional Socialista Alemão, sendo Hitler apresentado como um messias vindo dos céus, enquanto a população homenageia, quase extasiada, o seu líder. O povo alemão é representado como jovem, saudável, forte, limpo e, evidentemente, loiro. É o mito da raça ariana, exemplo de supremacia para toda a humanidade.

A ideia de ler um jornal alemão ainda me não tinha ocorrido e apressei-me a comprar dois. (...) Os artigos de fundo eram uma vergonha. Arrogantes, cheios de mentiras, sequiosos de sangue. Falava-se numa Europa degenerada, traiçoeira, estúpida, que não merecia outra coisa senão ser tomada pelos Alemães. Repare que não se tratava de jornais locais e que, no meu tempo, qualquer deles gozara de merecida fama. Não só o conteúdo, como o próprio estilo, se modificara. Simplesmente inacreditável! (Remarque 1964: 41)

Em Lisboa, os refugiados que observaram a Exposição do Mundo Português por certo deram menos importância ao enaltecimento dos descobrimentos do que ao seu propósito de viajar para uma América já descoberta. Contudo, a propaganda tão desfasada da realidade não passou despercebida aos olhos de alguns refugiados, que viram para além das aparências.

Numa altura em que o perigo de uma invasão da Alemanha, aliada a Espanha, era uma realidade, Saint-Exupéry apercebeu-se de como Portugal se agarrava “à ilusão da sua felicidade”. Referindo-se à Exposição do Mundo Português, escreveu que se brincava “à felicidade, em Lisboa, para que Deus quisesse mesmo acreditar nela.” (Cf. Pimentel 2006)

No fim, que afinidades

Em Maio de 1945, os portugueses comemoram, em vários pontos do país, o fim da II Guerra Mundial.

Dos milhares de refugiados que, entre 1939 e 1945, fizeram de Portugal, e sobretudo de Lisboa, a sua sala de espera restarão apenas escassas centenas. Assim como chegaram, partiram sem quase deixar marcas.

É esse o pano de fundo de *Uma Noite em Lisboa*: a cidade que

Remarque não visitou é um porto de abrigo temporário, onde se cruza a história de uma vida, que fica para trás, com o desejo de partir para a terra desejada.

De olhos postos no Tejo, as personagens entrelaçam passado e futuro: a nostalgia de uma Europa que fica para trás, uma identidade que se procura, partir ou não partir, esperar o quê, ...

Seria assim tão diferente para os portugueses?

Portugueses, esses, que permanecem numa espera que será a sua.

Bibliografia

AFONSO, Rui. *Um Homem Bom: Aristides de Sousa Mendes, o «Wallenberg Português»*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

ALVES, Vera; FARIA, Selma, *Refugiados da II Guerra Mundial em Portugal*. in *Sapiens: História, Património e Arqueologia*, N.º ¾, Dezembro 2010. URL: http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero3_4/refugiados_da_II_guerra_mundial.pdf

ARENDDT, Hannah. *Sur l'Antisémitisme*. Paris: Seuil, 1973, 1ªed., 1951.

BARROS, Júlia Leitão de. *Anglofilia e Germanofilia em Portugal durante a II Guerra Mundial in Portugal na Segunda Guerra Mundial*, 106-7. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1989.

CANIJO, João - *Fantasia Lusitana*. Lisboa: Periferia Filmes, 2010, 67 min. [filme] Circular n.º 14 Ministério dos Negócios Estrangeiros – MNE (de 11 de Novembro de 1939).

HEINRICH, Christa et al. *Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945*. Lisboa: Goethe Institut, 1994.

PIMENTEL, Irene Flunser. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial: em fuga de Hitler e do holocausto*. Com a colaboração de Christa Heinrich. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

REDOL, Alves. *O Cavalo Espantado*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1977, 4ª ed.

REMARQUE, Erich Maria. *Uma Noite em Lisboa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964, 3ª ed.

RIEFENSTAHL, Leni. *O Triunfo da Vontade*. Alemanha, 1935, 110 min. [filme]

ROSAS, Fernando. *Sob os ventos da guerra: a primeira crise séria do regime (1940-1949)*. In ROSAS, Fernando (coord.). *O Estado Novo (1926-1974)*.

MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, Vol. VII.. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, *Carta a um refém*. Rio de Janeiro: Grifo edições, 1995

TEIXEIRA, Christina Heine, *Lisboa, símbolo de esperança e de liberdade - escritores alemães e austríacos em trânsito - 1940-41 (algumas observações)*. http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/359/1/Christina_Teixeira_p669-679.pdf

Isabel Vasconcelos Ferreira é licenciada em História. Professora desde 1973, entre 1981 e 2011 leccionou na Escola Básica 2.3 Comandante Conceição e Silva (Almada).

Requiem. Paesaggi vagabondi nella città di Lisbona, tra sogno e realtà

Chiara Spadaro

“Nessuno può comprendere la parola formaggio se prima non ha un’esperienza non linguistica del formaggio”. Con questo suo *Requiem* – “un’avventura portoghese”, come la definisce l’autore – lo scrittore italiano Antonio Tabucchi accompagna il lettore alla scoperta del paesaggio di Lisbona attraverso l’esperienza concreta, e sognante, di un vagabondaggio attraverso la capitale portoghese. Durante questo itinerario sensoriale e affettivo nella città deserta in una domenica di fine luglio, si realizza un gioco rovesciato delle parti: che cosa significa essere stranieri in un luogo? E in che modo la letteratura può aiutarci a costruire le mappe interiori delle nostre città?

Non crede che sia proprio questo che la letteratura deve fare, inquietare?, da parte mia non ho fiducia nella letteratura che tranquillizza le coscienze.¹

È un viaggio inquieto, quello dello scrittore italiano Antonio Tabucchi narrato nel libro *Requiem*, un vagabondaggio della durata di appena dodici ore – da mezzogiorno a mezzanotte – attraverso la città di Lisbona in una torrida domenica di fine luglio. La capitale portoghese è una città insistentemente deserta e accaldata – “il sole dardeggiava (...), passavano poche macchine, (...) sul molo non c’era nessuno, (...) faceva un caldo terrificante”² – e l’unica certezza del protagonista è quella di non poter mancare all’appuntamento, sul molo di Alcântara, con il fantasma di “un grande poeta, forse il più grande poeta del ventesimo secolo”³.

Il libro è stato pubblicato nel 1991 dalla casa editrice lisboeta *Quetzal Editores*; l’opera, infatti, è scritta originariamente in lingua portoghese. *Requiem* è l’unico libro che Antonio Tabucchi scrive in portoghese, una scelta non casuale per un testo che è

prima di tutto, (...) un omaggio ad un paese che io ho adottato e che mi ha adottato

1 Tabucchi Antonio, *Requiem*, Feltrinelli, Milano 1992, p. 119 (ed. or., *Requiem*, Quetzal, Lisboa 1991).

2 *Ivi*, pp. 13-16.

3 *Ibid.* L’autore lascia intendere al lettore che lo scrittore che deve incontrare è il poeta portoghese Fernando Pessoa.

a sua volta, ad una gente cui sono piaciuto e che, a sua volta, è piaciuta a me. (...) Se qualcuno mi chiedesse perché questa storia è stata scritta in portoghese, risponderei che una storia come questa avrebbe potuto essere scritta solo in portoghese, e basta. (...) Sia come sia, ho capito che non potevo scrivere un Requiem nella mia lingua, e che avevo bisogno di una lingua differente: una lingua che fosse un luogo di affetto e di riflessione.⁴

Solo l'anno successivo all'uscita della prima edizione portoghese, nel 1992⁵, il libro è stato tradotto in italiano dall'amico dell'autore, Sergio Vecchio, che in una nota a conclusione dell'edizione italiana si chiede perché Antonio Tabucchi "non abbia voluto assumere il ruolo di traduttore di se stesso".

Risponderebbe, credo (anzi, lo so), che, se lo avesse fatto, questa storia sarebbe diventata un'altra storia: poiché uno scrittore è anche e soprattutto la sua lingua – e, in questo caso, la lingua d'elezione dell'Autore è il portoghese.⁶

Si tratta, infatti, di una storia che "gli apparteneva al punto da poter essere scritta solo in portoghese"⁷; ecco quindi che la lingua diventa uno dei temi centrali di questo testo, attorno al quale è possibile costruire – con l'aiuto dell'autore – delle profonde riflessioni sul senso dei luoghi, oltre che sulle forme della comunicazione.

Questa riflessione mi riporta alle nostre giornate a Lisbona, in occasione della nostra *oficina* internazionale a *Palácio Belmonte*, nell'ambito del progetto *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*, "Lisboa nas narrativas: olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea", quando mi ritrovai, unica italiana, a dover comunicare in lingue diverse dalla mia, in un'avventura linguistica che metteva alla prova il mio scarno, ma amato, portoghese (in questo senso, penso di poter capire l'idea di una lingua come "luogo di affetto") e un inglese incerto e freddo al quale, invece, non sono mai riuscita ad affezionarmi. È stata, anche, un'avventura d'ascolto della lingua, oltre che della parola pronunciata in prima persona; l'ascolto di termini nuovi e curiosi, e di accenti stupefacenti – al mio orecchio italiano che sempre si stupisce della musicalità della lingua portoghese –, un ascolto che si trasformava, giorno dopo giorno, in apprendimento. In altri momenti, quando la lingua parlata era quella francese, a me del tutto (o quasi) sconosciuta, l'ascolto si faceva invece confuso e incomprensibile ed era allora che la lingua cessava di essere lo spazio

⁴ *Ivi*, pp. 7-8.

⁵ Il libro uscì in Italia per la prima volta nel 1992 per la casa editrice milanese Feltrinelli. L'edizione che ho consultato nello scrivere questo breve testo è la 17esima, pubblicata nel 2011 sempre da Feltrinelli editore.

⁶ *Ivi*, p. 139.

⁷ *Ibid*.

dell'espressione e della comunicazione per trasformarsi in qualcosa d'*altro*, un vero e proprio spazio nel quale vagabondare alla scoperta di nuovi dettagli del paesaggio circostante.

Per tornare al nostro *Requiem*, Antonio Tabucchi riprende in diverse occasioni tra le pagine del libro questo tema della lingua. Quando lo "Zoppo della Lotteria", incontrato nel giardino di Santos, dove l'autore era andato in cerca di un po' di fresco, gli propone di parlare in inglese – "in inglese non c'è problema, è sempre *you*, io l'inglese lo parlo bene"⁸, dice – o in francese – "il francese anche, lì non ci si sbaglia, è sempre *vous*, parlo benissimo anche il francese"⁹, continua –, Tabucchi, scusandosi per essere tratto in inganno dalle complicate "forme portoghesi d'intrattenimento", non ha dubbi sulla lingua con la quale narrare questo suo vagabondaggio:

No, risposi io, mi scusi, preferirei parlare portoghese, questa è un'avventura portoghese, non voglio uscire dalla mia avventura.¹⁰

In questa sua avventura, il protagonista viene scambiato, in diverse occasioni, per un portoghese. Quando rivela al "Controllore del Treno" di essere italiano, questo gli risponde:

Ma praticamente è portoghese, disse lui, vive qui da molto tempo, vero? No, dissi io, ma devo avere un qualche antenato portoghese che non conosco, credo che il Portogallo sia scritto nel mio bagaglio genetico.¹¹

In questo equilibrismo tra sogno e realtà, anche le identità sono messe in discussione, s'intrecciano, smarrite, alla ricerca di un senso perduto. Esemplare, in questo senso, è una delle scene iniziali del libro, nella quale il protagonista si trova a percorrere la città in taxi, guidato da un personaggio originario di São Tomé¹², che si perde per la città assolata.

Mi dispiace, disse il Tassista, ma non conosco Rua das Pedras Negras, il signore non può fornirmi indicazioni supplementari? Sorrise un sorriso pieno di denti bianchi e continuò: scusi sa, io sono di São Tomé, lavoro a Lisbona da un mese, non conosco le strade (...), conosco bene la città, questo sì, non mi perdo mai, solo che non conosco il nome delle strade. (...) Amico mio, disse il Tassista partendo in quarta, mi farà il favore di indicarmi le strade una per una, scusi sa, abbia pazienza.¹³

⁸ *Ivi*, p. 17.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ivi*, p. 86.

¹² São Tomé è l'isola meridionale, e la più grande, della Repubblica Democratica di São Tomé e Príncipe, un arcipelago indipendente al largo dell'Africa centro-occidentale, un tempo colonia portoghese.

¹³ *Ivi*, pp. 23-24.

Ecco allora che i ruoli si rovesciano: chi è, in fondo, lo straniero? Antonio Tabucchi ci dimostra l'ambiguità di questo termine, mostrandoci che è possibile arrivare a conoscere profondamente i luoghi, imparando a orientarsi anche in spazi diversi da quelli in cui si è nati, seguendo le mappe interiori disegnate nel tempo, passo dopo passo, appropriandosi della geografia dei luoghi.

Resta sempre, tuttavia, una geografia sfuggibile: la città di Lisbona, pur interiorizzata dall'autore, muta nel tempo, facendo sentire il protagonista smarrito e portandolo a scavare nella memoria per trovare dei punti di riferimento che gli consentano di orientarsi nel tessuto urbano. Durante una conversazione con il misterioso personaggio Tadeus Waclaw Slowacki – “un uomo pieno di emozione e di amarezza”¹⁴ che rappresenta l'alter ego di Fernando Pessoa –, inoltre, l'autore si riflette sul fatto che il tempo abbia trasformato non solo la città, ma il nostro stesso sguardo su di essa.

Cosa c'è, Tadeus?, gli chiesi. Non so, disse lui, forse mi ha preso un attacco di malinconia, ho nostalgia del tempo in cui ce ne andavamo così in giro per la città, ti ricordi?, allora tutto era diverso, molto più brillante, come se fosse più pulito. Era la gioventù, dissi io, erano i nostri occhi.¹⁵

La stessa sensazione ritorna quando il protagonista si trova al *Museu Nacional de Arte Antiga* per contemplare, di nuovo dopo molto tempo – “Avevo davvero voglia di tornare a vedere il quadro, quanti anni erano che non lo vedevo? Provai a fare il conto, ma non ci riuscii”¹⁶ –, *Le tentazioni di Sant'Antonio*, un trittico del 1500, dipinto a olio dal pittore Hieronymus Bosch e conservato nel museo di Lisbona.

Ed ora ero di nuovo lì e tutto era differente, solo il quadro era restato lo stesso, e mi stava aspettando. Ma era restato lo stesso o era cambiato anche lui? Voglio dire, non era possibile che ora il quadro fosse diverso solo perché i miei occhi lo avrebbero visto in un altro modo? (...) adesso per me ha un significato che prima non aveva.¹⁷

Si potrebbe dire che *Requiem* sia un viaggio onirico e sensoriale nel paesaggio di Lisbona: in questa improbabile domenica di fine luglio, i sensi si riappropriano dei ricordi del passato, contaminandoli in modi sorprendenti e inaspettati per il lettore – e per lo stesso protagonista – con i sogni del futuro e l'inquietudine

¹⁴ *Ivi*, p. 33.

¹⁵ *Ivi*, p. 50.

¹⁶ *Ivi*, p. 72.

¹⁷ *Ivi*, pp. 73 e 80.

del presente. Oltre alla vista, è il gusto il senso che fa viaggiare il protagonista attraverso una città nella quale sapori tradizionali si mescolano con la *nouvelle cuisine*, alla scoperta della ricca cultura materiale che si nasconde in ogni ricetta. È interessante, da questo punto di vista, il concetto che il traduttore dell'edizione italiana di *Requiem* riporta nella sua nota, riprendendo una citazione di Bertrand Russell:

Nessuno può comprendere la parola formaggio se prima non ha un'esperienza non linguistica del formaggio.

Allo stesso modo, con il suo *Requiem* Antonio Tabucchi ci aiuta a capire la parola paesaggio attraverso l'esperienza concreta, e sensoriale, di un vagabondaggio nella città di Lisbona. Alle ricette che l'autore cita tra le pagine del libro, il traduttore dedica un'appendice, come per sottolineare che la cucina non è che un pretesto con il quale lo scrittore vuole trasmettere al lettore qualcosa di più su Lisbona e il Portogallo, attraverso le storie dei suoi piatti – dal *sarrabulho à moda do Douro* alle *migas* e *açorda* alentejane. In alcuni casi, queste storie hanno una connotazione squisitamente geografica, com'è per il *Sumol*, il succo di ananas che il protagonista ordina al bar del Museo di Arte Antica, provocando il disgusto del Barman, amante nonché inventore di *cocktails* dai gusti speciali e dai nomi tutt'altro che casuali, come ci spiega Tabucchi.

Il "Janela Verdes Dream", creazione del Barman del Museo di Arte Antica (quindi dell'Autore), è così chiamato perché il Museo è anche noto come *Museu "das Janelas Verdes"* (finestre verdi), dal nome della strada in cui è ubicato.¹⁸

Nel libro si cela anche un menù "letterario" (svelato sempre nell'appendice culinaria), nascosto proprio tra le pagine dedicate alla cena che l'autore consuma in compagnia del fantasma di Fernando Pessoa. Nel suo "locale post-moderno" – così lo definisce il Venditore di Storie, descrivendolo come "un posto con molti stili, (...) molti specchi e una cucina che non si sa bene cos'è, insomma, è un posto che ha rotto con la tradizione recuperando la tradizione"¹⁹ –, di fronte al molo di Alcantara, la Mariazinha, decanta una "carta poetica", cominciando dalla zuppa "Amor de perdição" – un omaggio allo scrittore portoghese Camilo Castelo Branco, dal titolo di una delle sue opere più famose –, accompagnata dall'insalatina "Fernão Mendes Pinto" – esploratore e scrittore del 1500. Il menù letterario prosegue con la "cernia tragico-marittima", la "sogliola intersezionista" – dedicata al movimento artistico creato nel 1914 proprio da Fernando Pessoa

¹⁸ *Id.*, p. 132.

¹⁹ *Id.*, p. 112.

– e le “anguille della laguna di Gafeira alla *Delfino*” – pescate in quel luogo della fantasia dove José Cardoso Pires ha ambientato il suo romanzo *O Delfim*. Così, anche noi non possiamo che metterci in cerca, proprio come fa Antonio Tabucchi nel suo *Requiem*, vagabondare liberando per la città la nostra fantasia, con la sola guida di un buon libro. È quel che abbiamo fatto anche durante l’*oficina* “Lisboa nas narrativas”, in un percorso letterario attraverso l’Alfama, ed è quello che dovremo tornare a fare, aprendo le porte di *Palacio Belmonte*, per dare seguito all’ambiziosa idea di progetto sul quartiere nata tra le mura del Palazzo. Da lì potremo ripartire, per scoprire – con l’aiuto della letteratura – percorsi sempre nuovi, fino ad approdare in quel luogo dove realtà e sogno si confondono nella bellezza del paesaggio.

Ma la laguna di Gafeira non esiste, dissi io, è un luogo dell’immaginazione, un luogo letterario. Capirà cosa m’importa, disse la Mariazinha, il Portogallo è pieno di lagune, prima o poi una Gafeira la si trova sempre.²⁰

Chiara Spadaro é mestre em Antropologia cultural, etnologia, etnolinguística na Universidade Ca’ Foscari de Venezia (Italia), com uma tese sobre a narração da paisagem alentejana. Vive em Itália, onde é jornalista freelance dedicando-se às temáticas da paisagem, a valorização do território, e das pequenas economias sustentáveis.

²⁰ *Ivi*, p. 123.

Olhares brasileiros sobre Lisboa: cidade-paisagem em dois tempos

Ida Alves

O contato com o outro passa, frequentemente, pelo atravessamento de determinada paisagem, considerada não como mero dado inerte por trás de sujeitos, mas uma articulação de sentidos acionados pela percepção e imaginação. A paisagem é assim uma alteridade com a qual cada subjetividade entra em diálogo e constitui uma narratividade de mundo e de existência, pois, como afirmou Alain Roger (1997, 7): «Le paysage, ou plutôt les paysages sont des acquisitions culturelles[...]» ou, como explica Michel Collot a partir da perspectiva de trabalho de Jean-Pierre Richard: «le mot *paysage* ne désigne évidemment pas le ou les sites dépeints par l’auteur étudié, mais une certaine image du monde, intimement liée au style et à la sensibilité de l’écrivain: non tel ou tel référent, mais un ensemble de signifiés.» (2005, 178).

Esse entendimento do valor da paisagem como um *operador de sentidos*, torna-se muito produtivo quando tratamos de textos literários e, especialmente, quando tais textos trabalham a tópica da viagem tão recorrente ao longo dos séculos. É exatamente com essa visada que examinamos aqui como a cidade de Lisboa é apreendida pela percepção de dois escritores brasileiros que produzem em momentos diferentes e a partir de contextos e interesses diversos. De um lado, convocamos crônicas de viagem de Cecília Meireles, nome dos mais referenciais da literatura brasileira moderna, autora amplamente conhecida pelos portugueses e que manteve com Portugal uma relação declaradamente afetiva, dada sua origem familiar nos Açores e seu primeiro casamento (1922) com o artista plástico português Fernando Correia Dias¹. De outro, seguimos uma narrativa do escritor contemporâneo Luiz Ruffato², na qual apresenta ao seu leitor a história do mineiro de Cataguases³,

1 O artista viera para o Brasil em abril de 1914, aos vinte e um anos. No Rio de Janeiro, desenvolveu seu trabalho em relação direta com os modernistas e mantendo diálogo com a intelectualidade portuguesa. Em 19/11/1935, suicidou-se, deixando Cecília Meireles com suas três filhas.

2 O escritor nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. Trabalhou como jornalista em São Paulo e começou a publicar coletâneas de contos (*Histórias de Remorsos e Rancores*, de 1998, e *Os sobreviventes*, de 2000). Com o romance *Eles Eram Muitos Cavalos*, de 2001, ganhou os prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional. Com muito sucesso, esse livro está traduzido em italiano, francês e também há uma edição portuguesa, pela Quadrante, 2006. Registram-se ainda os livros *As Máscaras Singulares* (poesia), de 2002 e *Os Ases de Cataguases* (ensaio), do mesmo ano. Em 2005, iniciou a publicação da série *Inferno provisório*, projetada para cinco volumes, com os livros *Mamma, son tanto felice e O mundo inimigo, Vista parcial da noite e O livro das impossibilidades*. Tal série foi igualmente premiada como APC, como melhor ficção de 2005. Antes do jornalismo, por sua origem familiar pobre, começou a trabalhar ainda criança, exercendo ofícios simples e variados como pipoqueiro, operário têxtil, balconista, torneiro-mecânico, vendedor de livros, gerente de lanchonete, entre outros. Jornalista até se tornar escritor de sucesso, vive agora de seus livros e de atividades referentes: conferências, palestras, cursos, etc.

3 De algumas cidades de Minas Gerais, nos anos 80 e 90 do século XX, emigraram muitos brasileiros para tentar uma vida melhor nos Estados Unidos e na Europa. Esse período ficou conhecido, na Economia brasileira, como “décadas perdidas,” dada a situação

Sérgio de Souza Sampaio, como um “depoimento, minimamente editado” (2009, p. 13) sobre suas experiências de imigrante em Lisboa. Este livro, na verdade, foi o resultado de um convite da Editora Cia das Letras, sediada em São Paulo, para participar do projeto “Amores Expressos”, sob o mote de uma “história de amor” que ocorreria em dezesseis cidades diversas do mundo. Ruffato escolheu Lisboa para sua história, pois já havia visitado várias vezes Portugal e conhecia bem a cidade.

Cidade Encantada

A poeta Cecília Meireles foi professora e cumpriu como conferencista muitas missões culturais pelo mundo⁴, o que lhe permitiu conhecer diversos países e contactar culturas diferentes. Disso resultou, literariamente, a produção de um grande número de crônicas que iam sendo publicadas em periódicos⁵ com larga circulação no Brasil, o que de certa maneira causou uma determinada apreensão dessas outras paisagens por seus leitores brasileiros. Esses textos dispersos em revistas e jornais foram, a partir de 2000, reunidas no volume intitulado *Crônicas de Viagem 3*, sob apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho.

A poeta realiza em suas crônicas uma meditação lírica sobre lugares e espaços que visita. Pousando seu olhar sobre as coisas do mundo, ela manifesta sua adesão ao outro, buscando nas diferenças uma ligação afetiva. Seu olhar é comovido pelo impacto do mundo circundante e a escrita confirma a vontade de tornar visível⁶ uma determinada experiência íntima de paisagem. No caso de suas visitas a Portugal, isso é ainda mais forte em decorrência das relações familiares, mas o que nos interessa é o modo como Cecilia Meireles escreve sua percepção dos lugares percorridos, acionando sobretudo pelos cinco sentidos orgânicos partilhas culturais e memórias comuns. Em *Crônicas de viagem 3*, há seis crônicas⁷ cuja motivação é Portugal, país que visitou pela primeira vez em 1934 e, depois, em 1951.

Porém, antes dessas crônicas, lembremos um texto anterior, publicado no número seis da Revista Atlântico, 1948, “Evocação lírica de Lisboa”. A visão da escritora sobre Lisboa sintetiza-se na ideia de uma “cidade encantada” e

de dívida externa, comprometimento com o Fundo Monetário Internacional, crises internas e extrema dificuldade social no Brasil de então.

4 Registem-se os seguintes países, além de Portugal: Estados Unidos da América, México, Porto Rico, Peru, Uruguai, Argentina, Índia, Goa, Espanha, Itália, França, Bélgica, Holanda, Grécia e Israel. Alguns visitados mais de uma vez.

5 Cecilia Meireles contribuiu especialmente para os jornais brasileiros *Diário de Notícias*, até 1930, e *A Nação*, a partir de 1931, além de outros periódicos nacionais com *A Noite*, *Folha de São Paulo* e estrangeiros.

6 Aproveito afirmação de Merleau-Ponty em seu “O olho e o espírito”, 1997: “O olho é aquilo que foi comovido por um certo impacto do mundo e que o restitui ao visível pelos traços da mão.” (p.263).

7 Foram publicadas em jornais brasileiros na década de cinquenta.

não à toa o texto evocatório é uma descrição extremamente poética de uma cidade envolvente por sua beleza e por toda sua história. Todo o texto explora ao máximo uma visão plástica daquela paisagem que lhe surge aos olhos como a verdadeira descoberta de um espaço mágico.

Acordas num lugar de brumas: brumas azuis e cor-de-rosa. Não tens certeza do céu, mas sentes em redor de ti um arejado bocejo de água. Dizem-te: LISBOA. Não podes ainda a ver claramente. São tudo espumas de aurora. Mas de repente o sol atrai certa uma chispa de ouro. E sentes um brilho súbito de nácar descoberto. Repetem-te: LISBOA. Percebes à eira do rio aquele caramujo enrodilhado, que vai ficando cintilante, poliédrico, de ouro, de vidro, de límpido e húmido azulejo. É um caramujo quieto, a cuja sombra o rio inventa e desmancha líquidos jardins de muitas cores. É um caramujo de outros tempos, que escutou muitas fábulas, que guarda dentro de si uma vasta memória marinha e em seus dédalos interiores, de sucessivos espelhos, vê passarem reis, cortejos, martírios, intermináveis navegações. (4)

Toda a evocação explora a paisagem lisboeta a partir de uma perspectiva espiritualista que atravessa ruas, casas, monumentos, gentes, construindo um quadro vívido de cores, de volumes, de luz e leveza, pelo céu e pela água, das fontes e do rio, configurando-se o imaginário de uma terra de «destino épico» (11). A escrita sobre Lisboa se configura de forma bastante lírica, transformando-se todos os seus elementos objetivos e materiais em motivos poéticos que mesclam o presente simples da cidade com o passado glorioso das navegações. Lisboa surge aí como paisagem de sensações, de histórias, de memórias, uma imagem de pedras, água e céu.

Tens vontade de estar em todas as varandas, de olhar a paisagem por todas as suas curvas, de avistar os caminhos que desaparecem longe de ti. Que está para acontecer? A quem esperas? Tens vontade de ficar agarrado a esse caramujo de nácar, de percorrer sem descanso os seus recessos, - e ao mesmo tempo sentes o rio... - ah, o rio... - e tens vontade de partir, de descer pela onda azul que vai baixando, degrau por degrau, até a praça rumorosa do oceano... Vontade de partir para tornar a voltar. É quando avistas as gaivotas que sobem tão lías, com seu peito de alabastro, suas asas finamente lavradas, e vão atrás dos navios, loucas pela distância que se vai alongando, e na qual penetram certas e altivas, sem se esquecerem de onde partem, por mais longe que se aventurem.

Se lhes perguntares onde irão pousar, depois de terem visto o mundo, as viagens, o ar sem termo, a largueza da água, responderão: "Em LISBOA". Em Lisboa. E elas não sabem porque. Tu também não o sabes, não entendes. Ficas apenas extasiado. (12)

Já nas crônicas publicadas ao longo dos anos cinquenta, o espiritualismo será equilibrado com uma descrição mais objetiva e mais concreta dos espaços visitados e das experiências de viagem. Mas a escrita em prosa de Cecília Meireles é extremamente sensorial e é pelos sentidos que apreende o mundo. Nessas crônicas a respeito de Lisboa ou de lugares próximos à capital, a visão é o sentido mais recorrente para estabelecer as imagens necessárias para articulação de uma paisagem que significa para a escritora uma memória cultural e uma memória afetiva. Lisboa surge em seus textos, portanto, como espaço de um passado de glórias, pleno de memória, o testemunho de muitas aventuras e ela própria, a cidade de colinas e ao longo do Tejo, é uma narrativa espalhada para muitos outros destinos por aqueles que viveram a aventura marítima nos séculos XV e XVI e pelos milhares de imigrantes que nos séculos XIX e XX partiram para o Brasil e lá absorveram outras realidades e outras paisagens.

[...] pode-se caminhar pela velha Lisboa, que é ainda a que eu mais amo, embora sejam muito bonitos estes bairros que vão surgindo, com janelas sobre janelas, como, outrora, azulejo sobre azulejo, tudo muito clarinho, muito inocente, muito festivo, azul, cor-de-rosa, amarelo, verde, branco.

Eu gosto é dos chafarizes, dos lampiões, de certas perspectivas, de certas portas, de certas pedras. E do Tejo. O Tejo com seus barquinhos é uma coisa linda de olhar, seja de um lado, seja do outro, seja do céu, - quando se vêem as ondas desenhadas uma a uma como trança desmanchada de sereia.[...] (92-3)

A Lisboa da poeta concentra-se na parte mais antiga da cidade e revela-se em suas ruas, nas construções e em seus habitantes cotidianos. Seu olhar cobre tudo com máxima atenção e sensibilidade, transformando o outro num ponto de encontro de si própria à medida que vai reencontrando também a sua brasilidade. O leitor sai de suas crônicas com um imaginário lisboeta fortalecido e mergulhado em simplicidade, tradição e afeto. Ratifica-se, em suas crônicas, uma ideia romântica de Portugal, o mais velho, o mais simples, o mais puro guardião da memória de navegantes, de desbravadores, que possibilitaram a jovem nação brasileira do outro lado do Atlântico.

[...] Quem gosta de mim deixa-me ver o Tejo azul, e ouvir esta algaravia das crianças pelas ladeiras, e amar longamente o Castelo de São Jorge, e pensar que as coisas melhores do mundo estão sempre num plano mais alto, como sabiamente o acreditavam aqueles que outrora escolhiam para o seu culto o cimo dos montes. Entre a Mouraria e a Alfama que outra coisa fazer senão recordar as figuras

que por aqui passaram, e não somente as famosas, mas também as anônimas, personagens de um cenário hoje reduzido a estas emaranhadas ruelas, que o sol pinta de cor-de-rosa, e por onde a brisa vai movendo as roupas estendidas, a florzinha da janela, os cabelos soltos das meninas, os bigodes dos gatos...

Quem gosta de mim, em Lisboa, leva-me à tardinha para Queluz, onde me encanta mirar os espelhos d'água do jardim, e os bosques, e os azulejos; onde me praz ter saudades de Dona Maria I, tão infeliz, na sua vida, mas tão bonita na sua estátua. [...]

Quem gosta de mim contente-me pensar no Brasil de Dona Maria I, ao lançar os olhos sobre esta serena tarde de Queluz; consente-me não perder de vista os tristes inconfidentes de Minas, no século XVIII; e, de volta ao coração de Lisboa, leva-me para os lados do Carmo, porque eu desejo rever um lugar esquecido, - mas, para um brasileiro emocionante.[...] (101)

A visão de Cecília vai selecionando elementos da paisagem que possam contribuir para a articulação dessa narratividade e é um Portugal lírico que se ergue de suas crônicas, o que não é de estranhar se pensarmos que são textos produzidos na primeira metade do século XX, especificamente num momento em que Portugal estava estagnado no tempo pela ditadura salazarista e que o Brasil vivia a ideia de futuro, de transformação do país. Nesse sentido, é importante notar a linguagem que Cecília Meireles utiliza na descrição de espaços portugueses. Para além de um descritivismo em que impera um mosaico de cores, o uso do sufixo diminutivo “inho” é muito constante, como traço de forte afetuosidade, mas também revelador de um olhar que vê em Portugal um recanto pequeno de língua portuguesa cheio de tradição, uma espécie de relicário, em relação à sua experiência de brasileira em largos espaços. Encanta também à poeta os nomes das aldeias e outras cidades portuguesas, como se a nomeação do mundo fosse um ato encantatório.

[...] Mas Portugal está bordado de palavras surpreendentes. Não é só, aqui, Fornos de Agodres, mas, ali, Freixo de Espada à Cinta; do outro lado, Santa Comba Dão; lá para cima, Carrazeda de Ansiães...E estes lugares de sonho que se chamam: Barca d'Alva, Ervas Tenras, Vale de Prazeres, Portela do Vento, Penhas Douradas, Rio de Moinhos...Há mesmo um lugar fabuloso que se chama Alfândega da Fé! E o que ão daríamos para ficar conversando sobre esses nomes, viajando por dentro das palavras, na paisagem do tempo, muitas vezes mais bela que a paisagem do espaço! (96)

Isso aqui não é o Brasil não

Da Lisboa de Cecília Meireles a Lisboa de Luiz Ruffato, há a distância de mais de cinquenta anos. Bem contrastante é a cidade portuguesa experimentada pelos personagens do livro *Estive em Lisboa e lembrei de você*, publicado muito recentemente, 2009, com uma perspectiva social e crítica que resulta de outra experiência das realidades brasileira e portuguesa contemporâneas, como também de outra problematização da relação de alteridade. Não à toa a epígrafe escolhida para abrir a narrativa: um poema de Miguel Torga, outrora um jovem emigrante que, no Brasil, trabalhou e sofreu até retornar à sua terra.

Brasil onde vivi, Brasil onde penei,
 Brasil dos meus assombros de menino:
 Há quanto tempo já que te deixei,
 Cais do lado de lá do meu destino!
 [...]

 Ah, desterro do rosto em cada face,
 Tristeza dum regaço repartido!
 Antes o desespero naufragasse
 Entre o chão encontrado e o chão perdido.

Ruffato, como já afirmou em entrevistas, interessa-se expressamente pelo trabalhador urbano, pelas periferias, por personagens da classe média baixa, com seus projetos de vida e suas decepções, derrotas e desencontros sociais. A luta pela sobrevivência num cotidiano de cidade indiferente, experiência que vivenciou em sua juventude, também mineiro⁸ pobre que foi tentar a vida na grande capital, São Paulo, marcou permanentemente sua perspectiva de mundo e sua escrita.

A história de *Estive em Lisboa e lembrei de você* é bastante simples na sua organização em somente 83 páginas: trata-se do “testemunho” de um brasileiro, um mineiro, o qual, por sugestão do amigo português, Seu Oliveira, dono do bar e também um emigrante no seu tempo de jovem, resolve tentar vida na Europa, via Portugal, pela facilidade de língua. Esse mineiro, portanto, assume a primeira pessoa, em tom de conversa informal, descompromissada, para fazer seu memorial, um balanço de momentos e experiências de vida. Registra-se com vivacidade o linguajar mineiro interiorano do dia a dia, o português “brasileiro” dos mais simples, dos menos escolarizados, que une os personagens nas suas pequenas alegrias e constantes carências de vida. Seguindo uma cronologia muito definida, acompanhamos, na primeira parte da

8 Como o protagonista do livro aqui examinado, Ruffato nasceu em Minas Gerais, na cidade de Cataguases.

narrativa, a vida de Sérgio de Souza Sampaio, o “Serginho”, em Cataguases, Minas Gerais, antes da viagem para Portugal, suas indecisões, seus planos abortados, suas ações concretas para mudar de vida, depois de um casamento fracassado e de um filho a sustentar.

[...] Assim, um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pinguços no Beira Bar, mencionei, meio impensado, quando me perguntaram “O quê você vai fazer da vida agora, ô Serginho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo, até mesmo ele voltava, “O movimento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, [...] (25-6)

O tal mineiro tem de Portugal apenas imagens clichês, um conhecimento reduzido à mera referência nas aulas de História do Brasil dos tempos de colégio ou nas conversas do português, dono do bar que ele frequenta, e, portanto, não mantém nenhuma relação de afetividade com esse espaço que lhe é estranho e distante. É um homem jovem, nascido em 1969, simples e comum, “uma pessoa de natural calmo, cordato, civilizado” (p.15), de escolaridade média, sem formação profissional específica e um derrotado socialmente no ambiente de sua cidade natal provinciana, da qual nunca havia saído, com exceção de um passeio, quando garoto, no Rio de Janeiro, o lugar da admiração e encantamento. No entanto, animado pelo amigo português, o Oliveira, entusiasma-se com o projeto de emigrar e com a lisonja que vai recebendo dos conhecidos quando sabem que ele vai para fora, ganhar em euros, viajar, viver aventuras, tornando-se o orgulho da pequena cidade. Finalmente, após muitas dificuldades para concretizar o projeto, viaja, e será sobre sua experiência de imigrante em Lisboa que a segunda parte da narrativa se construirá, problematizando de forma irônica e, por vezes, com passagens cômicas, a questão da alteridade, da identidade de periferia, da existência em crise econômica, o que resulta em demandas a sufocar os sujeitos- exilados da sociedade de consumo.

A relação do protagonista com Lisboa não é, portanto, de um turista ou de um artista, mas de alguém que precisa sobreviver num espaço que não lhe pertence, que lhe é desconhecido e mesmo hostil. O seu olhar inicial é de desencontro e de incompreensão.

Passsei dormindo meu primeiro dia em Portugal, debaixo das cobertas no Hotel do

Vizeu, na Madragoa, um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em xailes⁹ pretos, velhos de boinas de lã subindo-descendo devagar o ladeirame, sem ar, escorados nas paredes, gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa, cheia de macacoa, vista fraca, junta dolorida, dente molengo, perna inchada, e assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação, e, quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema, pensei comigo que ele não devia estar bem dos bofes, mas toquei pra frente, [...] (39)

Se acompanhamos progressivamente as ações do personagem para encontrar emprego, ter algum dinheiro para viver em Lisboa, acompanhamos também sua vontade de penetrar no espaço do outro e as impossibilidades cotidianas. A narrativa inteligentemente mostra como a paisagem urbana é um elemento de conhecimento e de reconhecimento de identidade, mas também como a linguagem é uma paisagem, pois articulação de espaços, de sentidos, de experiências, de habitação. Assim, à medida que o personagem vai penetrando nos espaços da cidade, vai aprendendo a ler os bairros, a encontrar as ruas, também vai escutando as histórias dos outros, dos seus conhecidos portugueses que partilham a pensão barata, absorvendo a linguagem deles, o que vai possibilitar paulatinamente a compreensão dos lugares sociais de cada um, as dificuldades também existentes entre eles, o português ex-emigrante do Brasil, o retornado de África, o dono da hospedaria medíocre, o dono da tasca onde começa a trabalhar como garçom e de onde será despedido tempos depois, os sujeitos que se aproveitam da miséria dos emigrantes.

Longe do tratamento lírico dado a Lisboa por Cecília Meireles, a cidade aparece ao leitor dessa narrativa na sua realidade banal cotidiana, na sua urbanidade indiferente ou agressiva, e os lugares turísticos se revelam belas ilusões, paraísos artificiais aos olhares daqueles que não se enganam com eles, pois precisam criar raízes num espaço que não é seu, precisando de trabalho para dormir e comer, lutando por sobreviver. Ao longo dessa segunda parte da narrativa, o leitor acompanha o narrador andarilho metendo-se por ruas, ladeiras, becos, perdendo-se na cidade estrangeira a seus olhos, vivendo num residencial medíocre, percebendo cada vez mais fortemente a distância social

⁹ A partir desse momento, todo o léxico português não usual para os ouvidos brasileiros é marcado originalmente em negrito na narrativa. Com o desenrolar do livro ou a passagem de tempo na vida do protagonista, vai aumentando a presença desses "lusitanismos" na fala. Veremos o sentido disso mais adiante.

entre ele e os turistas.

Então, pra fazer hora, zanzei ao léu da rua da Rosa ao Elevador da Bica, descí a rua do Loreto esbarrando num e noutro rumo à praça Camões, invejoso, admirei de longe a turistada no largo do Chiado, aformosados, numa algazarra de coleirinhos em viveiro, e, desgostoso, subi pela calçada estreita da rua da Misericórdia até estacar, repentino, na frente da igreja de São Roque, uma aflição no peito, uma mágoa empedrada, [...] (53)

A todo momento o protagonista passa por situações de estranhamento e de deslocamento, de humilhações e desilusões, dando-lhe a ideia de não pertencimento à paisagem e aumentando seu mal-estar e sua sensação de fracasso. Ao mesmo tempo, imerso na língua do outro, igual e diferente simultaneamente, começa a encontrar uma forma de trânsito entre realidades diferentes e de compreensão de sua situação de emigrante brasileiro, excluído, desconsiderado. À medida que o tempo passa, o protagonista vai articulando outra forma de afeto com Lisboa como se fosse uma cidade-mulher desconhecida com a qual vai conversando, encontrando-se, e o afeto vai surgindo misturado com a consciência dos defeitos e dos problemas. Nisso é ajudado por uma figura feminina brasileira, igualmente emigrante, uma prostituta em Lisboa, com a qual vai definindo uma relação de amizade ou de necessidade amorosa, seres carentes que são. Com ela, penetra na cidade finalmente, visita seus recantos, aprende seus segredos.

Lisboa *cheira*¹⁰ sardinha no calor e castanha assada no frio, descobri isso revirando a cidade de cabeça-para-baixo, de metro, de eléctrico, de autocarro, de comboio, de a-pé, sozinho ou ladeado pela Sheila. Com ela de-guia, visitamos um monte de sítos bestiais, o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa, Belém (para comer *pastel*), o Padrão dos Descobrimentos e o Aquário, na estação Oriente, um negócio onde o sujeito enlabyrinthado em um nunca-acabar de peixe, uns baitas de tubarões e arraias [...] (67)

É bastante interessante o modo como as expressões portuguesas vão, paulatinamente, avolumando-se e soando menos estranhas na fala do brasileiro, como se, progressivamente, o domínio da língua do outro fosse também a conquista de um espaço social, mas o tempo todo a narrativa confronta a alteridade, o fora-de-lugar, os ex-cêntricos, experiência de ser e estar na diferença, por isso os negritos, as marcações de diferença.

¹⁰ Itálico no original.

O protagonista, para ajudar a amiga Sheila, põe seu passaporte como fiança de um empréstimo num agiota e, como era de esperar, acaba percebendo a cilada em que caiu. Também vem a perder o emprego de garçom no restaurante, preterido por um outro emigrante do leste-europeu, «Não te ofendas, pá, os fregueses preferem ser atendidos por um gajo louro de olhos azuis, [...]» (81). Seis anos depois de sua chegada a Lisboa, e já ao final da narrativa, Sergio ocupa «uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora.» (83). A narrativa termina com uma integração àquela sociedade de periferia de forma curiosa: «E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de SG, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar.»¹¹ (83).

A Lisboa de Luiz Ruffato é uma cartografia social, uma paisagem urbana em deslocamento (muito caminha o protagonista nas ruas lisboetas), memória contemporânea de crise econômica e consequente dificuldade para viver que muitos brasileiros conheceram nos anos oitenta e noventa: «O Rodolfo avivou a conversa, 'Nós estamos lascados, Serginho', aqui em Portugal não somos nada, 'Nem nomes tempo', somos *os brasileiros*, 'É o que a gente é no Brasil?', nada também, somos *os outros*, [...]» e é também uma interessante abordagem da alteridade no âmbito de uma cultura aparentemente semelhante, já que sustentada por uma língua em comum. É exatamente aprendendo a transitar na língua comum / na língua diferente, que esse sujeito vai experimentar alguma forma de reencontro com sua identidade brasileira e alguma possibilidade de integração numa vivência cultural outra.

Luiz Ruffato confessa-se leitor apaixonado de Cecília Meireiles. De versos da poeta tirou, por exemplo, o título de seu livro mais premiado, *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001). No entanto, bem afastados no tempo, lançam olhares brasileiros muito diferentes sobre Lisboa. Um ponto de encontro? Talvez sejam dialogantes nessa relação intrínseca que há entre Brasil e Portugal, espaços tão diversos, tão distantes, mas componentes ambos de um imaginário de língua portuguesa em permanente estado de mudança, de viagem.

¹¹ No início da história, o personagem relata o que fez para parar de fumar. Quando chega a Lisboa, após um tempo, cheio de problemas, a saudade perseguindo, pensa em voltar a fumar, mas a voz do médico que o tratava vem aos seus ouvidos e detém a vontade do cigarro. Seis anos depois, o gesto de fumar é a rendição à saudade mas também a inserção na vida cotidiana, nos hábitos locais, se considerarmos como a presença do fumo é recorrente nos hábitos portugueses.

Referências bibliográficas

Collot, Michel (2005). *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti.

Ruffato, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras.

Meireles, Cecília (1999). *Apresentação e planejamento editorial de Leodegário de Azevedo Filho. Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____ (1948). "Evocação lírica de Lisboa". Separata do n. 6 da Revista Atlântico (Nova Série).

Merleau-Ponty, Maurice (1997). "O olho e o espírito". In: DUARTE, Rodrigo (org. e sel.). *O belo autônomo textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: UFMG.

Roger, Alain (1997). *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard.

Ida Alves é Professora de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense - UFF, desde 1993. É Coordenadora do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana - NEPA UFF e co-coordenadora do Grupo de Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, registrado na UFF / CNPq, Brasil.

Vivências cabo-verdianas de Lisboa

Ângela Pardelha

Como olha aquele que está longe da sua terra natal? Como descreve espaços que não são os seus? Que sentimentos moram nessa descrição? Quando se reflecte sobre a relação que um estrangeiro estabelece com o local onde se encontra, estas são as primeiras e mais espontâneas questões.

Partindo da leitura comparativa das obras *Dona Pura e os Camaradas de Abril* (1999), de Germano Almeida e *A Verdade de Chindo Luz* (2006) de Joaquim Arena, pretendemos analisar em que condições se processa a construção desta relação e o que distingue as representações formadas pelos dois autores, já que ambos têm em comum a nacionalidade cabo-verdiana e, conseqüentemente, um património cultural que não terá deixado de influenciar as suas representações e vivências posteriores, funcionando como eixo de significação primordial. Encontraremos um padrão no olhar cabo-verdiano sobre a cidade de Lisboa? Ou ambas as representações funcionam de modo autónomo, completamente desligadas desse referencial?

Como ponto prévio, deve salientar-se que nenhuma das obras em análise confere especial relevância aos momentos de descrição de paisagens. Não existem descrições demoradas, minudentes e, de um modo geral, os raros momentos de contemplação têm lugar quando se assiste à modificação de um estado de coisas anterior, em virtude da acção (no caso de Germano Almeida) ou do tempo (no caso de Joaquim Arena).

Mas conheçamos as histórias.

Dona Pura e os Camaradas de Abril nasce a pedido da Editorial Caminho como forma de assinalar o 25º aniversário da Revolução de Abril. No âmbito das comemorações, vários escritores são convidados a visitar e a escrever sobre este momento da história de Portugal. Condicionado por esta circunstância, Germano Almeida dá voz, na sua obra, a um antigo estudante de Direito cabo-verdiano que, 25 anos depois da Revolução, recorda a sua juventude em Lisboa e esse dia de Abril, por tantos aguardado. Ao circular por Lisboa, procurando a Revolução em cada canto, o narrador e protagonista desenha, diante dos nossos olhos, a geografia dos movimentos militares e os passos de um povo em euforia. A capital transforma-se num espaço de alegria mas também de amor, quando se apaixona por Susana, uma jovem portuguesa,

filha de D. Pura, a senhora cabo-verdiana dona da pensão onde está alojado. O país-natal do narrador torna-se então verdadeiramente omnipresente, pois permanece na sua vida quotidiana e nas inúmeras lembranças que convoca a todo o momento. Susana apressará o seu regresso, impelida pela necessidade de conhecer o espaço onde sente radicar a sua personalidade e que vive nas suas palavras e na representação que lhe chega feita por sua mãe. A atitude optimista e o tom bem-humorado de Germano Almeida contrastam em absoluto com o do autor de *A Verdade de Chindo Luz*. Com efeito, o estilo não poderia ser outro, porquanto o enredo consiste, essencialmente, na investigação em torno de uma morte. Graças a um poderoso carisma e à custa da fábula que concebe para mascarar a sua verdadeira vida, Chindo Luz, um filho de emigrantes cabo-verdianos residente em Lisboa, vence um *reality show* e torna-se vedeta televisiva. O seu súbito desaparecimento, no auge da fama, é incompreensível para o grande público e, sobretudo, para a sua família modesta. Outras circunstâncias, não menos obscuras, cercam a morte de Chindo e levam Baldo, o seu irmão mais novo, a iniciar uma investigação sobre o sucedido. Porém, ela não resultará apenas na clarificação dos contornos do suicídio em causa, mas antes motivará um valioso processo de descoberta da identidade individual e cultural de Baldo.

Paralelamente, Joaquim Arena traça o retrato de um certo Portugal, o do pós-25 de Abril, o dos bairros da periferia da cidade e, para muitas comunidades de imigrantes, o único conhecido.

Aparentemente, poucas coisas ligam as duas obras. Todavia, é possível afirmar que a acção de ambas, de um ponto de vista cronológico, se completa: Germano Almeida tece a sua ficção em torno de um acontecimento histórico – o 25 de Abril de 1974 – e as informações que nos fornece sobre o período posterior são referentes, exclusivamente, à realidade cabo-verdiana (as suas principais personagens regressam a Cabo Verde depois da Revolução); Joaquim Arena, por sua vez, dá conta de como as comunidades imigrantes provenientes das ilhas viveram os anos que se seguiram ao golpe militar e em que sentido a cidade de Lisboa evoluiu nos últimos 30 anos.

Por outro lado, os espaços que um e outro focam, ao serem diametralmente opostos, acabam por quase abraçar Lisboa na sua plenitude. Não fosse a distância temporal que separa a acção de ambas as narrativas, poder-se-ia dizer que as paisagens seleccionadas por estes autores se complementam: Germano Almeida faz o seu narrador autodiegético deambular

pelo centro de Lisboa – Rossio, Restauradores, Largo do Rato, Príncipe Real, Praça do Comércio – e por uma zona mais ocidental – Campo de Ourique e Jardim da Estrela -, ao passo que Joaquim Arena olha para os bairros da orla oriental da capital que, apesar de estarem dentro dos limites municipais, não se enquadravam, à data, na categoria de *cidade* pelas condições de vida manifestamente inferiores que ofereciam.

Vejamos que Lisboa pintam.

O passeio por Lisboa desenhado por Germano Almeida é coisa para deixar o leitor ‘extenuado’. Espaços distintos sucedem-se a uma velocidade considerável, quase nos levando a experimentar a mesma ânsia do narrador, desejoso de ver «como se derruba um regime» (*Dona Pura*, 78). A maioria das descrições tem lugar no dia do golpe militar. E o que o leitor acompanha não é tanto uma contemplação cuidada de diferentes paisagens, mas antes um percurso que começa em Campo de Ourique, na pensão onde vive, na manhã do dia 25 de Abril de 1974, e que tem como destino inicial o Largo do Rato. A completa ausência de agitação popular fá-lo cirandar pela zona, passando pela Faculdade de Ciências¹, até chegar à Assembleia da República, local para onde redirige as suas expectativas. Depois de um breve momento de frustração, durante o qual assume «não conhecer a cidade de Lisboa» (*Dona Pura*, 82), e de uma pausa para almoço, a segunda tentativa revelar-se-á mais frutuosa e, então sim, começa a traçar-se uma geografia da Revolução, não só pela alusão a acontecimentos que se desenrolam no Terreiro do Paço, como também pelo acompanhamento *in loco* da intervenção militar no Largo do Carmo.

Outras deambulações terão lugar, nos dias seguintes. Mas não passam disso mesmo: de simples deslocações, de alusões a lugares. O autor privilegia o desenvolvimento rápido da acção, demorando-se pouco com pormenores espaciais. Contudo, uma descrição merece destaque, pela sua extensão e conteúdo. Trata-se de um dos poucos momentos em que o narrador pára e observa: descreve a bela paisagem humana que tomou conta de Lisboa no primeiro Dia do Trabalhador depois da Revolução de Abril. Assim, observa a multidão que sai das ruas e becos e entra na Avenida da Liberdade e daí caminha em direcção ao Rossio, com cartazes nas mãos e a «felicidade estampada no rosto» (*Dona Pura*, 156). O narrador, tomado pela emoção, congratula-se por presenciar tão bonito quadro e torna-o imagem do sentimento que então experimenta: a alegria provocada pela materialização de um ideal.

¹ A Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa funcionou, até 1985, nas instalações da antiga Escola Politécnica de Lisboa, sendo então transferida para a Cidade Universitária, onde se mantém.

A Lisboa de Joaquim Arena é muito diferente da de Germano Almeida. Opõe-se-lhe geograficamente (a acção decorre sobretudo na zona oriental da cidade) e as descrições são em menor número. O autor representa a Lisboa do período pós-colonial, a vida das comunidades imigrantes nos bairros da periferia. Pinta a *não-cidade*: os seus bairros esquecidos, a acumulação de complexos industriais, a ausência de liceus, a multiplicação desordenada de construções metálicas, a paisagem lúgubre e fétida.

Raramente se assiste a incursões na zona central da capital. Há, no entanto, uma curiosa coincidência com a obra de Germano Almeida. Também em *A Verdade de Chindo Luz* se contemplará, ainda que com um pouco mais de solenidade, o Palácio da Assembleia da República, que surpreende pela sua imponência e a partir do qual se conclui acerca da superioridade da cidade de Lisboa, quando comparada com Mindelo.

Aproxima-os ainda o diálogo permanente que estabelecem entre Lisboa e Cabo Verde. A reflexão sobre a questão da nacionalidade, da construção da identidade pessoal como algo indissociável de um património cultural específico, perpassa os dois enredos, embora de modo distinto.

Em *Dona Pura e os Camaradas de Abril* a premência desta reflexão pode ser justificada pela temática da obra, pelo momento cronológico em que se desenvolve a acção. Recorrendo a uma analepse, o autor situa a acção principal no período de transição da Ditadura para a Democracia e no momento em que as então colónias portuguesas ascendem à categoria de nações livres e independentes. Assim, nesta obra, o conjunto de avaliações políticas e metapolíticas que tem lugar compreende-se à luz do contexto e do discurso do poder que marcava este momento histórico. Trata-se, por isso, de uma análise premeditada e quase obrigatória.

A opinião do narrador colidirá muitas vezes com a do seu primo Natal no que se refere ao entendimento da nacionalidade cabo-verdiana:

Duplas, só *whiskies*, digo-lhe, nessas coisas não pode haver duplicidade, a nacionalidade é uma das principais maneiras de um homem revelar a sua identidade, acredito que não seja por acaso que nascemos num lugar e não noutra. Ele [Natal] continua a rir-se de mim, diz que sou maluco, que neste momento mais de 95% dos cabo-verdianos daria o cu e cinco tostões para ter a nacionalidade portuguesa (...) (63)

Todavia, a reflexão em torno desta questão superará largamente o mero âmbito de definição de uma posição ideológica ou política. A personagem de Susana, filha de pai italiano e de mãe cabo-verdiana, servirá ao autor para

diagnosticar e caracterizar a inquietação sentida por aqueles que não conhecem as suas origens (neste caso, africanas) e a importância que este conhecimento assume na definição da identidade individual: Cabo-Verde tem de ser *vivido*. Não bastam leituras, opiniões alheias ou qualquer outra forma indirecta de contacto.

Susana tinha nascido em Lisboa, assumia-se e comportava-se como portuguesa, mas era evidente que tinha problemas de identificação. Certa vez disse-me que através de livros e leituras sabia que herança siciliana tinha recebido do pai, mas que ainda não tinha conseguido clarificar o papel que Cabo Verde representava na sua vida. E ele tem que ter algum papel?, perguntei-lhe rindo porque não entendia aquela preocupação, nunca me tinha passado pela cabeça questionar a origem dos meus ancestrais. (169)

O leitor acompanhará, assim, o processo de descoberta das raízes e da identidade de Susana e, no final, encontrá-la-á feliz e realizada em Cabo Verde.

Só comecei a entender o que isso significava para ela quando lhe entreguei uma enorme lista de artigos que considerava essenciais ela trazer. Ela leu até ao fim e depois rasgou o papel em pedacinhos pequeninos e atirou-os ao caixote do lixo. Antes de nós já há gente a viver em Cabo Verde, disse, vamos ter de aprender a viver como eles vivem, não podemos é tentar transferir Lisboa para lá porque assim nunca teremos paz. (64)

A forma como Joaquim Arena trabalha o mesmo tema é diferente. Não há, no enredo, qualquer tipo de condicionalismo histórico-temporal que exija a reflexão sobre a questão da nacionalidade cabo-verdiana ou um posicionamento absoluto sobre o assunto. No entanto, e uma vez que a narrativa ainda toca o período subsequente à Revolução de Abril, assinala-se uma curiosa coincidência entre a posição da mãe de Baldo, D. Nitinha, e a que Natal, personagem de *Dona Pura e os Camaradas de Abril*, manifesta sobre esta matéria.

A ambiguidade do seu sentido patriótico começava a manifestar-se por esta altura. Talvez fosse a influência imediata da Revolução dos Cravos, de que ela tanto se orgulhava. Comovia-se também com as marchas, o hino e os símbolos nacionais portugueses, que invadiam a televisão a toda a hora. No entanto, ajustava sempre, no final, uma referência carinhosa às ilhas – um prefixo indispensável -, qual desagravo às suas raízes crioulas. Isto apesar de a independência das ilhas ter sido coisa que ela e muitos cabo-verdianos, na Europa, nunca entenderam muito bem. “Independentes para quê?”, perguntavam. “Para passarem mais fome?” (48)

As considerações políticas não constituem, assim, o foco do romance. Para Baldo, a necessidade de recuperar as origens da sua família surge, tal como para Susana, de modo inconsciente, involuntário mas como condição indispensável para a compreensão do seu lugar na família e na sociedade e para a definição de um projecto de vida.

Deste modo, nem um nem outro ignoram a presença constante de elementos cabo-verdianos nas suas vidas, tais como a gastronomia ou o crioulo. Em *A Verdade de Chindo Luz*, o desejo de viver África faz até com que um conjunto de personagens se reúna com o propósito de partilhar uma mesma “paisagem africana”, aquela que mora nas suas lembranças e que se materializa em estados de espírito únicos. O grupo que formam chama-se “Caravana da Felicidade”

Aos poucos, Baldo foi entrando naquele mundo, onde tudo era vivido a um ritmo avassalador. Cada tarde, cada noite, cada festa, era como se fosse a última. Nutriam-se, ao mesmo tempo, de uma nostalgia comum. A África estava presente em tudo o que faziam: nas conversas, nos passeios, nos almoços, jantares, festas. (95)

Conclui-se que em ambas as obras, embora se estabeleça um mesmo diálogo entre dois espaços distintos – Lisboa e Cabo-Verde – e se opte deliberadamente por reivindicar a importância do conhecimento das raízes e das tradições culturais para o sentimento de identidade e pertença por parte de filhos de emigrantes (Susana e Baldo), não se percebe nenhum padrão cabo-verdiano a modelar, de modo inequívoco, a *percepção* da paisagem lisboeta. Ela não é lida ou reproduzida em função de parâmetros privativos ou sob a forma de uma comparação constante. No entanto, a ambiência das ilhas não deixa nunca de ser recriada, lembrada, interiorizada, originando um modo de ser e sentir único, esse sim estreitamente relacionado com o local de onde provém.

Finalmente, uma última reflexão sobre com o sentimento que subjaz às descrições que Germano Almeida e Joaquim Arena fazem da cidade de Lisboa. Se acreditarmos, como é consensual, que a forma como perspectivamos uma mesma paisagem depende do significado vivencial que ela assume e das expectativas que inspira, o tom mais optimista do primeiro pode justificar-se em virtude do momento histórico que evoca, pleno de ambições, de projectos, de sonhos. Ao contrário, a Lisboa do segundo é já a cidade do desencanto, das esperanças goradas, da desilusão.

Entre a paisagem real e a paisagem literária existe um intermediário

que a molda, que talvez nunca lhe seja completamente fiel. Admire-se, porém, essa operação laboriosa através da qual o autor – este intermediário – edifica uma imagem diante dos nossos olhos que, a despeito da sua maior ou menor ligação com a realidade ou do rigor mimético que evidencia, sempre nos impressiona.

Bibliografia

ALMEIDA, Germano, *Dona Pura e os Camaradas de Abril*, Lisboa, Editorial Caminho, 1999

ARENA, Joaquim, *A Verdade de Chindo Luz*, Cruz Quebrada-Dafundo, Oficina do Livro, 2006

Ângela Pardelha é aluna do 3.º ano da licenciatura em Estudos Portugueses, da FCSH-Universidade Nova de Lisboa.

Lisboa de Rolin, Loude e Le Tellier

Ana Isabel Queiroz

Serve de hipótese de trabalho a afirmação de Olivier Rolin, um dos eleitos observadores-escretores das paisagens literárias de Lisboa: «[n]enhuma obra digna deste nome se deixa encerrar num determinismo de território. Ser ‘enraizado’, deixemos isso para as beterrabas» (*Paisagens Originais* 124). Contundente e provocatório, ele lança o leitor no processo de representação literária, ao mesmo tempo que abre a porta para a sua Lisboa, imaginada ou reinventada – em *O Bar da Ressaca* (*Bar des flots noirs* 1987, 1ª edição) e “Lisbon revisited” (texto originalmente publicado no *Le Monde*, Fevereiro de 1989) –, como objecto de estudo. Nessa investigação, submete-se também *Lisboa na cidade negra* de Jean-Yves Loude (*Lisbonne dans la ville noir* 2003, 1ª edição francesa) e *Eléctrico W* (2011) de Hervé Le Tellier. Porquê estes romances? Porque, depois de reflectirem por si sobre a mesma geografia, Rolin, Loude e Le Tellier se encontraram por uns dias no Palácio Belmonte, amparando-se nas muralhas do Castelo de São Jorge e olhando juntos as antigas hortas de Dom Fradique, os telhados de Alfama e as águas do Tejo.

Foi esse o pretexto encontrado para revisitar a cidade e as suas narrativas, arriscar um itinerário comum e forjar um diálogo provável entre eles.

Sobre a paisagem literária

A representação do espaço e dos lugares na literatura constitui um tema recorrente de reflexão. Os escritores, sobretudo os que como Olivier Rolin se exprimem através de geografias, sentem a necessidade de compreender o processo criativo em que são agentes. Paisagem é o conceito que estrutura a obrigatória discussão sobre o papel do sujeito na construção de ideias e imagens do meio envolvente. A percepção é um processo-chave.

A Convenção Europeia da Paisagem define paisagem através de uma narrativa que incorpora elementos objetivos com a subjetividade inerente ao ponto de vista de um sujeito: «[p]aisagem designa uma área, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos» (Artigo 1º a), Decreto nº4/2005, de 14 de Fevereiro). Ainda que ‘enraizada’ em «elementos naturais e culturais», a paisagem resulta da forma como uma área é apreendida (ou percecionada),

sendo, por isso, uma representação dela. Na verdade, ela reescreve a perspetiva holística enunciada há dois séculos por Alexander von Humbolt (1769-1859) e introduz o fundamento para uma política de conservação e valorização: em cada momento, a percepção humana determina a forma como se usam e alteram os elementos da paisagem.

Ser também uma representação ou apenas uma representação, distingue os que pensam a paisagem. Dematteis (1995) isola a paisagem interior a que chama 'símbolo', da paisagem exterior, a que chama 'modelo'. Ao mesmo tempo, reconhece-a alternativamente como 'sujeito' ou produto do Homem, ou como 'objecto' constituído por componentes próprios inter-relacionados. Segundo este autor, da intercepção de dois eixos conceptuais ortogonais – 'símbolo-modelo' e 'sujeito-objecto' – resulta o quadro de referências que orientam as perspetivas de estudo que a paisagem encerra e desencadeia. Ao quadrante 'símbolo-sujeito' corresponde uma perspetiva subjectiva, ao passo que no quadrante 'modelo-objecto' a abordagem é inteiramente objectiva. As aproximações 'símbolo-objecto' e 'modelo-sujeito' correspondem a um compromisso entre o subjectivo e o objectivo na forma de entender a paisagem. Na busca de uma alternativa que concilie perspetivas divergentes, Michel Collot (2011) assume a paisagem como um 'fenómeno', na senda filosófica traçada por Merleau-Ponty: «[p]our échapper à l'alternative entre le construit et le donné, je considérerais donc le paysage comme un *phénomène*, qui n'est ni une pure représentation ni une simple présence, mais le produit de la rencontre entre le monde et un point de vue» (18).

O sujeito que apreende a paisagem, na definição legal acima mencionada apresentado coletivo/plural – «as populações» – converte-se em individual/singular quando o 'fenómeno' se assume artisticamente, e se assina no termo de uma obra. As paisagens literárias, que assim se materializam, são entidades derivadas de 'paisagens originais', «paisagens onde a memória se espraia e descansa» (Rolin, *Paisagens Originais* 9), das quais emerge a criatividade.

Regresse-se ao início. Ao afirmar-se para lá do determinismo do território, Olivier Rolin valoriza a experiência sensível, irracional, que faz a ligação entre o visível e o invisível, o interior e o exterior, componente do processo fenomenológico que, segundo Collot, encontra expressão na literatura: o texto será mesmo «le paysage d'une expérience» (203). O escritor recusa uma correspondência entre o real e a paisagem literária, apartando as suas obras de um processo de ligação permanente à terra (ou ao território), por comparação com o que faz crescer as beterrabas. Se procura libertar a sua escrita do

estigma do decalque, e ele próprio da categoria «dos *travel writers*» (Rolin, “O meu chapéu cinzento” 9), navega o lugar-comum das pequenas geografias, não para tratar do seu sentido banal mas para procurar o bem-estar da experiência partilhada. Porque «uma cidade sem *lugar-comum* seria uma cidade dispersa, absolutamente submetida ao diverso, reduzida a pó, uma cidade invisível (...) há no *lugar-comum* qualquer coisa que participa do princípio, da ordem, do espírito, ou, para ser completamente inequívoco, da alma» (Rolin, “Lisbon revisited” 90). Os lugares-comuns não são, por isso, locais comuns, ainda que numa cidade literária como Lisboa eles nos possam aparecer ligados a artérias ou espaços públicos. Na lista de Olivier Rolin, os lugares-comuns de Lisboa são:

- o poeta Pessoa, «[g]rande lugar comum a evitar»;
- «o primeiro», o fado;
- «o segundo», as sardinhas e o bacalhau;
- «o terceiro», o terramoto de 1755;
- «o quarto», os azulejos,
- «o quinto», a saudade;
- «[t]alvez também os eléctricos» (*idem*).

Busque-se, então, a experiência da paisagem de Lisboa em Rolin, Loude e Le Tellier através das suas obras, iluminada pelos lugares-comuns. É ainda o primeiro que a encaminhará para a geografia literária, através do elogio da cartografia: «Gosto dos mapas das cidades, que são uma maneira ainda um pouco ingénuas, embora agradável, e além disso útil, de fazer com eles textos impressos (...) São os únicos objetos que trago do estrangeiro» (Rolin, “Cidades, livros” 29-30). No mapa da cidade, identificam-se e projetam-se os locais mencionados em cada uma das obras, criando uma materialização possível da matéria deste texto: a paisagem literária. Mas aqui, ao invés de usar um mapa do real para a construção de uma narrativa literária (como Rolin confessa fazer), parte-se dos mapas da cidade reinventada pelos 3 escritores franceses, comparando-os e sobrepondo-os ao território. Jean-Marc Besse (2008, 22) escreveu: «[l]a cartographie aurait donc, indirectement, le pouvoir de mettre en forme la culture à laquelle elle appartient et dont elle traduit par ailleurs les choix et les valeurs». Como ponto de partida para a sua observação, atente-se naquilo que refletem: não o que estes escritores viram mas o que quiseram mostrar e como o quiseram mostrar.

Geografias literárias

***O Bar da Ressaca*, de Oliver Rolin**

Publicado originalmente com o título *Bar des flots noirs* (1987), este romance viaja por Lisboa, Buenos Aires, Praga e Trieste pela mão de um narrador, vagamente envolvido em assuntos diplomáticos – «havia de vez em quando, e mesmo muitas vezes, uns idiotas franceses que era preciso tirar da cadeia, repatriar, casar, sei lá que mais» (85) –, sobretudo perdido em desencontros amorosos. Nesta obra, ele «passa muito tempo a reflectir naquilo que faz e, naturalmente, ainda mais naquilo que não faz» (22). Enreda-se, por exemplo, a contar o encontro de Jorge Luís Borges com Fernando Pessoa:

[U]m dia Rafael levou-me, no Lusitânia-Express, para conhecer alguns dos nossos irmãos vanguardistas em Lisboa: e foi assim que travei conhecimento, no Martinho da Arcada, com Fernando Pessoa. Nessa época eu era um rapaz forte, pesado, e gabava-me de ter ideias progressistas. Fernando, ao contrário, que tinha dez anos mais do que eu, era magro e um bocado reaccionário, como você costuma dizer (86).

O poeta Pessoa, dito lugar-comum a evitar, é citado no ortónimo e nos heterónimos ao longo do texto; ademais, aqui no seu café de eleição, de frente para o rio Tejo:

Para voltar àquele dia de Setembro de 1919, lembro-me perfeitamente, repito-o: é, em suma, o meu segundo nascimento. Tínhamos bebido um ou dois copos, e depois havíamos saído para o Terreiro do Paço, estava um lindo crepúsculo, o Tejo estava cor de violetas, as luzes acendiam-se em frente, do lado de Cacilhas, tínhamos ido até às escadas que mergulham nas águas do rio, e foi aí, face às naus desaparecidas do «pálido Vasco», que acabámos, bastante excitados um e outro, de combinar os últimos detalhes da nossa mistificação: fazer literalmente confluírem, misturarem-se, as águas do mar da palha e as do rio da Prata (88).

O narrador conheceu Amália «num pequeno restaurante de Alfama, num pátio ao fundo de uma estreita passagem que dava para a Rua de São Pedro» (82). Aí «lavava pratos (...) para pagar os estudos: uma falsa criada, que também cantava o fado em tasquinhas mais ou menos turísticas do Bairro Alto. “Fui de viela em viela, Numa delas dei com ela, E quedei-me enfeitado”, lembro-me de a ter ouvido cantar isto num bar da Rua da Atalaia» (82). O segundo lugar-comum, lá está, na cantora (até o nome diz muito!) e na poética reproduzida,

ligando dois bairros igualmente icónicos do fado.

Há ainda outro destacado lugar-comum: o terramoto de 1755. Este está materializado no Convento do Carmo: «Em Lisboa, a igreja do Convento do Carmo lança em direcção aos céus os arcos partidos pelo terramoto, pedras incendiadas à beira do rio escuro. Era aí que eu ia com Amália, antes de ela partir...» (9). Local de atração, impressiona a arquitetura arruinada que se conservou nos últimos 250 anos: «as arcadas partidas do Carmo pareciam unhas enormes cravadas no céu, também, garras a degolar nuvens» (11). A catástrofe que lhe está subjacente é endémica da personagem e vive-se interna e quotidianamente como marca da sua própria existência: «[s]obreviventes de tremores de terra, é o que nós somos. Tremores de terra e tremores de espírito» (12); «às vezes era preciso um tremor de terra ou uma catástrofe do tamanho daquela para eu me dar a conhecer às mulheres que sem dúvida (em minha opinião) estavam dispostas a amar-me...» (71).

O que traz Rolin sobre sardinhas e eléctricos, também lugares-comuns? A descrição da cidade nunca se aparta deles: «calhas brilhantes dos eléctricos a mergulharem em direcção às luzes do Tejo, fumo de sardinhas nas ruelas» (82); «ruas como que cobertas de escamas de sardinhas, o ruído metálico dos eléctricos a percorrer as catenárias que os anunciavam muito tempo antes» (84). E sempre a cidade com o rio, onde a água se alcança no Cais das Colunas – «duas colunas imperiais da Praça do Comércio de Lisboa, degraus que se afundam tranquilamente nas ondas, passagem secreta» (135) –, e que na doca de Alcântara lhe leva a mulher amada, «eis a imagem que guardo da mulher perdida, a “saudade que me agarra...”» (84).

“Lisbon revisited”, de Oliver Rolin

Há nesta crónica uma manifesta revisitação dos lugares-comuns de Lisboa, apropriados pelo escritor na obra anterior, reconhecidos pelo próprio em outros escritores (por exemplo, José Saramago): «regressar a uma cidade, é também regressar aos seus próprios lugares-comuns» (91).

Topografia e ocupação resumem-se na descrição expressiva do seu *genius loci*: «cidade curvada, recurvada, amontoada, enrugada» (89). A cidade é ainda uma «gigantesca sardinha», que dos grelhadores salta para os pavimentos, como já em *O Bar da Ressaca* tinha experimentado, numa reinvenção do lugar-comum: «a única cidade do mundo que eu saiba que é recamada de milhões de escamas brilhantes, esse famoso pequeno empedrado branco e negro, esses empedrados de calcário e basalto que tornam tão bestialmente escorregadias

as ruas em declive, e só Deus sabe a quantidade que há» (90-1).

O poeta Pessoa, afinal lugar-comum sempre convocado, surge metálico no Chiado destruído pelo fogo, mais uma catástrofe de Lisboa, esta recente:

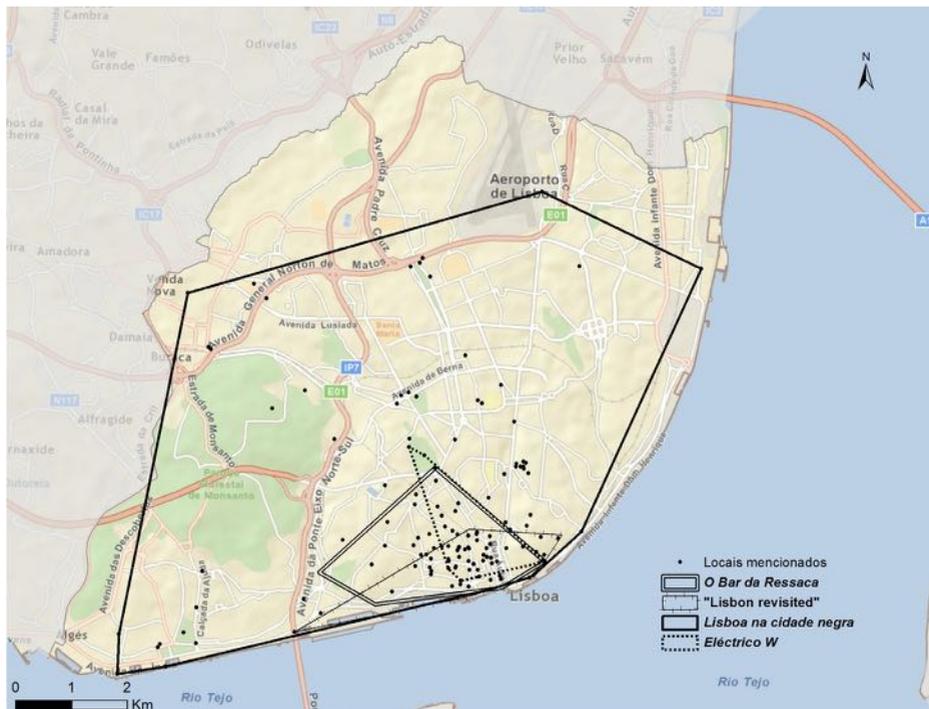
No Chiado, um Pessoa de bronze está sentado no meio dos outros consumidores crepusculares, na esplanada da *Brasileira*. Pernas displicentemente cruzadas, lábio superior um pouco inchado, pequeno bigode à Clark Gable, arvora um ar curiosamente avantajado que não se coaduna com aquele que escreveu “ser descontente é ser homem”. Ele acolhe o visitante à entrada do bairro incendiado no Verão passado (93).

Mas já antes o escritor o aludia discretamente, ainda que com uma importância assinalável, ao falar do «génio modesto – ou ousarei eu dizer pessoano?» da cidade, que consegue «fabricar o infinito com o finito» (91). O Beco do Imaginário, pequena artéria que começa na Calçada de Santo André, não longe do Castelo de São Jorge, lá está para o atestar.

Para a catástrofe icónica, terceiro lugar-comum atrás numerado, Lisboa tem ali perto a Igreja do Carmo, do outro lado do Elevador de Santa Justa: «[a]s suas ogivas recortam um *puzzle* de céu azul, lançam sombras irregulares sobre os jazentes, as pedras tumulares, colunas, cipos e vias sacras de azulejos» (95). Fica também aqui a referência ao quarto lugar-comum, a não esquecer, os azulejos.

Debruçada sobre o rio, esta Lisboa revisitada partilha com a do livro anterior o «dédalo de Alfama, bricabraque de gaiolas de pássaros, roupa estendida, réstias de cebolas, gatos de telhados, pedaços de Tejo, de céu e de pedra entremeados» (89). Do bairro, o escritor olha as muralhas do Castelo de São Jorge e decide-se a trepar. Aprecia os dias com bruma que, deste mirante, esconde «metade do panorama» da cidade: «[d]eixem as coisas vir como lhes apetercer, ao acaso, para descobrirmos tranquilamente, passo a passo, à medida do homem – não somos gaiotas, nem anjos -, seu caos inteligente» (*idem*).

Quando revisita Lisboa, o escritor confina-se, mais ainda que da primeira vez, ao centro da cidade (ver figura), desenhando um “umbigo” que a norte se extingue na Calçada da Glória (não chega a subir a Avenida da Liberdade!). Do rio e sempre das suas margens – chamadas Avenida Infante Dom Henrique, Praça do Comércio, Ribeira das Naus ou Cais do Sodré; do outro lado, Cacilhas (em *O Bar da Ressaca*) e o Cristo-Rei (em “Lisbon revisited”) – é feita a sua reinvenção.



Mapa dos locais de Lisboa e arredores mencionados nas obras de Olivier Rolin, Jean-Yves Loude e Hervé Le Tellier

Lisboa na cidade negra, de Jean-Yves Loude

A presença africana em Lisboa, que constituiu trabalho de investigação de Jean-Yves Loude, etnólogo e escritor, ganha forma de narrativa através de um pretexto ficcional. O livro é um denso roteiro da cidade e da cultura portuguesa, onde pontuam as referências à literatura, ao cinema, à arquitectura, à pintura e à cerâmica, para além de descrições geográficas. Contundente e polémico, transporta uma forte carga política, ao contar a história dos negros da cidade, desde os Descobrimentos até à actualidade. A paisagem literária de Loude é engenhosa e assume um diálogo temporal entre a cidade actual e as cidades de várias épocas, que ora se distinguem, ora se confundem. E neste palimpsesto, não estão menos presentes os lugares-comuns de Lisboa.

Pessoa lugar-comum é ícone cultural, referência na literatura mas também na arte e na história, sobre as quais opinou. A sua palavra ortónima é uma presença que serve de complemento à narrativa principal. As opiniões

do poeta surgem defronte do edifício da Câmara Municipal de Lisboa, que este considerava «um dos mais belos edifícios da cidade» (42), no Cais do Sodré, acerca de Almada Negreiros, um «génio absoluto» (139 e 150) e no Praça do Marquês de Pombal, a propósito da acção do estadista pela «substituição da escravatura pelo Trabalho e pelo Estudo», numa referência à «Lei do Ventre Livre» (172). Na boca de um cauteleiro, ele é «nosso poeta nacional, herói intranquilo mas imóvel» (113). Loude recorre ainda ao conceito pessoano de ‘intranquilidade’ para forjar a sua ideia de ‘inrigror’, aplicada à cidade: «[a]s fachadas não são direitas, os postes de sinalização estão tortos como bêbados, os carros estacionam em dupla fila (...) [u]ma cidade em que a liberdade casa com a negligência alcandorada a forma de viver» (87).

Mas a evocação de poetas e escritores de Lisboa não se esgota em Fernando Pessoa. Na cidade negra de Loude, pontuam outros vultos portugueses, tais como Gil Vicente (68), José Saramago (113), António Lobo Antunes (123) e Barbosa du Bocage (179-182). Dos surrealistas Carlos Calvet, Mário Henrique Leiria, João Artur Silva e Alexandre O’Neill, «poetas bandarilheiros», o escritor lembra «[d]ivertidas farpas metafóricas cravadas na espinha do regime salazarista» (129).

O fado, canção «destino» (17), aparece no Bairro Alto pela voz de Camané (48), conhecido intérprete da actualidade, e de Lay Korobo, um africano interessado em conhecer a sua origem: [t]odos os estudos sérios admitem o contributo das músicas veiculadas pelos Negros no início do século XIX para a complexa génese do fado» (185). No antigo salão de festas do Palácio Almada-Carvalhais, no Conde Barão, agora Club B.leza, «lugar africanizado com uma exposição de desenhos em ardósia, representando a vida na aldeia, cenas de pilão e um tocador de *kora*» (187), «sucursal de África» (188), onde se penetra nas raízes negras do fado: «[n]o século XVIII, em Lisboa, as danças na moda são a fofa e o lundum» (191); [c]om o dealbar do século XIX, o fado português está prestes a nascer, trocista e atrevido, no berço modesto e agitado das tabernas» (192).

A história do fado passa ainda pela Rua da Palma – «onde a mulata Maria Gertrudes dava mais vida à boémia» (193) –, pelo bairro da Bica – «essa fonte era propriedade do fidalgo Duarte Belo, cujo nome aparece ligado a esta calçada devido à sua fortuna (...) adquirida à custa dos escravos vindos de São Tomé para serem vendidos em Lisboa» (195) –, e em Alfama, na Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa – «um espaço objectivamente essencial» (196). Na Baixa, investiga-se o «fado censurado: o caso Mãe Preta» (197). No Quebra

Bilhas (Campo Grande), Loude encontra «a verdade dos retiros de fado» (212). Na segunda noite da sua estadia em Lisboa, o narrador janta «no coração de uma Lisboa sincera» e sai satisfeito, com a comida, a conta e o convite do patrão para voltar no dia seguinte, «dia de sardinhas e de peixes que ele prevê “excepcionalmente bons”» (48). Na Travessa da Peixeira, a São Bento, é onde se aloja, sempre com a mente nessa figura lisboeta que é a varina do Tejo – «ela que encarnava a feminilidade de Lisboa» (151), também nas ambulantes peixeiras cabo-verdianas, como Lucinda do Bairro das Marianas: «[L]evava o peixe à cabeça e gritava: Peixe, peixe fresco! Levava sardinhas, garoupas, chicharros, pescadas, polvos, lulas, chocos. (...) Passava à janela (...), parava numa esquina, perto de um café» (161).

O lugar-comum gastronómico junta às sardinhas assadas na brasa, o relevante bacalhau salgado, preparado com mil receitas. Para Loude, este confunde-se com a própria identidade nacional. Vende-se na Rua do Arsenal, onde «se desprende um intenso cheiro a Portugal»: «[a]s lojas servem de entreposto para munições indispensáveis à defesa da espécie portuguesa, à salvaguarda da sua identidade. Desde que surgiu um boato sobre o bacalhau ser um peixe em vias de extinção, a angústia aumentou no País, bem como o preço. Este peixe, apelidado de “fiel amigo”, não pode desaparecer da mesa dos Portugueses!» (38)

Lisboa na cidade negra também não esquece o terramoto de 1755. Dois santos negros, Santa Ifigénia e Santo Elesbão, foram venerados entre 1737 e o desastre de Lisboa «por uma congregação muito nobre, no Convento do Carmo» (104). Com o sismo e a derrocada desse espaço de culto «passaram (...) para o altar da modesta confraria de escravos e libertos da Igreja da Graça, onde vão juntar-se aos santos negros sicilianos» (104-5). Numa viagem pela Arte Antiga depositada no Museu das Janelas Verdes, o narrador observa atentamente *O terramoto de Lisboa 1755* de João Glama Stroberle¹ (1708-1792):

[F]ixou o horror provocado pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. Anjos voam sobre as ruínas. O chão está juncado de feridos. Os que escaparam erguem os braços ao céu. Padres de todas as congregações fazem sermões. Vítimas beijam o rosto de Cristo, apertam na mão uma cruz. Em primeiro plano, homens nus provam que perderam tudo. O céu está em chamas, Lisboa está destruída. No centro de toda essa desgraça lívida, uma criada negra ajuda a patroa a levantar-se e um negro atlético arrasta um cadáver pelos pés (167).

O Palácio Fronteira e o Museu da Cidade são os dois palacetes

¹ c.f. Serrão, Vitor (2005).

monumentais do século XVII que Loude elege para apresentar a presença negra na cidade de Lisboa, através dos azulejos. No primeiro, «[t]odas as paredes exteriores estão cobertas de azulejos profanos. Nem um único flanco escapou à febre decorativa que se apoderou do mestre fundador, D. João de Mascarenhas: cada balaustrada, banco, rebordo de lago ou nicho conta uma história ou apresenta um enigma» (130). No segundo, mais parcimonioso neste tipo de decorações, o foco cai sobre a vasta cozinha. Aí, o narrador descobre «uma parede coberta de azulejos», que apresenta «uma imponente criada negra que, de mangas arregaçadas, amanha um peixe» (134).

A cidade literária de Jean-Yves Loude é demasiado grande para se percorrer de eléctrico (Figura 1): ela estende-se a oriente até ao Aeroporto e ao Parque das Nações, com passagem pela Feira do Relógio, nos Olivais; a norte, Benfica, o Estádio da Luz e o Centro Comercial Colombo, prolongam-se à Cova da Moura; a ocidente, estão bem representados os monumentos, com o Palácio da Ajuda, a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o Padrão dos Descobrimentos, também o belo Jardim Tropical; ela ultrapassa os limites do concelho, não apenas para a Outra Banda do Tejo (Almada, Barreiro e Moita) mas para outros subúrbios interiores, em Oeiras e na Amadora. Ainda assim, o escritor conhece bem o itinerário do 28 (que é a imagem da capa), e é com ele que desliza pela velha cidade, de ruas estreitas e sinuosas, ouvindo «o silvo dos antigos eléctricos, que a velocidade faz abanar» (27). A cor amarela e os seus sons característicos fazem parte da referência a este lugar-comum: «[u]ma fila de eléctricos amarelos passa a guinchar nos carris. A porta está aberta, e os sons são amplificados pela estreiteza da Rua do Poço dos Negros; quase se espera ver a caravana a atravessar a sala do restaurante. Como a imagem fugitiva de um filme, rosto da bela mulata inscreve-se no vidro da janela do eléctrico 28» (109).

O eléctrico 15, que ruma da Baixa para o extremo ocidental ao longo das artérias ribeirinhas, leva-o «à Videoteca Municipal de Alcântara, na paragem do Largo do Calvário» (235), talvez também a Belém e a Algés.

***Eléctrico W²*, de Hervé le Tellier**

Antes ainda do capítulo que intitula “En guise de prologue”, o escritor inclui dois excertos de poesia (7). O primeiro, de Emily Dickinson, afirma «If I can stop one heart from breaking/I shall not live in vain». O segundo, numa versão francesa, transcreve-se quatro versos de “Tabacaria”, (de Fernando Pessoa,

2 Até à data, não existe uma tradução portuguesa do romance *Eléctrico W*, pelo que todas as citações são referenciadas à edição original, em língua francesa.

aliás Álvaro de Campos): «Quando quis tirar a máscara,/Estava pegada à cara./ Quando a tirei e me vi ao espelho,/Já tinha envelhecido». A epígrafe poética prepara o leitor para o romance intimista e centrado nas intrigas amorosas das personagens, conduzindo-o para a problemática do disfarce – ser outro e ser o próprio – e do sofrimento interior. Uma Lisboa imaginada está presente e cumpre a sua missão enquanto cenário.

Pessoa lugar-comum de Lisboa vai colar-se, aqui e ali, às personagens principais: António Flores, fotógrafo nascido no Bairro Alto, pelo mundo itinerando, entre o Botswana, o Rio de Janeiro, Londres e Paris, onde reside «dans le vieux Belleville» (20); Vincent Balmer jornalista e tradutor francês, com morada na Rua de São Paulo, «tout près du port de marchandises». Vai colar-se também a alguns dos locais imaginados que, por corresponderem a topónimos reais (nesta obra nem todos o são), puderam ser projetados no mapa de Lisboa (Figura 1): o Rossio, a Baixa, a Brasileira do Chiado e sempre as margens do Tejo, o rio e os barcos: «[j]e suis sorti, j'ai marché jusqu'aux berges, jusqu'aux reflets noirs de l'eau, et j'ai longé les quais, sans songer vraiment à rien. J'ai attendu l'aube, l'accostage du premier ferry, l'ouverture des bars du port, le bruit de chaudière de percolateurs pour me décider à rentrer» (43).

O eléctrico, talvez também lugar-comum, como escreveu Rolin, dá o título à obra – assim grafado em português – e assume-se local comum de António e Canard – «Cátia Moniz – l'appeler Canard n'a plus guère de sens» (285) –, o jovem par desencontrado nos anos de 1970 que o romance não logra juntar:

L'Électrico W, c'est le tramway-funiculaire jaune et blanc qui emporte chaque matin – sauf le dimanche et les jours fériés – sa cargaison de ménagères et d'employés. Une antiquité, c'est vrai, mais par tous les temps, il les charrie sans faille du vieux quartier du Bairro Alto jusqu'aux encombrements enfumés de Baixa (21);

Tónio et Canard se sont abrités dans le tunnel du W (...). Au matin, quand le jour naissant fait s'allonger les ombres dans le tunnel, ils font l'amour, avec une maladresse confiante. Tout est neuf, et les corps sont si présents qu'ils n'existent pas (28).

Tal como em todas as obras anteriormente analisadas, o icónico Convento do Carmo relembra o terramoto de 1755. Com Vincent, António revisita o monumento, e relembra *in situ* as brincadeiras e namoros da adolescência: «[j]e chassais les lézards, je détrisais les fourmilières, j'escaladais les parois jusqu'à la voûte: de là-haut on voit toute la ville basse. Plus tard, avec Canard, on s'embrassait là, juste au pied de ce mur» (52).

Há no local uma atmosfera de catástrofe, que a ruína conservada do edifício mantém viva. E há uma memória fixada noutras narrativas, que o escritor evoca com o poema de Voltaire (*Poème sur le désastre de Lisbonne*, publicado em 1756). «C'est ci, en 1755, pendant le tremblement de terre, que Dieu est mort. Et puis, aussi, il y a quatre ans...» (53), diz António. Estará este a referir-se a um terramoto interior, a sua derradeira tentativa de reaproximação à mulher amada? «Si tu n'est plus toi, je ne veux plus de toi» (277), terá ela afirmado nesse desencontro. Como em "Tabacaria" de Álvaro de Campos, António terá feito de si o que não soube, e não o que pôde fazer³.

Do Palácio a Cacilhas: itinerário imaginado com diálogo provável

Fevereiro de 2012. Num dos terraços sobre Alfama, os três escritores franceses desfrutam descontraidamente o sol invernal e o céu limpo. Rolin prefere contemplar a cidade através da bruma, quando esta se abate sobre a cidade, já todos o sabem. Ele sabe que para os turistas é uma decepção, porque lhes falta metade do panorama: «Et c' est là que c' est beau. Sur tout l' estuaire roulent d' eclatants nuages d' où émergent seuls les deux pylônes du pont suspendu et le Crist-roi géant qui ouvre les bras sur les passes»⁴. Loude concorda: «les nuages paraphrasent le relief et répètent les collines dans le ciel»⁵

Le Tellier propõe sair do Palácio Belmonte e chegar mais perto: « [p] assé l'après-midi dans l'Alfama, à nous promener sans but...»⁶. Loude proporá o Aqueduto das Águas Livres: «un aqueduc considérable, comparable aux plus remarquables entreprises romaines, long de dix-huit kilometres six cents, amène l'eau du ruisseau des Aguas Livres. Cent neuf arches ont été construites entre 1728 et 1748; la plus haut atteint soixante-cinq mètres. Considérable, n'est-ce pas?»⁷, ou mudar de colina no eléctrico 28, e passar um fim de tarde com o Adamastor, no quiosque das cervejas em Santa Catarina: «L'endroit est à la mode, judicieusement suspendu dans le ciel de Lisbonne, au-dessous des grues du port»⁸. Le Tellier apoia: «au vaste miradouro de la rua Santa Catarina qui surplombe les docks et le port»⁹. Loude segue explicativo: «La sculpture date de 1927. Les irrévérencieux de la nuit lui ont peint les lèvres en vert, maquillage stupide de tagueurs qui bâillent à la lune, chient des mégots et pourrissent le sol. Adamastor ahane, souffle, mugit, roi échoué, secret dénudé, extrémité du

³ No poema "Tabacaria": «Fiz de mim o que não soube/E o que podia fazer de mim não fiz.»

⁴ "Lisbon revisited", *Circus 1*, 936

⁵ *Lisbonne dans la ville noir*, 299

⁶ *Elétrico W*, 164

⁷ *Lisbonne dans la ville noir*, 65

⁸ *Lisbonne dans la ville noir*, 80

⁹ *Elétrico W*, 25

corps d’Afrique ramenée enchaînée»¹⁰.

São inevitáveis as muitas recordações da Lisboa literária, ali revisitada, que tal como eles, se debruça sobre o rio: «Et, au fur et à mesure que disparaissaient les autres souvenirs, c’est la ville elle-même de Lisbonne que est devenue, assez étrangement, le corps effacé d’Alfama, ce sont ses collines, ses rues et ses toits inclinés vers les couleurs changeantes du Tage...»¹¹.

Loude evoca Almada Negreiros: «Nous avons tous les fleuves donc nous avons besoin. Le Tage en est le plus grand: il est né en Espagne, comme d’autres, mais il n’a pas voulu y rester»¹². Sugere, então, uma travessia no barco e um jantar em Cacilhas: «C’est bien là qu’ il faut venir, à Cacilhas, sur la terre d’ en face, pour contempler Lisbonne, laisser cours son admiration, tracer à main levée le dessin des collines et détailler les pins culminants, repérer les dômes et les nommer»¹³ Isso! Aplauso geral: «le va-et-vient des ferry-boats et des funiculaires, la silhouette des grues et des grandes coques de Cacilhas dans le soir...»¹⁴

Alguém lembra a sabedoria que desaconselha comer sardinhas nos meses com *r*. Alguém lembra pataniscas de bacalhau com arroz de feijão. Como no Quebra-Bilhas, diz Loude, onde «l’authentique Lisbonne se trouve toujours derrière une porte dérobée, au fond d’un couloir qu’on a suivi sous l’influence d’une fantaisie brusque»¹⁵. Alguém lembra que o Retiro fechou em 2006, e que dele só restam as memórias.

Cais do Sodré, «quai dénaturé par les véhicules n’est plus la scène ouverte où s’est donné le grand spectacle populaire de la vie, permanent pendant des siècles»¹⁶. O cacilheiro solta a amarra e lança-se para a outra margem. Debruçado na varanda do barco, Rolin partilha com Loude pensamentos sobre *O Bar da Ressaca*: «Je me revis marchant avec elle, avec ce vide qui tenait lieu d’elle, sur Terreiro do Paço, au sortir du Martinho (...) les feux s’allumaient sur la cote sombre de Cacilhas e d’Almada»¹⁷. Le Tellier pensa em Custódia, o marceneiro do enredo de *Eléctrico W*, morador no Pragal, um lugar que se adivinha na Outra Banda.

À chegada, Rolin parece absorto pelo movimento das águas. Le Tellier vem tocar-lhe no ombro, e perguntar-lhe se o inquieta o desastre de Lisboa.

¹⁰ *Lisbonne dans la ville noir*, 82

¹¹ *Bar des flots noirs*, 107

¹² *Lisbonne dans la ville noir*, 170

¹³ *Lisbonne dans la ville noir*, 299

¹⁴ *Bar des flots noirs*, 107

¹⁵ *Lisbonne dans la ville noir*, 242

¹⁶ *Lisbonne dans la ville noir*, 170

¹⁷ *Bar des flots noirs*, 115

A resposta é quase sussurrada: é Amália, afinal. Le Tellier engana-se ainda, e elogia a famosa fadista, Amália Rodrigues. Mas Rolin mantém o olhar fixo no Bugio, lugar onde a sua Amália passou com destino a Angola. Loude aproxima-se para lhe lembrar diferentes histórias africanas. Aponta a Praça do Município: «les captifs, à leur descente de bateau, étaient rangés dans des magasins, au sein de la maison des Esclaves. Là, ils étaient enregistré, répartis par lots, soumis à l’inspection méticuleuse des acheteurs potentiels»¹⁸

Os escritores seguem para a boca do rio, aproximando-se do Ponto Final (assim se chama o restaurante). Caminham ao longo de um paredão que, de um lado, serve armazéns semi-arruinados e, do outro, serve de ancoradouro e cais. Lisboa observa-se num único relance. Loude murmura nomes: «‘place du Commerce’, ‘basilique Estrela’, ‘Panthéon national’, ‘église São Vicente de Fora’, ‘château Saint-Georges’ ou ‘nuages’»¹⁹. Mais uma vez, Le Tellier desafia o mutismo de Rolin, falando do passado: «Lisbonne, capitale ouverte sur les mers, me semblait un mélange d’exotisme et de civilisation»²⁰. No seu registo, ele responde: «le train de Cascais, celui d’autrefois, pris avec Amália pour aller nous baigner là même où je verrais disparaître le paquebot qui me l’enlevait...»²¹ Nesse «quai des adieux»²² (como Loude designou Cacilhas), prometem-se saudades, reevoca-se a literatura, recita-se de cor um excerto do poema “Saudade”, de Fernando Pessoa:

Um dia a maioria de nós irá se separar.
Sentiremos saudades de todas as conversas jogadas fora,
As descobertas que fizemos,
Dos tantos risos e momentos que compartilhamos.
Saudades até dos momentos de lágrima, da angústia,
Das vésperas de finais de semana,
De finais de ano,
Enfim... do companheirismo vivido.

Saudade, um sentimento similar à nostalgia, que não é, afinal, exclusivo do povo luso. Mesmo se a identidade de Portugal se identifica com um labirinto de saudade a precisar de um «discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmo temos forjado» (Lourenço 1988, 12). «Antonio Tabucchi livrait récemment un article provocateur sur les bonnes manières de ce suicider à Lisbonne,

18 *Lisbonne dans la ville noir*, 44-5

19 *Lisbonne dans la ville noir*, 299

20 *Elétrico W*, 17

21 *Bar des flots noirs*, 116

22 *Lisbonne dans la ville noir*, 298

évoquant em conclusion la possibilité d'y mourir de nostalgie»²³, comenta Loude.

Saudade, lugar-comum que não será fácil definir e identificar com citações dos textos, mas que se sente em enredos, descrições e diálogos. Liga-se com a memória e com o afastamento. Essa é a matéria dos livros destes escritores. Por isso, a despedida é feita também de desejos de voltar. Voltar em comum? Talvez... com novas narrativas.

Soam as palavras francesas para a despedida: *Au revoir! À bientôt, mes amis!*

Bibliografia

Besse, Jean-Marc. "Cartographie et pensée visuelle. Réflexions sur la schématisation graphique". Laboulais, I. (dir) *Les usages des cartes (XVIIe-XIXe siècle). Pour une approche pragmatique des productions cartographiques*, 19-32. Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 2008.

Collet, Michel. *La pensée-paysage*. Arles, Actes du Sud, 2011.

Dematteis, G. *Progetto implícito. Il contributo della geografia umana alle scienze del território*. Milano, Franco Angeli, 1995.

Le Tellier, Hervé. *Électrico W*. Paris, Éditions Jean-Claude Lattès, 2011.

Loude, Jean-Yves. *Lisboa na cidade negra*, tradução de Manuela Mendonça Torres. Lisboa, Dom Quixote, 2005.

----- *Lisbonne dans la ville noir*. Arles, Actes du Sud, 2003.

Lourenço, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Dom Quixote, 1988 (3ª edição).

Rolin, Olivier. *Paisagens Originais*, tradução de Jorge Fallorca. Lisboa, Asa, 2000.

----- "O meu chapéu cinzento". *O meu chapéu cinzento*, tradução de Adelaide Cervaens Rodrigues, 9-25. Lisboa, Asa, 2001.

----- "Cidades, livros". *O meu chapéu cinzento*, tradução de Adelaide Cervaens Rodrigues, 27-36. Lisboa, Asa, 2001.

----- "Lisbon revisited". *O meu chapéu cinzento*, tradução de Adelaide Cervaens Rodrigues, 89-96. Lisboa, Asa, 2001.

----- "Lisbon revisited". *Circus I. Romans, récits, articles (1980-1998)*. Paris, Seuil, 2011.

----- *Bar des Flots Noirs*. Paris, Seuil, 1987

²³ *Lisbonne dans la ville noir*, 271

----- . *O Bar da Ressaca*, tradução de Teresa Coelho. Lisboa, Dom Quixote, 1989.

Serrão, Vítor. "1755 e as imagens de Lisboa: a alegoria ao terramoto de João Glama Stroberle". Buescu, Helena Carvalhão e Cordeiro, Gonçalo. *O Grande Terramoto de Lisboa. Ficar diferente*. Lisboa, Gradiva, 2005.

Agradecimentos

Ao Daniel Alves, agradeço a colaboração na preparação dos mapas dos locais mencionados nas obras.

Ana Isabel Queiroz é doutorada em Arquitectura Paisagística e membro integrado do IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Tem publicado trabalhos académicos nas áreas do ecocriticismo, história ambiental e ecologia da paisagem. Coordena o projecto "LITESCAPE.PT - Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental" (<http://paisagensliterarias.ielt.org>).



Ficção

A cidade está no bolso de um larápio

João Eduardo Ferreira

A geografia ostensiva desta cidade é uma séria protectora das artes do furto. Não digo isto apenas pelas duas dimensões cartesianas com que os nossos olhos habituaram o cérebro a imaginá-la em mapa belo e estratega, de vincos lineares, no início rijos, depois rombos, por fim, rotos e besuntados. Ruas estreitas, impecavelmente sinuosas, lançando uma libidinosa piscadela de olho ao visitante através de claras indicações semióticas: ora os sinais a cores primárias, hospitais, correios e locais para estacionar o carro, ora em tons pastel, os rios, os parques ou os cemitérios... Repito: esta cidade é excelente para quem se ocupa a capturar os bens alheios também na sua terceira dimensão. O azimute que une o chão ao céu e junta lá no alto os telhados de Alfama, forrando o cobalto atmosférico com o encarnado das sardinheiras e o cheiro dos refogados. Esquinas suspeitas e pátios esconsos por onde se esgueiram as crianças fugindo aos berros das mães e, neste caso muito concreto, também o gatuno que me levou um mês inteiro de trabalho.

(Acabam de roubar a minha pasta!)

E se o mapa pode continuar a existir no bolso de um outro, a cidade em causa, construção mental que fui defendendo através dos livros de História e do romance quinhentista que me trouxe até aqui, essa deixou de existir. Momentaneamente, espero eu... Porém, não tenho muita esperança: a memória é useira e vezeira em falhar-me quando se vê espoliada dos apontamentos e notas de pé de página que colijo directamente sobre os livros que ando a ler. Desembarquei em Lisboa a convite de certa comunidade de leitores, com sede numa amável livraria do topo da cidade, especializada em obras sobre a capital, que me pedira para apresentar “O último cabalista de Lisboa”. O autor, Richard Zimler, fez-me viajar no comboio descendente desde Nova Iorque (em 1956, ano do seu nascimento) até à velha-nova Constantinopla – nova-velha Istambul (em 1530, ano em que o protagonista do romance, o sefardita Berequias Zarco, decide regressar ao meridiano médio onde nasceu, Lisboa). Com eles segui eu, espreitando amiúde pela janela, para que não me distraísse, errando o apeadeiro. Quando por fim cheguei estranhei-lhe o nome. Estação do Oriente. Afinal de que lado ficaria a América, de que lado andaria a Ásia? Mas não perdi tempo, apesar de já sentir alguma fome por uma bica cheia,

dirigi-me para o metropolitano que circulava entre o raizame metálico das árvores altas e brancas da estação. Abri o mapa e acompanhei o patriotismo do referido colorido semiótico: para alcançar o Rossio seguiria a linha Vermelha trocando depois pela Verde, na Alameda. Lá em baixo, senti o aconchego entre carruagens e viajantes, aparentemente seguros no interior de um comboio subterrâneo, guiados por um maquinista sem rosto, quase místico, abrigando os passageiros com o cuidado dos que reservam livros sagrados na *geniza*. Local oculto a corpos estranhos mas aberto ao espírito mais livre das palavras imaginadas. Um espaço cujo mistério apenas se adensa para quem não atende à verdadeira dádiva, ao verdadeiro sacrifício – «Uma ideia lançada no futuro em troca da presença fugidia deste corpo!» poderia argumentar o mestre cabalista Abraão Zarco a seu discípulo e sobrinho, Berequias.

Chego de comboio e regresso à superfície desta cidade real, coberta por um metafórico firmamento azul, quase frio, que conheço sobretudo de conversas fotográficas e teorias urbanas e literárias. A Praça do Rossio ostenta ainda, a um dos topos, o Palácio dos Estaus, e abre-se em espaço aberto aos edifícios mais altos e recuados, Hospital de Todos-os-Santos e Igreja de S. Domingos. Não muito longe, as fogueiras lançam chamas altas e fumo carnicheiro. Mal começara o mês de Abril de 1506 e cerca de dois mil cristãos-novos eram perseguidos, mortos e lançados ao fogo neste mesmo rossio que agora calco. Apesar de trazer a lição estudada, continuo a desconhecer a razão primeira da expulsão dos judeus em 1492 pelos reis católicos, D. Fernando e D. Isabel de Castela e Aragão. Já a reiterada expulsão por D. Manuel de Portugal, quatro anos mais tarde, está muito bem explicada. Um modo estranho dos reinos peninsulares desejarem unir-se pelo matrimónio enquanto redigiam tratados para apartar os territórios e riquezas de um universo que haviam encontrado além-mar. Mais difícil de justificar é o desconhecimento actual e generalizado de crimes tão metódicos. O céu esplendoroso de Lisboa não deveria ter capacidade para, tão célere, desentranhar o cheiro da carnificina destas paredes... Será que a memória social é tão perversa e leviana que se organiza para esquecer-se a si mesma?

Sigo caminho. Debaixo do braço levo a pastinha, porventura reciclada de algum fastidioso congresso de filólogos, dentro vão os elementos para a sessão de leitura. Sou dirigido pelo mito turístico inscrito na badana do meu agora saudoso mapa. Atravesso a Baixa até à Rua da Conceição, àquela hora com pouco movimento no amontoado de lojecas que vedem bibes, batas, botões, bandeiras e fitas de nastro. Apanho o eléctrico 28 em direcção à Sé,

colocando-me no renque de turistas basbaques que atrapalham três velhas trôpegas enervadas com a lentidão estrangeira. Apesar de tudo, o ambiente é animado, luminoso e oscilante, ao sabor das mudanças de direcção e do freio. Vamos direitos à Madalena, rua, largo e igreja. Depois, tropeçamos em curva para o largo da Igreja de Santo António de onde já mal se avista a Sé Patriarcal, que, dizem, há bem pouco exhibia, num dos seus cunhais, a extraordinária pedra decorada a veados e pavões.

Por ali, são muitas as mochilas, as fotografias, as línguas diferentes. A paisagem, contudo, é apenas uma. O percurso só não é mais curto porque também sou contagiado por essa narrativa colectiva feita de olhar aéreo, com o céu e o rio embutidos em frontarias austeras e desconhecidas. A campainha do 28 retiniu várias vezes, e o Aljube foi rápido a tocar o Limoeiro, nessa ânsia que os carcereiros sempre tiveram em oferecer aos cativos o nostálgico sentimento de um miradouro sobre as águas livres. Eu sabia que a pequena livraria andaria por perto, que exhibia à porta uma couve portuguesa, mesmo contra a retórica pouco inspirada do edil camarário. A planta crucífera ali estaria oferecendo as boas-vindas a clientes e transeuntes... mas era mais do que certo que já havia ficado lá para trás... Rua Augusto Rosa. Só me lembro dessa outra indicação botânica ao confundir o passo do meu olhar no sobrelevado de raízes, tronco, empedrado e rua, a topografia de uma árvore exótica, ali mesmo ao largo do Limoeiro, a bela sombra de uma centenária *Phytolacca dioica*. Os meus olhos, porém, seguiam para diante. Dali à pérgula-ancoradouro de Santa Luzia distava um segundo apenas! «Castelo, castillo, chateau, castle, Burg...!» gritou lá à frente o enfado do guarda-freio para quem o quisesse ouvir. Logo sai meia turba de estrangeiros, num tal alvoroço que não pude deixar de sorrir. Quem me seguiu o sorriso, não haja dúvida, foi um circunspecto rapaz, portuguesinho de gema, brilhante quadrado na orelha, calças milimetricamente surradas, que, a meu lado, rolava o cigarro entre os dedos...

Meu dito, meu feito. Mal o eléctrico atingiu a paragem no Largo das Portas do Sol, abrindo as portas à metade restante da turistada, arranca também o larápio, agilíssimo, pernas para que vos quero, surripiando a minha querida pasta para dentro do seu blusão. Lá se iam a história de Richard Zimler, a Cabala e a memória da cidade. Em alvoroço calado, vi-as distanciarem-se como um balão de hélio atraído pela estratosfera. Ainda corri ao terraço-esplanada e debrucei-me do corrimão sobre a mal afamada Alfama atentando no traço desaparecido daquela corrida. Nem cheguei a gritar o «Agarra que é ladrão!» pois essa foi a tarefa pouco convicta de dois ou três solidários da zona que me

acompanharam na breve correria, sempre afeitos a uma boa aventura em tarde solarenga e desocupada. Logo me esclareceram que nem valia a pena ir atrás deles, ainda menos se fosse o Joní ou o Goivas..., pois ali era fácilimo esgueirarem-se por uma qualquer porta invisível. Nem sequer apresentar queixa, que as autoridades sabiam muito bem quem eles eram, que não lhes faziam nada e libertavam-nos no dia seguinte, a mais com o país no estado em que andava, a crise e os gatunos do governo... O melhor era esquecer e ir beber um copo que pagavam eles. Instintivamente, levei a mão ao coração por cima do casaco. A minha carteira continuava no fundo do bolso interior!... Respirei fundo e o coração foi amainando de encontro à carteira. Lembrei-me que lá permanecia o texto que o autor me enviara por *e-mail* para distribuir aos leitores durante a sessão. Já as cópias, também elas, estariam agora sumidas algures entre os tijolos e a argamassa que, um dia, haviam albergado as alegrias e tristezas de muitos judeus, aqui, lá mais em baixo, talvez na Rua de S. Pedro, moradores da Judiaria Pequena de Lisboa.

Desdobrei a pequena folha A5 redigida em inglês. Um pequeno e belo texto que fazia aproximar um leigo superficial da superfície da Cabala, essa fórmula cuja profundidade será, por todos e para sempre, impossível de mensurar na íntegra, mesmo utilizando os mais fiáveis instrumentos e o mais intenso exercício mental. Um jogo contínuo, paradoxal e poético, que fundamenta o misticismo judaico pelo menos desde o século XII, e que afirma possuir o sonho a sexagésima parte do poder da profecia. Uma vocação que treina a capacidade de meditação e abstracção espiritual do homem que se vê perante o irreduzível desconhecimento do Cosmos e de Deus. Talvez um código, um método, uma energia, para quem tenta atingir igualmente o coração, a alma e a razão do homem. Eterna e sistemática repetição, escrita e oral, a partir de textos sagrados, pela qual a simples gota, que é o indivíduo, poderá desaparecer (permanecendo) no oceano de Deus. Construir-se-á, assim, o Caminho mas não uma morada, um caminho que, em síntese, conterà a Morada...

Deste modo, perto das Portas do Sol fiquei sem lugar, contemplando todavia um Lugar. Fui deixando de escutar... Os ouvidos zuniam como cigarras no Verão e o olhar refrangia a luz vinda do Mar da Palha... A cidade a decair ao rés do rio e, mais além, o Barreiro e a Arrábida, tão abstractos e azuis que, lentamente, vi o mapa particular subtraído de marcas físicas e sinais essenciais. Apenas algumas linhas perpendiculares delimitando a súbita presença interior de Lisboa: «O mapa de uma cidade está nos pés de um mendigo cego», oiço dizer atrás de mim. Mas quando me volto não vislumbro a sombra sábia do

velho Abraão Zarco. Quem falava era a parte que dele permanecia em mim. Na realidade, o que nós guardaremos é tão-somente o que em nós resiste, aquilo que em nós pertence...

(Também o livro me foi miseravelmente roubado!)

Na voraz elasticidade do gatuno, escadaria da Cerca Moura abaixo, eclipsou-se o exemplar que eu havia profusamente esgrafitado para complementar a conversa do escritor com a leitura de excertos da obra. Era uma confortável versão de bolso, letra não muito miúda, papel reciclado, bem revista e melhor traduzida do inglês. Saído de uma 19ª edição, atestando o sucesso que o romance granjeava desde 1996, data do lançamento. Exemplar muito relido, folhas vincadas e capa a encaracolar nos cantos, que eu logo imaginara ver autografado pelo autor. Uma daquelas obras raras cuja primeira e veloz leitura nos deixa intrigados, quase desconfiados, mas que leituras sequentes acabam por nos derrotar, negociando a profundidade da nossa emoção. Objecto estranho, muito nosso, que nos põe sobre as agulhas da angústia quando o perdemos ou sabemos nas mãos de quem não o estima, imaginando-o a ensopar os fluidos mal cheirosos de algum caixote de lixo... Um ladrão nunca deve reciclar o lixo!

Vejo-me, agora, mais ou menos como comecei, quando me telefonaram a propor a apresentação deste livro volante. A diferença é que me encontro de pé, sozinho, frente a um mar que não o é e a um céu que, por certo, o acompanha. E ainda faltam duas horas para o breve encontro, combinado para minutos antes da sessão com um autor que não conheço pessoalmente. (Acreditará ele na história que tenho para lhe contar? Eu acreditei na dele!) Tal como o ex-meu livro, também agora não me sinto aqui, também não estou nesta narrativa. O personagem, eu, imita um Phileas Fogg que, apesar de viajado, perdeu a aposta e a companhia do desenrascado Jean Passepartout. O cenário, esse plagia os fortuitos romances de Olivier Rolin, antes crónicas de paixão geográfica e realidades afectivas. O guião parece sair das cabriolices literárias de Enrique Vila-Matas. Mas como não me arrego a liberdade de me comparar a tais vultos, o meu estômago afasta os assomos fatigantes de Pessoa e Freuds lembrando-me a fome redobrada por uma bica cheia e, já agora, por um desses pastéis *Alfama*, cuja reputação, segundo o meu mapa-roteiro, é bem melhor do que a do bairro branco-negro que lhe deu nome.

Degrau a degrau, desço a escadaria que se encosta à Igreja de Santa Luzia até atingir a intrigante Rua de Norberto de Araújo. Espreito por umas janelas floridas mas não vejo cortinas ou televisões hiperactivas. Apenas um

pátio sobre o qual pendem restos amarfanhados de um Santo António que definiu. Para além, abre-se de novo a largueza obstinada do Tejo. É como se caminhasse numa casa virada do avesso, por um corredor que gozasse conosco e mostrasse o seu contrário. Por aqui passou o meliante literato, desaparecendo por uma porta inexistente, se bem recordo as palavras ditas pelas solícitas figuretas lá em cima... Sigo à esquerda pela Calçadinha da Figueira e mesmo antes de chegar à Rua Castelo Picão, o largo transforma-se numa sala de estar onde nem faltam duas cadeiras de assento estufado, espaldar alto, decrépitas mas imponentes, talvez ali dispostas por uma das muitas colectividades e agremiações que por aquelas bandas exibem os estandartes e a barulheira comunitária. Não me sento mas recordo a leitura do meu Cabalista enquanto passeio numa Alfama árabe e judaica. As narrativas sobrepõem-se, glosando um mote semelhante e atrapalhando-lhe a destrinça. Se o romance de Richard Zimler, que conta a perseguição real dos cristãos-novos na Lisboa rica e cosmopolita no início do século XVI, estava classificado como «ficção», já o roubo de que eu fora vítima podia considerar-se «realidade». Curioso era o facto de ambas as histórias estarem ligadas por um ladrão de livros incógnito, uma porta não menos misteriosa ou um alçapão sobre o qual um fio fazia deslizar o tapete cúmplice.

A imaginação singra vias sinuosas, embora só raras vezes invente qualquer coisa de verdadeiramente novo. De um modo geral, o que faz é unir narrativas através de associações ou silogismos, criando objectos ambíguos que a razão amiúde rejeita por civilidade ou sobrevivência. Este é um dos casos. Sei que não é justo equiparar situações, mas uma ideia híbrida vai sendo urdida efabulando uma realidade que não me foi nada favorável: nas Portas do Sol, alguém foge roubando-me um livro que conta, por sua vez, o roubo de uma *Haggada*, livro sagrado que descreve o êxodo do povo judeu. Berequias procura o ladrão e o assassino num mar de pistas e rostos. Suspeita que o mestre Abraão, ilustrador de textos sagrados, tal como ele próprio viria a ser, terá desenhado o rosto do assassino numa das páginas, fazendo-o representar o perverso Aman, o persa, do Livro de Ester. A busca incessante leva o leitor a percorrer as quatro centenas de páginas do romance não sabendo que a mesma imagem revela igualmente o rosto do herói, Mardoqueu, judeu que se opôs a Aman, salvando o seu povo na fuga do Egipto para a Terra Prometida. Discretamente, apenas pretendo recuperar o fio de uma memória e não desiludir os leitores que tão generosamente se reunirão dali a pouco para celebrar em conjunto a vida do herói literário que cada um reinventa na intimidade da

própria leitura. Na parte que me toca no interior da novela que agora recrio, desconheço se decepcionei o vilão pelo espólio que sacou. Se assim aconteceu, talvez ele se tenha evaporado, em cólera, a partir de uma das janelas contraditórias da Norberto de Araújo ou, pelo contrário, venha a descobrir na minha papelada o motivo vital que lhe faltava, transformando-se em ladrão-chique, Arsène Lupin de Alfama, dedicando o tempo livre de furtos à olisipografia dos muitos credos e dos *globetrotters* literários.

Entusiasmado com a minha nova estratégia, continuei a descer pátio a pátio, arco em arco, até embicar, precisamente à latitude do Beco das Cruzes, com um casal de jovens japoneses. Tinham ficado impedidos de passar, e eu com eles. Ali retidos, fingiam, com educação oriental, entender o discurso que se fazia ouvir a alta voz. Um grupo de pessoas, amplo em número e área ocupada, embaraçava as esquinas que confluíam naquele ponto. De olhar afiado sobre os cadernos escritos e mapas interpretados, fitavam pedras nas ombreiras e desníveis na calçada. Alguém lia poesia como se fosse a rábula urbana de uma revista à portuguesa, enquanto os outros seguiam atentos à leitura que descia as linhas como socalcos. «...Estou a vê-la cingida Ao corpo delgado e quente Desse esbelto carpinteiro! E vejo-a, dias depois, nervosa, afastar-se dele Chamando-lhe: trapaceiro...» Titubeante, fraca figura, o *compère* citava os versos curtos como se fossem um rol de minimercado falido. Aquelas palavras, saídas porventura de uma canção de António Botto, circulavam no ar imperturbável dos japoneses e nas migalhas da toalha do almoço que, entretanto, alguém sacudira de uma janela. De modo imperceptível, forjava-se uma familiaridade que se incrustava nas paredes do bairro como a tinta que as branqueava. As casas, as pessoas, as palavras, agregavam-se numa representação única e estranha... Uma peça que persistia, entre a comédia e a tragédia, mesmo quando o grupo leitor avançou subindo a colina que eu havia percorrido. Segui em sentido contrário, em direcção ao rio, perdendo o rasto aos jovens orientais numa ruela enviezada. São Miguel e Santo Estêvão esperavam-me, talvez impacientes. Na realidade, ali António Botto vivera, ali fora destruída a Sinagoga centenas de anos atrás, ali o jovem Berequias de 20 anos, traído pelo assassinio de seu mestre inspirador, palmilhara túneis invisíveis e vielas pouco solidárias na tentativa de reunir a família que a loucura política e colectiva dispersara.

Naquele instante, a busca incessante de Berequias diluía-se na ampla tranquilidade de uma família em comunhão, fazendo pairar no meu dia, em planos análogos, residentes e gente estrangeira. E apesar de ser eu o forasteiro entre eles, via sucederem-se uns e outros, equilibrados nos pratos de uma

balança que sopesasse sagazmente a irmandade das ruas. Eu, como fiel cego de um julgamento, devia observar tudo, digo, devia absorver todos os objectos que a paisagem me consagrava. E eles eram muitos e faziam-se expor em simultâneo: roupões, alpergatas e vasos com salsa; quispos *northface*, botifarras *merrell* e teleobjectivas *nikon*. Personagens que se cruzavam como se a rua fosse a casa que recebe uns primos vindos de longe e que chegam cedo demais: todos se alegram mas ninguém se sente à vontade. E sobre a curiosidade e a cerimónia perpassa o barulho. Sim, é isso, o barulho! São precisamente os sons a ecoarem entre janelas e pátios opostos, como ameias abertas nos muros altos, que me orientam no espaço e me devolvem a familiaridade de uma sala de jantar em época de Páscoa judaica, como sagração da caminhada dos povos. Todos estão presentes, sobretudo os que já não poderão regressar. Escondem o que os divide para ruidosamente partilharem o que os une. Na sala está a mesa posta da cerimónia, mas lá fora, no centro do pátio, como uma pintura naturalista, ergue-se o limoeiro a celebrar a amizade das religiões vizinhas: ali conversam o falador Berequias e o mudo Farid. Se olharem para cima, junto à muralha, distinguirão mais limões amarelos, mesmo ao lado de uma laranjeira carregadinha... A festa do êxodo aguarda lá dentro... E no labirinto obscuro da casa, como uma alma, como uma protecção, sob o alçapão dissimulado, cinco degraus de pedra grosseira, está a cave. Imaginamos o esconderijo, as tintas, o cheiro de pigmentos e papel, as iluminuras que decoram a mística da Cabala, um íbis-sagrado a guiar o passo de Moisés sobre o pântano viperino... Ainda mais abaixo, o poço, a *geniza*... E do outro lado, a passagem secreta.

(Alguém lá entrara e desaparecera com o livro!)

Finalmente, acompanhando a aguardada bica bem cheia, desfizera a fome não com um mas com dois pastéis do bairro, que, como seria de esperar, me souberam a amêndoa e limão. Só nesse momento tive consciência do tempo que ficara a contemplar os ruídos que aquelas casas haviam orquestrado exibindo, orgulhosas, uma festa quotidiana que ali era vivida há muitos séculos. E eu nela nem 30 minutos me detivera e, todavia, o tempo parecia fugir de mim a sete pés. Estava agora mais ou menos perdido e não me restavam muitos minutos para chegar ao local combinado com o escritor. Devia voltar rapidamente ao topo da colina. Mas um viajante que se preze, mesmo que literário, não pode regressar trilhando o mesmo caminho. A olhar para o relógio, pago desajeitadamente o meio-almoço tardio e saio da penumbra da pequena pastelaria para o meio da rua estreita, embora iluminada a preceito pela luz muito branca, de ribalta. Desorientado, apesar de me serem apresentados so-

mente os dois lados da Rua de S. Pedro e de a minha memória notar à esquerda o Largo do Chafariz de Dentro, viro direito ao Largo de São Rafael. E sem tomar mais cuidado senão com o meu próprio atraso horário, claro!, esbarro em alguém... De modo literal, reencontro o poliglota casal de japoneses, ouvintes cuidadosos de poesia portuguesa. (Só agora noto que são dois rapazes.) Entre sorrisos cerimoniais, peço desculpa talvez mais pelo meu preconceito sobre uma suposta indefinição de género nipónico. Seguem eles depois no sentido oposto, pouco comprometidos, de mão dada, tão naturais que espantam o meu espanto. Serão namorados ou amigos, ou namorados e amigos? Tanto faz o grau ou natureza do sentimento que levam, o facto é que me lembram a inabalável amizade entre o judeu Berequias e o silencioso muçulmano Farid. A amizade acima de tudo, porventura o único fundamento que não é questionado ao longo de todo aquele romance de mistério e violência.

Mas eu tinha de partir quanto antes, não só pelos ponteiros do tempo, mas fazendo jus também à permanente ansiedade do cabalista insone! Vou descendo, apesar de saber que devia estar a fazer precisamente o contrário. Mesmo assim, sigo a contradição – o enredo mais comum e mais amado na literatura de todos os tempos. Começo a sentir-me no centro de um percurso dentro de uma cidade teórica, criada por muitos textos recentes e antigos, relatos ficcionais ou crónicas fiéis a memórias idealizadas. Começo a ter na ponta da língua o fio condutor pelo qual conduzirei os leitores da Comunidade da Sé através da premência do discurso de Richard Zimler: a angústia mais sentida de Berequias Zarco. Ele não pode esperar nem hesitar, vive em tempo de guerra e, na ausência do seu guia espiritual, tem de avançar em busca da verdade por entre a falsidade, o mal-entendido, a usurpação e o medo. Berequias procura a solução sobre a desconfiança que invade a cidade inteira e até a própria casa. Está sozinho e exausto, a dúvida instala-se no seu coração, mas tem de prosseguir para sobreviver e fazer sobreviver. É nesse ponto exacto que o livro se abre revelando a dimensão clássica de Herói!

Tinha eu chegado ao remanso final da Rua da Judiaria. Entre águas, furnas e a evocação de antigas termas, olho os degraus descompassados e os rochedos a descoberto. O eco era perfeito mas longínquo. Quem teria corrido por ali antes de mim? A Fonte do Poeta murmura vários nomes mas eu não os ouvia. Zelava em surdina pelas mais difíceis confissões e pelo sono fugaz do sem-abrigo que dorme debaixo do saco-cama imundo, a coberto do Arco do Rosário. Sonhará ele com outro refúgio, melhor alfama? Passo por ele em silêncio e saio do bairro, aliviado por abandonar as velhas muralhas e encontrar

um Terreiro do Trigo. Assim, de repente, o espaço desafogado refaz o sonho do vagabundo que, cego ou não, reserva para si o mapa secreto da cidade. Faça de conta que navego para outro mundo, talvez fantástico, porém criando aos meus olhos uma imagem muito real. Imagino amendoeiras a rodearem as campas dos judeus assassinados e vejo, no centro dessa quinta, a torre onde Be-requias e o seu amigo mudo aguardam a dramática Dona Meneses. Ela chega da luz doentia e perante o desaforo dos maltrapilhos, num gesto teatral, arranca o colar do pescoço e espalha as contas pelo chão: «Demasiadas esmeraldas em jogo!» Não havia réstia de dúvida: eram muitos os livros desejados, demasiados livros desaparecidos!

Mas já não vou a tempo de poesias. Dirijo-me em passo acelerado para o Campo das Cebolas mas não vislumbro sombra de local eleito pelos guias turísticos. Apenas um terreiro triste e sem trigo, algumas fachadas emporcalhadas, ruas que se empilham por baixo de contentores mercantes, três pombos sem pata, um multibanco abandonado e com falta de liquidez, um chafariz dito d'El Rei, com nove, sete ou três bicas, de onde não brota pinga de água mas algum cheiro a mijo retardado... Estou de novo sozinho e começo a ficar inquieto com a minha conhecida propensão para imaginar desgraças irreversíveis. Não é preciso muito para atribuir a mim próprio finais em desalento, apesar de todos os livros que li e de tanta filosofia que apregoo nas aulas. Não sei onde encontrar a porta escondida no paredão que me dará, uma vez mais, acesso à colina.

Aproximo-me de um rapaz encostado à porta de uma tasca, garrafa de cerveja pendurada na mão, pé na parede. Mas desnor-teado momentaneamente, dou dois passos atrás, hesito. Será o Joni ou o Goivas? Não! Este tem boné NY revirado a dois terços e usa um fato de treino branco com letras vermelhas esparramadas... Vistoso demais para larápio de literatura! Avanço de novo.

«Você entra já aqui pelo Arco de Jesus, passa pelos Armazéns do Linho, sobe sempre. Depois, não tem nada que enganar, vira à esquerda, na Rua São João da Praça e, um pouco mais à frente, sobe as escadas do Quebra-Costas. E já lá está!» Respiro fundo e sorrio para dentro. Estou feliz por, apesar do meu azar, ele não me ter espetado uma faca na barriga e agradeço a expedita informação topográfica. Mais agradeço os dois cartõezinhos que me entregou para, caso apreciasse, ir ouvir uns fados, a partir das onze, ali bem perto. Casas sérias, fadistas castiços e cozinha portuguesa que era um mimo... Sigo trepando pelo caminho aconselhado, guardando os cartões no bolso. Por associação mnemónica de papelinhos, reparei que dentro da pasta também abalara o

recibo que tinha pedido na estação de comboios, imprescindível para a organização me ressarcir da despesa do transporte. Um prejuízo menor a somar ao mar do meu infortúnio de viajante irresoluto e professor de linguagens dúbias. Mas o meu espírito ia embalado pela reorientação dos passos no interior da narrativa do escritor. As agruras de percurso eram toldadas pelas luminosas benfeitorias da leitura.

O Sol todavia foi de pouca dura quando enfrentei o Quebra-Costas. Uma vez mais, o sacrifício perfilou-se ao olhar do meu futuro breve. O dia anoitecia subitamente confrontado com o número agressivo de degraus daquelas escadas. Após todas as provações por que havia passado, teria ainda o meu coração, mal apoiado nos pouco exercitados pulmões, de responder a tal desafio? Uma tarefa hercúlea ao alcance exclusivo dos super-heróis editados nas páginas de livros mais ou menos aos quadradinhos... Devagar, vou trepando o pendente que, por gravidade ou curvas de nível, só deveria servir para ser descido, e alcanço a razão pela qual Lisboa, a trabalhosa, é tão citada na literatura. Sentado no sofá, lendo-a descrita, outrora maravilhosa, nas folhas de papel, ela era indubitavelmente menos cansativa... Ah, a cidade de Ulisses, mas também de Sísifo, o supliciado, ou de Zaratustra, o que sempre ascende! Tanto na prosa como na poesia, longas escadarias são sinal de sacrifício e redenção, imagem a que não deve ser alheia a libertação de certa energia espiritual que, no sentido oposto, é conseguida por acumulação de energia potencial, obtida esta por tensão muscular e oxigenação. O ritmo cardíaco acelera e a taquicardia regressa. As pernas não correspondem, a respiração torna-se rápida e superficial, as temporadas vacilam por baixo do suor e do tempo que se esgota. Suspendo a subida ofegante, encosto-me à parede. Mas o cérebro incita-me a prosseguir, incessante, a escalar continuamente a encosta, para além do cansaço, para além de um vazio que se amplia e avança sobre a ausência do livro que eu deveria apresentar dali a minutos. Dificilmente chegarei lá acima mas, mesmo que o faça, terei eu depois coragem para agarrar o trabalho que me foi proposto e com o qual eu, de livre vontade, me comprometi em época bem mais horizontal e tranquila? Se não o vou conseguir, por que corro eu contra mim próprio? Caminho por penitência, talvez pelo dever de honrar uma vontade abstracta que se aproxima dessa energia simplesmente espiritual à medida que sinto a do corpo esvair-se. Nesse segundo, em que a consciência contacta com a falência física, revelando-a, deveria confrontar-me com o poder real de uma visão: estaria, por fim, justificada tanto a perseverança como a expiação!

Detenho-me outra vez, mão nos rins, a outra a limpar o suor da testa com o lenço. A luz regressa como clarão vindo do topo final do declive que eu teria de conquistar. Por entre a reverberação cardíaca irradiando a partir da Rua do Barão, vejo o manto de uma figura que bem poderia pertencer à imagem bíblica criada desde a infância pelos muitos filmes vistos em domingos de Páscoa cristã. Identificava a representação do cabalista desaparecido, amorosamente descrito por Richard Zimler. Abraão Zarco descia devagar, em levitação, como no cinema, alertando para a pureza de uma missão magnânima que, em simultâneo, se consubstanciava no desafio prosaico e débil que me obrigava a colocar o pé após o pé naqueles degraus sem fim. Não falava, nem sorria, mas deslizava suavemente observando com a tranquilidade da onisciência. «São anjos. Os livros são criados por letras sagradas, tal como os anjos. Um anjo não é mais do que um livro a que foi dada a forma celeste», falava o silêncio. Olhava ele para trás e completava a frase muda com as figuras que o seguiam, como uma procissão consciente do poder imaterial que sustentava. São mais, muitos anjos que obrigam um livro a completar-se, não pela violência das suas ausências mas pelo amor eterno inscrito em cada um dos nomes redescobertos pelas páginas aladas. Seguem-no rindo, sem dar por mim, o pequenino Judas de mão dada com seu irmão, Mardoqueu. De jilabas árabes e descalços, vêm Farid e seu pai, Samir. Quando passam por mim, o filho devolve-lhe as sandálias encontradas. Reconheço o valor daquela entrega. Desce igualmente a irmã Cinfa com sua prima Reza que, 23 anos mais tarde, era resgatada de um território hostil no extremo ocidental da Europa. Conversam sobre o pão colectivo na época de Páscoa, sob o olhar pacificado de tia Ester. Mais figuras descem, incógnitas, para que eu lhes atribua as identidades próprias de uma ficção que agora é apenas minha. Através do que fui, e da minha actual fadiga, é recriada uma verdade sustentada pelas imagens transfiguradas do livro de Richard Zimler. Serão elas leituras apenas, transcendendo o livro físico que me foi roubado. Sinto agora como vantagem esta libertação da realidade. Recupero a narrativa redentora de um espírito que procura o significado maior de um texto infindo, como a molécula de ar que só se revê no interior da imensa atmosfera a que pertence, mesmo que deste modo se liberte do seu finito particular.

Um bando de aves percorreu a faixa de céu que se estendia como passadeira voadora sobre o Beco do Quebra-Costas. Vinham elas alegremente no sentido contrário ao das figuras radiosas. Ligam sobre o azul, o rio, a cidade e este casario intriguista que insiste em manifestar as cumplicidades que lhe são segredadas. Uma gaivota paira, como o íbis de olhos cor de prata que indicou

ao profeta o rumo da viagem. Estorninhos formam bandos esculturais e redefinem iluminuras nas *haggadas* celestes. Páginas aéreas surgem associadas a colibris, pupas, rolas, rabirruivos ou pardais. Falcões extravagantes riscam como setas o esplendor da tarde que vai já caindo. São as aves que me guindam até ao último degrau da escada, fazendo-me reentrar no ténue halo da Rua do Barão. Inusitadamente, sinto-me restabelecido, quase revigorado, desejando voltar de imediato ao texto que me conduziu ali. Não deveria ficar longe a livraria onde teria o prazer de lançar, como qualquer *croupier*-prestidigitador, as cartas mágicas e misteriosas que fazem uma ficção passada na realidade triste do século XVI metamorfosear-se na realidade dos leitores durante duas horas do seu futuro. Subo um pouco mais e reconheço a dura pedra da Sé. Volto a respirar com os meus pulmões. O coração e o cérebro retomam a compreensão. Não quero saber de mais, fico a sentir a tarde como se fosse aquela a hora de uma celebração ancestral. E, como tal, as falsas coincidências surgem como actos há muito estabelecidos. Uma senhora vagarosa cruza-se comigo levando um cãozinho pela trela. Tem a pata traseira entrapada, mas vai feliz, traz na boca um osso tão perfeito que não pode ser real. O cão Belo poderá ter encontrado o pretendido mas tenho a certeza que não deixará de procurar o que ainda lhe falta desejar. Mais acima, na varanda superior do prédio em frente, assoma um gato em tom contemplativo, dono de sua casa e do mundo. Reconheço a gata Roseta, com o colar de cerejas, também ela senhora da cidade e do Sol. Quando baixo o olhar para junto do que agora sou, vejo as jovens folhas púrpuras de uma árvore de fruto, porventura retirada da abundância de um pomar da Pérsia, uma Pérsia livre de Aman. A ameixeira fazia, complacente, sombra sobre uma couve altiva... Uma couve portuguesa! Afinal tinha chegado... e a tempo!

Alguém de entre os que se demoravam no pequeno jardim suspenso reconheceu-me e veio ao meu encontro, demonstrando certos sinais de aflição. Era o afável casal dono do estabelecimento que se apressou a perguntar-me o que se passava. Ao que respondi que se tinha passado muito pouco. Apenas me haviam surripiado o livro, zarpando com todos os documentos que preparara para aquela tarde de leitura. Mas ninguém me tinha feito mal, e até tinha sido um favor, pois devia ser sempre a ideia a prevalecer sobre o objecto e jamais o material a comandar as nossas acções. A verdade seria procurada em contínuo através da imagem que os textos transcendentais nos comunicavam, e os livros teriam muito mais valor se fossem transmitidos oralmente. Assim, a fórmula recebida do leitor anterior seria invariavelmente enriquecida com a ideia do leitor seguinte – estão a ver, uma cadeia filosófica... Por isso, encontrava-me

ali prontíssimo para a sessão! Até me sentia muito bem e livre, muito perto da espiritualidade mística que, a partir daquele dia, pretendia aprofundar. Aos poucos, todos se aproximaram, olhando-me de um certo modo desusado. Um deles tomou-me o braço e fez-me sentar no banco de jardim. Reconheci-o como o leitor desajeitado de António Botto no Beco das Cruzes. Verifiquei, aliás, que aqueles eram os ouvintes de poesia no bairro de Alfama e que se agrupavam ali para escutar precisamente as histórias que o escritor tinha para contar sobre «O último cabalista de Lisboa». Fiquei mesmo muito entusiasmado quando a caridosa organizadora do encontro se acercou, trazendo-me uma chávena de chá e uma fatia de bolo de chá. Achei maravilhosa tal oferta e lembrei quão inspiradores e musicais eu sempre achara os pleonasmos. A literatura erudita e os contos populares estavam cheios deles! Logo percebi que tudo iria correr bem, principalmente quando me deixaram sozinho naquela belíssima sala de estar ao ar livre, saboreando o chá e o bolo. Tinham eles corrido para dentro porque em breve dar-se-ia início à palestra sobre os tipógrafos e topógrafos que se dedicavam a examinar Lisboa através de relatórios inclinados e níveis de bolha literários. Coloquei a chávena a meu lado e o meu pensamento afastou-se ronceiro atrás do paralelismo brilhante do eléctrico 28.

«Boas tardes», oiço uma voz estrangeirada sussurrar no interior do meu ligeiro alheamento, onde eu contemplava a beleza do Tejo e tomava um tranquilo pequeno-almoço num terraço, bem ao estilo quinhentista do palácio de Belmonte. Na direcção oposta, a Quinta das Amendoeiras estendia-se serenamente sob o meu olhar. «Ouvi falar do que lhe aconteceu esta tarde...», Richard Zimler surgia vago, em contraluz, transmutado em Berequias Zarco. Usava um chapéu de aba larga como os dos forasteiros errantes escolhidos por paisagens que partilham o oriente extremo e o oeste mais selvagem. Um pouco mais distante, distingui a sombra silenciosa de Farid. Ignorava se o sonho se imobilizara ou avançava apenas na minha imaginação... «Trago no bolso um exemplar do Cabalista assinado, para si.» Ouvi-o como se regressado de um ponto perdido do meu abstracto entendimento. «Não se esqueça que os livros são como os pássaros, têm asas e voam. Partem, sim, mas regressam sempre numa Primavera qualquer.»

(Mas, afinal, se não tem um fim definitivo ou uma morada certa, como poderá alguma vez um livro ser roubado?)

Sobre a 17ª sessão da Comunidade de Leitores de Paisagens Literárias de Lisboa.

“O último cavalista de Lisboa” de Richard Zimler. *Fabula Urbis*, 4 de Fevereiro de 2012

[Lisboa, 1506 - 1991 - 1996 - 2012]



Desenho de Richard Zimler a propósito dos passos de Berequias Zarco por Lisboa. Grafite sobre papel, 1991.

João Eduardo Ferreira é Engenheiro Silvicultor e funcionário do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Colaborou em alguns periódicos sobre discos, livros e filmes e, como escritor, publicou *Corpos Estranhos – na Quinta, na Biblioteca, na Lagoa* (2007), *azul 25 linhas* (2011) e *Contos Adventícios*, Tomo I e Tomo II (2012), na editora Apenas Livros.

LITESCAPE.PT – Paisagens literárias de Portugal Continental

É uma série académica que inclui artigos, ensaios, crónicas e outras narrativas, que explora a relação entre a paisagem e a literatura. Publicam-se trabalhos de investigação desenvolvidos no quadro do projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (<http://paisagensliterarias.ielt.org>) e outros textos de temáticas relacionadas.

Este volume reúne textos sobre paisagens literárias de Lisboa. A oficina internacional “Lisboa nas narrativas: olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea” (1 e 8 de Fevereiro de 2012, Palácio Belmonte e Livraria *Fabula Urbis*, Lisboa) serviu de catalisador a esta produção. Partindo de representações da urbe produzidas por escritores estrangeiros nos últimos três séculos, os resultados aqui apresentados refletem sobre o manancial de imagens, ideias e conhecimentos contidos no imaginário de Lisboa, gerando novas narrativas sobre a cidade.